



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE DANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DANÇA

JÉSSICA ALANA LOPES MENDES

**Dançografias de corpos indígenas em luta:
Acampamento Terra Livre e Marcha das Mulheres Indígenas**

Salvador

2023

JÉSSICA ALANA LOPES MENDES

**DANÇAGRAFIAS DE CORPAS INDÍGENAS EM LUTA:
ACAMPAMENTO TERRA LIVRE E MARCHA DAS MULHERES INDÍGENAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Dança, Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia, como requisito para a obtenção do grau de Mestra em Dança.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Márcia Virgínia Mignac da Silva

Salvador

2023

Dados internacionais de catalogação-na-publicação
(SIBI/UFBA/Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa)

Mendes, Jéssica Alana Lopes.

Dança grafias de corpos indígenas em luta: Acampamento Terra Livre e Marcha das Mulheres Indígenas / Jéssica Alana Lopes Mendes. - 2023.

136 f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Virgínia Mignac da Silva.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Escola de Dança, Salvador, 2023.

1. Danças indígenas. 2. Danças indígenas - Aspectos sociais. 3. Danças indígenas - Aspectos políticos. 4. Resistência na arte. 5. Corpo humano - Aspectos simbólicos. 6. Teoria Corpomídia.
I. Silva, Márcia Virgínia Mignac da. II. Universidade Federal da Bahia. Escola de Dança. III. Título.

CDD - 793.3

CDU - 793.3


JÉSSICA ALANA LOPES MENDES

**DANÇAGRAFIAS DE CORPAS INDÍGENAS EM LUTA:
ACAMPAMENTO TERRA LIVRE E MARCHA DAS MULHERES INDÍGENAS**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em Dança, Escola de Dança, da Universidade Federal da Bahia.

Salvador, 19 de dezembro de 2023.

Banca examinadora

Prof.^a. Dra. Márcia Virgínia Mignac da Silva – Orientadora 
Doutora em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica,
São Paulo Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em
Dança (PPGDança-UFBA)

Documento assinado digitalmente

gov.br

GILSAMARA MOURA

Data: 10/03/2024 12:17:43-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof.^a. Dra. Gilsamara Moura _____
Doutora em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica,
São Paulo Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em
Dança (PPGDança-UFBA)



Prof.^a. Dra. Ruth Silva Torralba Ribeiro _____
Doutora em Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação
em Dança (PPGDança-UFRJ)

em uma

espiral

dedico a

todas

todos

e todes

que vieram antes de mim

mãe

pai

avó

avô

a todas todos e todes

ancestrais

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha ancestralidade, minha avó, mãe, pai. Agradeço a Nhandecy, mãe natureza, sem o seu respiro eu não teria inspiração. Agradeço aos Povos Originários, minhas amigas e amigos parentes, e carinhosamente aos que cederam seus sopros-som-espírito para a escrita desta dissertação: Kelly Guajajara, Noro Guajajara, Tauan Terena, Isabella Terena, Gabrielle Terena, Salma Nudhya Fulni-ô, Liz Rocha, Rosa Kambeba, Valdineia Matos, Tamikuã Faustino, Marinete Almeida, Tainara Kambeba, Mateus dos Santos, Axuapé Kayapó.

Agradeço ao apoio de amigas, amigues e amigos queridos que me apoiaram durante todo o momento do mestrado, sendo o último muito difícil por diversas questões que implicam essa corpa, Txahá, Saniwe, Maria Flor Guerreira, Luanna, Henrique Yukio, Yoshio, Miguel e Alexandre (que estão distantes, mas os sinto), Milena, Fer Ricci, Carol Gonzaga que me ajudou muito com a escrita, Paulo Yamawake que é um antigo amigo, entre outras, outres e outros que acompanham minha jornada.

Agradeço ao Centro Albor de Arte e Cultura (El Alto-BO) e a todas as pessoas residentes de Jacha Tantachawi, vocês me deram força para finalizar essa dissertação. *Jallalla!*

Agradeço também à minha orientadora Márcia Mignac por esse compartilhamento, a banca Ruth Torralba e Gilsamara Moura, que acolheram essa escrita e a Universidade Federal da Bahia.

Agradeço a Instituição CAPES/CNPq, que possibilitou a escrita dessa dissertação com seu apoio financeiro.

Aguyvejete!

“Minha neta, é na dança que você sabe se realmente vai ter perna pra lutar”

Marinete Almeida ao citar Yai Poari

RESUMO

A presente dissertação tem como objeto de estudo as danças realizadas nos anos de 2021, 2022 e 2023 em duas mobilizações indígenas: Acampamento Terra Livre (ATL) e Marcha das Mulheres Indígenas (MMI). O objetivo principal é analisar as danças das corpas indígenas, como potência de vida em co-existência diante da colonialidade. Assim como, compreender a movência enquanto herança ancestral e coletiva, para a continuidade de suas corpas-territórios, diante de relações estabelecidas entre dança indígena, corpo, cognição e enfrentamento às políticas de estado. Para tal, utiliza-se uma abordagem metodológica que combina revisão bibliográfica e pesquisa de campo (via aplicação de entrevistas semi-estruturadas com as corpas indígenas participantes das mobilizações que constituem o *corpus* da pesquisa). No tocante à revisão bibliográfica, destaca-se os seguintes autores: Helena Katz (2005); Christine Greiner (2005); Eliane Potiguara (2018); Geni Nuñez (2019); Sandra Benites (2018); William McNeill (1995); Ailton Krenak (2022, 2020); e Davi Kopenawa (2015). Além dos citados, o compilado de artigos *Literatura Indígena*, organizado por Trudruá Dorrico (2020), também é imprescindível para a pesquisa. A hipótese que aqui se levanta, considera a dança como um ato político e cognitivo de luta, na medida em que aciona elos musculares e ancestrais capazes de promover um ordenamento cinestésico e, portanto, o fortalecimento das corpas em modos de agruparem-se e resistirem coletivamente. Para resistir, enfatiza-se aqui a capacidade de estar em resiliência, de viver em espiral e em movimento contínuo junto ao coletivo.

PALAVRAS-CHAVE: Danças indígenas. Cognição. Luta. Teoria Corpomídia.

ABSTRACT

The object of study of this dissertation is the dances performed in the years 2021, 2022 and 2023 in two indigenous mobilizations: Acampamento Terra Livre (ATL) and Marcha das Mulheres Indígenas (MMI). The main objective is to analyze the dances of indigenous bodies as a power of life in co-existence in the face of coloniality and understand movement as an ancestral and collective heritage for the continuity of their corpas-territories, in the face of relationships established between indigenous dance, body, cognition and confronting state policies. To this end, a methodological approach is used that combines bibliographic review and field research (via the application of semi-structured interviews with indigenous bodies participating in the mobilizations that constitute the research corpus). Regarding the bibliographic review, the following authors stand out: Helena Katz (2005); Christine Greiner (2005); Eliane Potiguara (2018); Geni Nuñez (2019); Sandra Benites (2018); William McNeill (1995); Ailton Krenak (2022, 2020); and Davi Kopenawa (2015). In addition to those mentioned, the compilation of Indigenous Literature articles, organized by Trudruá Dorrico (2020), is also essential for research. The hypothesis raised here considers dance as a political and cognitive act of struggle, as it activates muscular and ancestral links capable of promoting kinesthetic ordering and, therefore, strengthening bodies in ways of grouping together and collectively resisting. To resist, the ability to be resilient, to live in a spiral and in continuous movement with the collective, is emphasized here.

KEYWORDS: Indigenous dances. Cognition. Fight. Corpomedia Theory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Família da autora por parte materna.....	17
Figura 2 - Tamikuã Faustino Pataxó, Aldeia Mãe Barra Velha - Caraíva/BA.....	28
Figura 3 - Marinete Almeida Ye'pa Mashô Tukano, Manaus/AM.....	29
Figura 4 - Falsa Cobra Coral em espiral, nas mãos da autora.....	33
Figura 5 - Mulheres do Povo Patashoop na II Marcha das Mulheres Indígenas. Werymehe Braz e Cris Braz.....	45
Figura 6 - Rio Doce morto.....	46
Figura 7 - III MMI.....	49
Figura 8 - Mateus Karai Mirim, Etnia Guarani Mbya. Aldeia Tenondé Porã, São Paulo-SP....	51
Figura 9 - Ana Liz Rocha Tupinambá, Aldeia Tetama - Olivença.....	57
Figura 10 - II Marcha das Mulheres Indígenas.....	60
Figura 11 - Maria Flor Guerreira (MG) no acampamento da Segunda Marcha das Mulheres Indígenas, em Brasília, ocorrido no mês de setembro de 2021.....	62
Figura 12 - Mulheres do povo Guarani em rezo durante a II MMI.....	64
Figura 13 - Evelin Cristina Tupinambá com sua filha.....	66
Figura 14 - Mulheres em marcha, ATL 2022, em Brasília-DF.....	72
Figura 15 - Valdineia Pereira Matos Tupiniquim, Aldeia Caieira Velha - Espírito Santo.....	77
Figura 16 - Retrato de Salma Nudya Fulni-ô.....	81
Figura 17 - Não ao genocídio.....	87
Figura 18 - Fora.....	88
Figura 19 - III Marcha das Mulheres Indígenas.....	89
Figura 20 - Cartografia Espiral.....	92
Figura 21 - Joelma Guarani (Tatá).....	100
Figura 22 - Mulheres Indígenas na Política.....	102
Figura 23 - III Marcha das Mulheres Indígenas, 2023.....	105
Figura 24 - Lula demarcando os seis territórios no ATL.....	106
Figura 25 - Em Luta Pelo Território.....	107
Figura 26 - Ato na T.I Jaraguá em São Paulo, maio de 2023.....	110
Figura 27 - Espiral.....	112
Figura 28 - Mulheres Munduruku em Luta.....	113

Figura 29 - Mobilização de 2022	114
Figura 30 - Mulheres em Luta na III MMI 2023	115
Figura 31 - Werymehe Braz Patashoop	116
Figura 32 - Mobilização, 2022	117
Figura 33 - Luta pela Mãe Terra, 2021	118
Figura 34 - Entrevistada Isabella Terena	130
Figura 35 - Entrevistada Kelly Guajajara	130
Figura 36 - Entrevistada Rosa Kambeba	131
Figura 37 - Entrevistada Tainara Kambeba	131
Figura 38 - Entrevistado Tauan Terena	132
Figura 39 - Entrevistada Gabi Terena	132
Figura 40 - Entrevistado Axuapé Kayapó	133
Figura 41 - Povo Guarani	133
Figura 42 - Lideranças Indígenas Mulheres do Povo Guarani	134
Figura 43 - Foto da Autora	134
Figura 44 - Mãe	135
Figura 45 - Mães	135
Figura 46 - Rezo pela Cura da Terra	136
Figura 47 - Mulheres Sementes	136

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

ATL	Acampamento Terra Livre
MMI	Marcha das Mulheres Indígenas
MP	Ministério Público
MPI	Ministério dos Povo Indígenas
FUNAI	Fundação Nacional dos Povos Indígenas
STF	Supremo Tribunal Federal
FUNARTE	Fundação Nacional das Artes
APIB	Articulação dos Povos Indígenas do Brasil
ANMIGA	Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra
MMA	Ministério do Meio Ambiente

QRCODE

Você irá se deparar durante a dissertação com alguns *QRCODES*, mas o que são? Do inglês *Quick Response*, traduzido o português resposta rápida, são códigos (como um código de barras) que direciona para algum link.

A pesquisa, como um espiralar dinâmico, contém muitos vídeos das manifestações indígenas, então foram criados alguns códigos de mensagem rápida.

MANUAL DE INSTRUÇÃO

1. Abra a câmera traseira do celular e aponte para o código, caso seu celular não possua essa opção, você pode baixar alguns aplicativos específicos para isso;
2. Ao apontar a câmera, o celular irá ler o código e mostrará na tela um link;
3. Clique no link e aproveite!

Muitos vídeos que estão na dissertação, foram filmados pela autora. Para que então facilitasse a comunicação e a visualização dos vídeos foi optado pela criação dos *qr codes*. Além de ser dinâmico, apenas com um clique é possível assistir os vídeos e ter uma compreensão maior do que é o Acampamento Terra Livre (2022, 2023) e a Marcha das Mulheres Indígenas (2021, 2023).

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO...	16
1.1 Ñepyrũ	16
1.2 Das <i>dançagrafias</i> à escrita: Percurso- caracol...	24
2 CERRADO	30
2.1 Dançar para existir	30
2.2 Terra chamada Brasyl	35
2.3 Terra é corpo, corpo é terra	43
3 MATA ATLÂNTICA	52
3.1 Corpas que suspendem o céu: dança e corpas memória...	52
3.2 Corpa-Território em movimento - Movimento Indígena...	57
3.2.1 Marcha das Mulheres Indígenas (MMI) - 2021/2023...	61
3.2.2 Acampamento Terra Livre (ATL) - 2022/2023...	69
4 CAATINGA	78
4.1 Corpa-ambiente: memória ancestral	78
4.2 Resistência/Resiliência: recursos de continuidade das corpas em luta...	84
4.3 Dançagrafias	89
4.3.1 Corpa política - II Marcha das Mulheres Indígenas (2021, Brasília-DF)	93
4.3.2 Força ancestral contra as políticas de morte - II Marcha das Mulheres Indígenas (2021, Brasília-DF)	94
4.3.3 Mulheres sementes, mulheres árvores - II Marcha das Mulheres Indígenas (2021, Brasília-DF)	96
4.3.4 Joelma Guarani - Acampamento Terra Livre (2022, Brasília-DF).	98
4.3.5 Corpas-Territórios em resistência - Acampamento Terra Livre (2022, Brasília-DF)	100
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: AMAZÔNIA	103
5.1 Considerações: Vermelho Como Brasa	103
5.2 Carta-desabafo	105
REFERÊNCIAS	119
Referências de vídeos	123
Referências de filmes	124

Pessoas Entrevistadas.....	124
APÊNDICE.....	126
ANEXO A.....	128
ANEXO B.....	130

1 INTRODUÇÃO

1.1 Ñepyrú¹

Primeiro peço licença aos povos indígenas, pois para falar de um assunto tão complexo: danças indígenas nas mobilizações indígenas - Acampamento Terra Livre (ATL) e Marcha das Mulheres Indígenas (MMI), requer respeito e licença. Sou neta de José Carlos, um homem indígena da etnia Guarani, nascido no estado de São Paulo, que teve sua história tomada, quase apagada em meio aos processos da colonialidade². O que faz dessa escrita a possibilidade da retomada do meu sangue, vermelho como brasa, *Brasy*³. Os reflexos de ser parte de família de origem materna indígena reverberam muito nesta corpa e percebo como essencial trazer a luta indígena para a minha vida.

Reflito aqui, que para retornar ao caminho de casa, não seria possível sozinha. Considero que esta dissertação não se faz apenas pelas minhas mãos e sim com as palavras-espírito de outras pessoas indígenas, que com sua generosidade aceitaram ser entrevistadas para compor junto a esse trabalho, são elas: Kelly Guajajara⁴, Noro Guajajara⁵, Tauan Terena⁶, Isabella Terena⁷, Gabrielle Terena⁸, Salma Nudhya Fulni-ô⁹, Liz Rocha¹⁰, Rosa Kambeba¹¹, Valdineia Pereira¹²,

¹ Palavra que vem do guarani, significa *início*.

² O termo colonialidade é usado em consonância com o entendimento proposto pelos autores Restrepo & Rojas (2010).

³ Em alguns momentos Brasil será mencionado BrasYI, com Y (pronuncia-se “Ã”), vogal existente na língua tupi-guarani.

⁴ Indígena Mulher, trans, da etnia Guajajara, do Maranhão, trabalha voluntariamente como merendeira.

⁵ Indígena, LGBTQIAP+, da etnia Guajajara, do Maranhão, autônoma.

⁶ Indígena do povo Terena, do Mato Grosso do Sul, da Aldeia Limão Verde, estudante de Agronomia e professor da língua Terena.

⁷ Indígena Mulher do povo Terena, do Mato Grosso do Sul, comunicadora da rádio Terena.

⁸ Indígena Mulher do povo Terena, do Mato Grosso do Sul, estudante de Engenharia Florestal, comunicadora da Mídia Terena.

⁹ Indígena Mulher do povo Fulni-ô, de Pernambuco, artesã e transmissora dos saberes tradicionais.

¹⁰ Indígena Mulher, trans, do povo Tupinambá de Olivença-BA.

¹¹ Indígena Mulher do povo Kambeba do Amazonas, vive em Goiás, funcionária pública e estudante de Administração na Universidade Federal do Goiás (UFG).

¹² Indígena Mulher do povo Tupiniquim do Espírito Santo, trabalha em uma creche na aldeia e se dedica a cultura do seu povo.

Tamikuã Faustino¹³, Marinete Almeida¹⁴, Tainara Kambeba¹⁵, Mateus dos Santos¹⁶, Axuapé Kayapó¹⁷.

Assim, a cada dia que esta escrita se fazia e se faz como um ajuntamento de experiências, um ecoar de palavras das corpas indígenas, somado ao movimento de vai e vem do que eu sou. Segui como quem buscasse os caminhos luminosos dos espíritos, para chegar ao texto que aqui se apresenta. E quem sabe, tocar em outras possíveis lembranças da minha ancestralidade, que, por agora, só restaram o rezo com *petyngué*¹⁸.

E nas lacunas intervalares da memória, outra lembrança chega como um sopro de vida... Parte de mim em uma imagem fotográfica.

Figura 1 - Família da autora por parte materna



Fonte: Acervo pessoal.

¹³Indígena Mulher do povo Pataxó do sul da Bahia, coordenadora da arpin sudeste, artesã, palestrante e educadora da cultura.

¹⁴ Indígena Mulher do povo Tukano, mãe, ativista do Movimento Indígena, comunicadora da rede de Indígenas mulheres do Amazonas Makira' Eta, mestranda em Gestão Ambiental e pesquisadora das línguas indígenas.

¹⁵ Indígena Mulher do povo Kambeba do Amazonas, jovem comunicadora indígena.

¹⁶ Indígena, LGBTQIAP+, do povo Guarani Mbya de São Paulo.

¹⁷ Indígena, do povo Kayapó-Xikrin, Mebêngôkré, do sul do Pará.

¹⁸ Cachimbo sagrado, onde se reza com o tabaco.

A fotografia acima é da minha família. Entretanto, mais do que um registro de uns bons anos atrás, acredito eu, considero esta pretensa “captura” de um momento, borrado pelo tempo, uma parte do que sou, memórias, figuras, que compõem minha vida.

Com um olhar mais cuidadoso, é possível tentar acessar o que esta imagem comunica. Sinalizações e lembranças. Afinal, enquanto não lembrarmos que a natureza é a nossa grande mãe, onde é dela o ar que se respira, a comida que chega à mesa, de onde se vem, para onde se vai, a vida continuará sendo explorada e extinta.

Ter a foto entre os meus dedos, penso: o que é possível chegar até a mim com imagem, se faz dança no meu sangue. Uma dança espiralar, que iniciou antes e segue em composições com, para além das inter-relações espaço-temporais lineares. Dentro desta perspectiva, considero que as pessoas dessa foto também precisaram espiralar na vida, reconstruindo suas narrativas que foram arrancadas do seu modo natural de existir. Ainda crianças, meu avô e minhas tias foram levadas para o contexto urbano, após a morte da mãe. E quase a mesma história se repetiu com minha avó. E se repete em diversas histórias, em diversas famílias brasileiras, como traz Eliane Potiguara¹⁹ (2018, p.24) sobre os processos de embranquecimento no Brasil.

E para seguir nesta escrita-dança-espiralar, não tenho como não ser tocada pelas narrativas da minha família que me chegam. E para não ficar refém dos significados dados a cada memória, inclusive ao significado linguístico ocidentalizado, facultado à razão, convoco o escritor e ambientalista indígena Kaká Werá Jecupé²⁰ (2020), justamente para adentrar na compreensão de que a palavra é o sopro som da alma e tem extrema importância quando entoada. Logo para cada palavra que ousou escrever e que aqui se lê, não deve ser reduzida a sua grafia, e para além desta há de se tomar cuidado com as palavras que são emitidas.

Neste sentido, Jecupé (2020, p.28) chama atenção de que cada palavra contém um espírito. Assim, essas palavras-espíritos também são como *corpo-som do ser*, afinadas *corpomenteespírito*²¹, a palavra é o som sagrado que é entoado

¹⁹ Eliane Potiguara é uma escritora, professora e ativista indígena, do povo Potiguara.

²⁰ Kaká Werá Jecupé é um escritor Indígena da etnia Tapuia, porém acolhido pelo povo Guarani.

²¹ Escrito de forma unida, pois não considero a separação entre corpo - mente - espírito.

pelo corpo e tem sua morada no coração. Para isso, esses sons precisam estar afinados, e assim se faz a dança, afinando todos os espíritos. As vogais são os tons essenciais que formam o espírito.

Y. Soa como um “u” gutural e é o tom do angá-mirim raiz; vibra o padrão da terra do ser. Sua morada é na base da coluna. É o tom da vitalidade física, da concretização, da segurança, da determinação. Bater o pé direito no chão e liberar esse som é o ato guerreiro de estar firme no caminho. (Jecupé, 2020, p. 30)

Neste ponto, há um aspecto importante a ser salientado, pois antes de ser Brasil, é BrasYI, *Pindóreta*²² (ou *Pindorama*). Ou seja, *Pindóretá*, nomeado depois como Brasyl (vermelho como brasa), é terra vermelha de luta, é terra onde é necessário “bater o pé direito no chão” para o direito das corpas retomarem seus territórios. Y que vem do tupi. Y que vem da terra, do som da alma. Cito aqui também João Nyn²³ na referência da escrita com o Y, pois o escritor e artista potiguara abominou a letra i do vocabulário, trazendo o Y, em referência ao *tupy guarany*.

Mais do que entender outros significados e grafias da família linguística do tronco tupi, importa também adentrar no que for possível nas relações estabelecidas entre ser-sendo corpa e seus territórios. A impossibilidade de existir sem o direito à terra, uma vez que corpo e território formam um binômio inseparável. Isto é, o primeiro território da pessoa é o corpo e o corpo não pode existir sem a terra, pois sem terra não há moradia. Não à toa, o direito das pessoas indígenas sobre as terras é de natureza originária. Assim, “bater o pé direito no chão” e entoar palavras, configura uma ação de luta por um direito usurpado, para além da analogia entre movência e significado linguístico.

Neste viés, interessa pensar nas movências das corpas indígenas, e mais especificamente nas suas danças, entendendo-as também como reverberações dos processos sociopolíticos e, portanto, como um ato de insurgência diante dos confrontos da colonialidade.

²² Nome que o país tinha antes de ser Brasil, segundo Luã Apyka, educador, linguista indígena Guarani Nhandeva.

²³ João Nyn é dramaturgo, diretor e ator potiguara.

Apesar de estar ocorrendo o “aldeamento”²⁴ na política, com o recém criado Ministério dos Povos Indígenas (MPI)²⁵ no terceiro mandato do governo de Luíz Inácio Lula da Silva e com mulheres indígenas eleitas deputadas, entre elas Célia Xakriabá²⁶ e Sônia Guajajara²⁷ (que afastou-se para ser ministra do MPI), Joênia Wapichana²⁸ como presidenta da FUNAI²⁹, as reverberações da colonização ainda são grandes, com grande parte do Congresso Nacional Brasileiro composta por pessoas que não são a favor da luta indígena, defesa e nem das retomadas de seus territórios. O que em outras palavras significa dizer, que a política de expropriação dos indígenas de suas terras persiste e se aprimora em ajustamentos contínuos, sejam político-partidários ou não.

Assim, esta dissertação de uma maneira geral segue no fluxo das mobilizações sociais indígenas em defesa pela vida e pela terra. Uma vez que tem como objeto de investigação a dança no Acampamento Terra Livre (ATL) e Marcha das Mulheres Indígenas (MMI), em Brasília- DF, sendo a MMI no ano de 2021 e 2023 e ATL no ano de 2022 e 2023. Para tanto, objetiva analisar as danças das corporações indígenas, como luta e potência de vida em coexistência a um estado opressor e colonizador. Logo, a questão de pesquisa que poderia arriscar é: qual o papel da dança para as corporações indígenas nas mobilizações sociais Acampamento Terra Livre e Marcha das Mulheres Indígenas?

Dessas mobilizações, o Acampamento Terra Livre (ATL) surge em 2004, abrangendo as lutas das causas indígenas, e em 2019 surge a I Marcha das Mulheres Indígenas, movimentos onde a dança marca um ponto importante dentro destas corporações-territórios, que luta pela vida e por suas corporações-territórios.

A hipótese que se levanta, considera que a dança nas mobilizações indígenas desempenha um papel fundamental no fortalecimento das corporações em luta

²⁴ Como tem sido mencionado pelos povos indígenas: “aldear” a política, ou seja, mais pessoas indígenas ocupando cargos políticos.

²⁵ Ministério criado em 2023 no Governo do presidente Luíz Inácio Lula da Silva, em prol da defesa dos direitos dos Povos Originários.

²⁶ Deputada Federal indígena eleita pelo estado de Minas Gerais, pelo Partido Político PSOL. Do povo Xakriabá de Minas Gerais.

²⁷ Eleita Deputada Estadual em São Paulo, afastou-se do cargo para ser Ministra do MPI. Do povo Guajajara do Maranhão.

²⁸ Primeira mulher indígena a exercer o cargo de advogada no Brasil e ser eleita como Deputada Federal pelo estado de Roraima (2019-2023). Atualmente também é a primeira mulher e pessoa indígena a ser presidenta da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI).

²⁹ Fundação Nacional dos Povos Indígenas. Órgão indigenista responsável pela proteção, preservação dos direitos dos povos indígenas.

pela vida e pela terra. Justamente porque constitui-se também um recurso corpóreo de conexão ancestral e com a natureza. Deste modo a dança acionaria elos musculares (McNeill, 1995) e ancestrais, capazes de promover um ordenamento cinestésico e, portanto, o fortalecimento das corpas em modos de agrupar-se e resistir coletivamente. Logo, quanto mais essa corpa dançante se move com a outra, o sistema parassimpático e simpático modula a resposta corporal em fluxo, em prol de ajustamentos para continuar em processo *resiliativo*³⁰ e de resistência. E, para resistir, aqui enfatiza-se a capacidade de estar em resiliência, não apenas para superar os obstáculos, mas viver em espiral, em movimento contínuo junto as corpas-territórios. É nesta perspectiva que a dança se configura enquanto resistência-resiliência para as corpas indígenas nas mobilizações sociais, Acampamento Terra Livre e a Marcha das Mulheres Indígenas, selecionadas como o *corpus* da pesquisa.

Neste sentido, o foco da investigação tratou das corpas indígenas dançando juntas no tempo. E para tanto, recorreu-se ao historiador William H. McNeill (1995), em seu livro *“Keeping together in time: dance and drill in human history”*, para entender os ajustamentos evolutivos que o corpo faz ao mover-se com outros corpos, a exemplo da dança. O autor aposta na defesa de que o mover-se em grupo, de modo uníssono, gera uma “sensação de bem-estar generalizada [...] mais especificamente, uma sensação de alargamento pessoal, uma espécie de dilatação para fora, tornando-se maior que a vida, graças à participação em ritual coletivo” (McNeill, 1995, p.2).

Entende-se aqui, a dança como um encontro com a ancestralidade, sendo essa que dá forças para estar juntas, vivas, dançando no tempo. O corpo está em constante movimento, seja com a respiração, com o sangue correndo nas veias, com o funcionamento dos órgãos e a movência traz uma força geradora de vida.

Compreendo que a luta das mulheres indígenas não tange apenas a pauta sobre gênero, mas às lutas indígenas, a luta pela terra, a luta pelo direito da existência de suas corpas. Essas mulheres são a força guerreira, que a partir dos seus conhecimentos ancestrais estão presentes nos movimentos com suas corpas-territórios, sendo esse subalternizado, mas firme diante da luta. Considera-se

³⁰ Conceito utilizado por Sávio Jordan Azevedo de Luna, no ano de 2018.

que elas são a força da Terra. Não esquecendo as corpos de mulheres trans também silenciadas e subalternizadas. Uma vez que, importa ressaltar que essas corpos não se resumem apenas a cisgeneridade.

Desde a invasão no país, milhares de mulheres foram estupradas, humilhadas, violentadas, e infelizmente essa violência ocorre até hoje. É comum ouvir histórias de violência contra essas corpos, mulheres que tiveram suas vidas arrancadas, inclusive desaldeadas por conta de um processo histórico genocida e embranquecedor. Muitas famílias vieram da formação de uma história violenta contra essas corpos, que precisaram muitas vezes se submeter às condições precárias de vida (Potiguara, 2018, p.24).

Avançando, importa esclarecer que a abordagem metodológica empregada combina revisão bibliográfica e pesquisa de campo via aplicação de entrevistas semi-estruturadas às corpos indígenas participantes das mobilizações que constituem o *corpus* da pesquisa. Estrutura-se em 5 etapas: 1) pesquisa bibliográfica; 2) pesquisa documental; 3) pesquisa de campo, via coleta e produção de dados; 4) análise dos dados coletados e 5) vivências e experiências dançantes com as corpos indígenas durante a pesquisa de campo.

No que se refere a pesquisa bibliográfica, salienta-se que a Teoria Corpomídia (Katz & Greiner, 2005) como diagrama lógico de análise, diante das relações estabelecidas entre dança indígena, corpo, cognição, e enfrentamento às políticas de estado. Com o suporte das seguintes autoras e autores: Eliane Potiguara (2018), Sandra Benites (2018), Geni Nuñez (2019), Ailton Krenak (2022, 2020), Davi Kopenawa (2015), Kaká Werá Jecupé (2020), William McNeill (1995), e o compilado de artigos *Literatura Indígena*, organizado por Trudruá Julie Dorrico (2020).

Em continuidade com o constructo teórico-metodológico acima, preciso ressaltar que sem a vivência nas mobilizações - Acampamento Terra Livre (ATL) e Marcha das Mulheres Indígenas (MMI), em Brasília- DF, nos anos de 2021, 2022 e 2023, assim como a pesquisa de campo feita com as corpos indígenas, esta pesquisa não poderia seguir adiante. Motivo pelo qual, honro os povos originários e

peço licença para iniciar essa grande espiral, respeitando o lugar de fala³¹, que representa grande parte da minha luta também junto aos povos indígenas.

Contudo, antes de finalizar a escrita desta sessão, e, portanto, seguir para a leitura das próximas páginas, trago um assinalamento para a pessoa leitora.

A leitura aqui proposta, solicita entender sobre a imensidão da presença indígena e os seus modos de existir. Um exercício difícil para a pesquisa na academia, que costuma “podar nossas folhas”, nossas experiências. E talvez somente agora, o que sempre esteve ali, se tornou tão óbvio: o que vai ser apresentado nas páginas seguintes, não se trata apenas de uma dissertação sobre dança. Como também não se trata apenas da dança na luta indígena. É sobre muito mais. A vida que se coloca à disposição do outro e ensina a continuar em defesa da vida e da terra. Pois como explica o Cacique Babau da etnia Tupinambá: “Os encantados diziam que tínhamos que defender a terra, que nos defendia, e a terra nos deu tudo porque tivemos coragem de enfrentar quem a violava” (Carnevalli, *et al*, 2023, p.31).

Talvez por isso, a indagação que me corpou³² ao estar em luta com as corpas indígenas, ressoa até os dias de hoje: como eu mesmo me constituo a partir do que vivi?

E você cara pessoa leitora, qual ou quais serão as suas compreensões para além do conhecimento acadêmico em dança produzido?

Assim, convoco você, a seguir comigo e com as corpas indígenas presentes nesta escrita. Seguir COM³³ – como uma política de vida, pois somente o encontro com as lutas e os recursos aqui apresentados, pode nos colocar em contato com aquilo que é inegociável. E, neste sentido, a vida das comunidades indígenas é uma convocatória de luta para todas as pessoas. Sigamos nessa grande espiral de luta e bem viver dos povos originários.

³¹Referencio a filósofa Djamila Ribeiro sobre o conceito de lugar de fala. RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? Belo Horizonte (MG): Letramento, 112 páginas, 2017 (Coleção: Feminismos Plurais).

³² Referencio Helena Katz (2021), ao trazer a ideia do corpo também enquanto verbo, ou seja, “corpar” seria tudo o que se passa ao corpo, todas as informações, e o corpo se torna verbo (p.29).

³³Aqui faço uma referência a Professora Doutora Gilsamara Moura, que vem utilizando esta preposição como estratégia contra o *ethos* neoliberal. Uma vez que ser estar com o outro, é a condição necessária para existir nos dias que correm. Logo, aqui, entende-se que pesquisar é também investigar e construir conhecimento COM o outro e não PARA a comunidade, seja ela acadêmica ou não.

1.2 Das *dançagrafias* à escrita: Percurso- caracol

A escolha que se dá pela forma como as palavras corpo-som escoarão nessa escrita será com momentos espiralares, ou seja, com depoimentos, fotos e vídeos dos movimentos, onde pretende-se espiralar a leitura, assim como o tempo e a vida dentro da cosmologia Guarani, onde o tempo é espiralar. *Nhanderu*³⁴ criou o mundo como uma grande espiral em doze luas. O tempo não segue essa lógica ocidental de uma linha contínua, mas ele dá voltas, segue o fluxo que vem da natureza. Sobre a perspectiva de espiralar o vivido, escritas e a experiência da temporalidade, trago Leda Maria Martins (2021) que diz:

Espiralar é o que, no meu entendimento, melhor ilustra essa percepção, concepção e experiência. As composições que se seguem visam contribuir para a ideia de que o tempo pode ser ontologicamente experimentado reversibilidade, dilatação como movimentos de e contenção, não linearidade, descontinuidade, contração e descontração, simultaneidade das instâncias presente, passado e futuro, como experiências ontológica e cosmológica que têm como princípio básico do corpo não o repouso, como em Aristóteles, mas, sim, o movimento. Nas temporalidades curvas, tempo e memória são imagens que se refletem (Martins, 2021, n/p).

Entretanto, seguir em fluxo no espiralar não é uma tarefa fácil para quem escreve uma dissertação que se faz predominantemente pela escrita. Por isso, cara pessoa leitora, nas curvas para frente e para atrás das experiências aqui relatadas, intento com os vídeos disponibilizados via alguns QR CODES, o corpo que dança e canta também como episteme. E dar entender que na dinâmica das inscrições sejam elas escritas, faladas e dançadas, se constituem não apenas registros da pesquisa e sim, o sopro-som da alma de cada dança e canto entoado nas mobilizações indígenas ocorridas em 2021, 2022 e 2023.

Não à toa escolho o termo “*dançagrafia*”³⁵, para dar a entender que nem todos os conhecimentos estão centralizados na escritura. Logo a corpa se torna o espaço de grafias das experiências, da relação cultural, ancestral e de vida, em forma de dança. Danças que grafam no espaço a ancestralidade, a luta, costumes e o lugar de onde se vem. Neste sentido, sigo espiralando com Leda Maria Martins

³⁴Energia e força criadora maior do universo, Deus para o povo Guarani.

³⁵ Termo cunhado pela autora, com inspiração no termo “corpografia” de Cabral (2017).

(2021), que cita as pessoas africanas como exemplo, para atentar a outros modos de disseminação dos seus múltiplos saberes.

Se consideramos que os africanos, em sua maioria, vinham de sociedades que não tinham a letra manuscrita ou impressa como meio primordial de inscrição e disseminação de seus múltiplos saberes, podemos afirmar que toda uma plêiade de conhecimentos, dos mais concretos aos mais abstratos, foi restituída e repassada por outras vias que não são figuradas pela escritura, dentre elas as inscrições oral e corporal, grafias performadas pelo corpo e pela voz na dinâmica do movimento. O que no corpo e na voz se repete é também uma episteme (Martins, 2021, p. 23).

Espero que com esta escrita você possa conhecer parte da luta dos povos indígenas e quem sabe se engajar nos movimentos aqui relatados. Assim com seus músculos, assim com sua corpa-natureza-terra-território, você poderá espiralar a leitura, entendendo-se como parte constitutiva deste percurso-caracol.

Nesta direção, a dissertação está organizada assim:

O primeiro capítulo *Ñepyrũ*, que significa “início” em tupi-guarani, ou seja, a Introdução, no qual discorro sobre minha cadeia ancestral e de como o meu lugar de fala me encaminhou para a pesquisa que aqui se apresenta. Avanço com os outros capítulos que foram divididos a partir de quatro biomas³⁶ brasileiros: Cerrado, Mata Atlântica, Caatinga, Amazônia³⁷, inspirada na Marcha das Mulheres Indígenas (2021, 2023) onde as delegações e cada mulher indígena representam o bioma ao qual seu povo e território está inserido.

O segundo capítulo é o Cerrado, bioma onde ocorre o Acampamento Terra Livre (2022, 2023) e a Marcha das Mulheres Indígenas (2021, 2023). Arma-se o primeiro acampamento, com uma reflexão da dança enquanto modos de existência, aterramento, em um contexto Brasyl, adentrando-se sobre o corpo enquanto pertencimento, corpo que também é terra. Será um apontamento sobre a dança nestes espaços, sobre corpo-território e Brasyl.

³⁶ Conjunto de vida vegetal e animal que formam uma paisagem com diversidade de fauna e flora.

³⁷ São cinco biomas brasileiros, sendo o cerrado o segundo maior bioma do Brasil, no qual ocupa 25% do território nacional, com um aspecto parecido a uma savana. A mata atlântica, que é uma floresta tropical que se estende da costa leste, nordeste, sudeste e sul do Brasil, leste do Paraguai em Misiones, na Argentina. Caatinga é o único bioma exclusivamente brasileiro, da região nordeste do Brasil, que passa por intensos períodos de seca, deixando as plantas com um tom esbranquiçado. E por último, a Amazônia, que faz parte do norte do Brasil e se estende pela Bolívia, Peru, Colômbia, entre outros países da América do Sul, floresta com grande diversidade do reino vegetal e animal.

O terceiro capítulo é Mata Atlântica. Neste capítulo será discorrido sobre corpo e cognição e movimento. Aqui será adentrado o assunto sobre a Marcha das Mulheres Indígenas (2021, 2023) e o Acampamento Terra Livre (2022, 2023), será refletida também a relação entre as trocas de corpo e ambiente, com base na Teoria Corpomídia (2005) das pesquisadoras doutoras Helena Katz e Christine Greiner.

O quarto capítulo é Caatinga, no qual será discorrido sobre corpo, memória e a relação resiliência-resistência. Mais enfaticamente, abordará as *dançagrafias* da Marcha das Mulheres Indígenas e Acampamento Terra Livre.

O quinto capítulo são as Considerações Finais, é a Amazônia. Fluído, é o encontro das águas entre dança-luta-ancestralidade, ao tentar compreender essa tríade refletindo a dança como um ativador da vida. É espaço de luta e também afeto. Não finaliza o pensamento, mas encontra com a outra ponta da espiral, formando um circuito que não finaliza, mas está em constante movimento.

Avanço com a seguinte orientação: toda vez que surgir a sessão *espiralar* é um chamado para um outro movimento intervalar, talvez uma prospecção? Um convite para se perguntar? Dançar junto às mobilizações indígenas? Ressoar palavras? Seguir espiralando com uma série de fotos das pessoas entrevistadas, frases e vídeos que compõem essa dissertação. De certa forma, com uma tentativa de decolonizar as normas acadêmicas da escrita: Terá partes de algumas entrevistas que foram feitas em pesquisa de campo, em negrito, centralizado e maior que “arial 12”, pois são palavras sopradas com a alma e são necessárias de serem lidas, escutadas, espiraladas.

E, assim como o tempo, as páginas foram pensadas com esta condição: *espiralar*, fora da verticalidade espaço/tempo da sua leitura. Siga escolhendo o modo de proceder. Somos todos sujeitos de uma experiência de temporalidade. Se desejar ler o que tem em mãos em um único sopro, assim o faça. Se desejar parar e descansar, talvez seja a melhor decisão. Se der vontade de visitar as imagens a qualquer momento da sua leitura, dançar junto a cada foto e encontrar qual o sentido do mover resiliente do seu corpo, sustente o seu desejo. Se as palavras lhe chegam com outras, anote o que os espíritos lhe sopram. Ousar ler em um tempo espiralar, pede coragem. Pode parecer estranho ou um pouco abstrato, mas é o diálogo que

lhes proponho, afinal, somos continuidade em uma espiral que nunca encerra. Coragem para seguir espiralando.

E então olhe para cada imagem e imagine suas histórias: Quantas lutas são necessárias para a permanência destes corpos-territórios? E agora pense: Quantas lutas e danças são necessárias para a permanência do seu corpo-território? Até quando?

ancestralidade

com nossos mais velhos

perna

continuidade

nossa cultura

ensinado

fôlego

dança

lutar

Figura 2 - Tamikuã Faustino Pataxó, Aldeia Mãe Barra Velha - Caraíva/BA



Fonte: Acervo pessoal.

“Pra nós (a dança) é a continuidade da nossa ancestralidade, é a continuidade que nós aprendemos com nossos anciões, com nossos mais velhos, que é milenar, isso aí já é desde sempre, faz parte da nossa cultura.”

Tamikuã Pataxó³⁸

³⁸ Tamikuã Pataxó, da Aldeia Mãe Barra Velha, Caraíva-BA. Atualmente vive no interior de São Paulo. Entrevista concedida a Jéssica Alana Lopes Mendes. Brasília, 07/04/2022.

Figura 3 - Marinete Almeida Ye'pa Mashõ Tukano, Manaus/AM



Fonte: Acervo de Marinete concedido à autora.

“E eu aprendi que na dança que a gente começa a ver se a gente vai ter fôlego pra luta. E um ancião, que o nome dele era Henrique Castro, conhecido como Yai Poari, que era onça que chamavam, ele falava assim: “Minha neta, é na dança que você sabe se realmente vai ter perna pra lutar”. Então a gente é ensinado dessa forma.”

Marinete Almeida³⁹

³⁹ Marinete Almeida, da etnia Tukano do Amazonas. Vive atualmente em Manaus-AM. Entrevista concedida a Jéssica Alana Lopes Mendes. Brasília, 10/04/2022.

2 CERRADO

2.1 Dançar para existir

Antigamente, o mundo era só escuridão. Então, *Nhanderu*⁴⁰ trouxe uma luz infinita e com a luz infinita se fez o amor, a sabedoria. *Nhanderu* não via a noite porque ele era o Sol, iluminava tudo com seu próprio coração. Então ele criou o mundo em 12 luas, em um tempo espiralar. Criou o canto sagrado. Criou os filhos. O tempo é uma grande espiral. Tudo que você faz, tem um tempo para acontecer. A cura vem do canto sagrado. Quando terminou a criação do mundo, estendeu-se às florestas. A dança surge no sagrado, de *Nhanderu* a partir do *Opy*⁴¹, para manter o fogo sagrado. Verá Tupã Popyguá (2021)⁴²

A dança surge para manter o fogo sagrado. *Jeroky*. Em guarani significa dançar. Neste idioma, as palavras têm significados profundos, aliás, é o sopro som da alma. *Jeroky* não é apenas “dançar”. Carlos Papá⁴³ (2021) em um vídeo para o canal de youtube *Selvagem ciclo de estudos sobre a vida*⁴⁴, explica que a tradução correta é ser um grão que procura um lugar para surgir, em busca do sol ele dança para encontrar raiz, encontrar luz, um “broto flexível”⁴⁵. Dançar é isso, ser um “broto flexível” em busca do sol, em busca da vida.

Dançar para existir. Essa fala se faz presente desde 1500, com a invasão no país, que carregava consigo a força de ser Pindóretá, até ser renomado como *Brasyl, Vermelho como Brasa*. Talvez mais do que dançar para não morrer, a dança se presentifica como um ato de vida, uma experiência emergencial para corpos em luta. Marinete Almeida em entrevista para a pesquisa de campo⁴⁶, comenta que um ancião do seu povo Ye’pa Mashõ, chamado Henrique Castro, conhecido como Yai Poari, falava assim: “Minha neta, é na dança que você sabe se realmente vai ter

⁴⁰ Energia e força criadora maior do universo, Deus para o povo Guarani.

⁴¹ Casa de Reza Guarani.

⁴² Transcrição feita pela autora da aula online de Cosmologia Guarani Mbya, ministrada por Verá Tupã Popygua, em 2021.

⁴³ Carlos Papá Mirim Poty é indígena do povo Guarani Mbya, cineasta, fundador do Instituto Maracá e líder espiritual. Vive na T.I Rio Silveira no estado de São Paulo.

⁴⁴ Plataforma de aprendizagem sobre saberes e modos de vida indígenas. Criado em 2018.

⁴⁵ Fala retirada do vídeo do canal SELVAGEM ciclo de estudos sobre a vida, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mlipzvcQ9wM&t=33s>>. Acesso em: 01/07/2022.

⁴⁶ Marinete Almeida. Entrevista concedida a Jéssica Alana Lopes Mendes, Brasília, 10/04/2022.

perna pra lutar”. Para a indígena ativista da amazônia “é na dança que a gente começa a ver se a gente vai ter fôlego pra luta.”

O que talvez possibilite associar o mover em dança, como uma ação em resistência-resiliência de luta e maleabilidade, uma vez que a propriocepção muscular favorece o poder preditivo do corpo/cérebro (Berthoz, 2000). Justamente porque os receptores sensoriais presentes no corpo ajudam na promoção da “percepção consciente” do movimento. Favorecendo assim, o entendimento da percepção para além das sensações corporais, mas também como uma capacidade do corpo de adotar propriedades preditivas pela ação. A exemplo da capacidade de prever recuos, avanços, ajustamentos e aberturas sensoriais, estratégias corporais que denotam relações espaço-temporais e uma mecânica intrinsecamente complexa.

O que se pretende destacar aqui, talvez corrobora para que o entendimento do mover dançante da corpa indígena, como uma ação que já se encontra desde partida em continuidade ancestral e com a natureza e, portanto, mais aberta potencialmente para estados de atenção, o que favorece a instauração de uma corpa-território disponíveis para estados perceptíveis emergenciais. O que faz da colocação do ancião Yai Poari, um fala inquestionável na sua sapiência. Em outras palavras, a dança promoveria uma experiência perceptual antecipatória para luta, como um modo de acionar o que o corpo é capaz na sua dinâmica sensório-motora para agir. Sendo assim, a utilização do ditado popular “se vai ter perna” é uma metáfora preciosa na ilustração da habilidade do corpo.

Deste modo, a associação de algumas danças de determinados povos aos ciclos do ecossistema: as estações, a plantação e a colheita, a vida e a morte, solicita um assentamento mais aprofundado e não apenas uma relação de continuidade com a natureza, como denota inicialmente. Entender que a dança como um mover corpado não separado da natureza, promove um “saber corporal de conhecimento” (Martins, 2021, n/p). Isto é, um saber fundante para as etapas da vida. E nisto consiste, cantar e dançar para continuar viva. Cuidar da terra para continuar viva. Lutar pela terra para continuar viva.

E dentro desta perspectiva, a compreensão da vida no existir dos povos indígenas toma uma dimensão de transcendência (Krenak, 2020), e

consequentemente faz desse saber corpado uma afirmação pela vida, na qual tudo que existe importa, justamente pela impossibilidade de estar fora de uma relação de continuidade entre o nosso eu e eu dos outros, entre a vida humana e a vida não humana, entre a vida e a matéria do mundo (Coccia, 2020, p.24).

[...] a vida atravessa tudo, atravessa uma pedra, a camada de ozônio, geleiras. A vida vai dos oceanos para a terra firme, atravessa de norte a sul, como uma brisa, em todas as direções. A vida é esse atravessamento do organismo vivo do planeta numa dimensão imaterial. Em vez de ficarmos pensando no organismo da Terra respirando, o que é muito difícil, pensemos na vida atravessando montanhas, galerias, rios, florestas. A vida que a gente banalizou, que as pessoas nem sabem o que é e pensam que é só uma palavra. Assim como existem as palavras “vento”, “fogo”, “água”, as pessoas acham que pode haver a palavra “vida”, mas não. Vida é transcendência está para além do dicionário, não tem uma definição (Krenak, 2020, p. 29).

Nesta direção, Braulina Baniwa⁴⁷ (2018, p.32) discorre sobre a importância que tem todos os seres por iguais. E deste modo a percepção do ecossistema como um todo, pois as matas, os rios também têm um espírito, cujo respeito e o cuidado são necessários.

O respeito com a natureza e com os seres espirituais é para o conhecimento indígena como uma ordem social fundamentada nos “lugares sagrados”, os quais passarei a chamar de “lugares tradicionais de proteção”. Estes lugares são fundamentais para a formação dos animais e das suas especificidades, por isto há que mencionar o nome do lugar ou o povo relacionado (Baniwa, 2018, p.32).

Assim, de posse das perspectivas apontadas por Krenak (2020) e Baniwa (2018), eu gostaria de fazer uma ponte com entendimentos apontados anteriormente. Ou seja, se a dança se faz em conexão com a natureza e ancestralidade, não existe outro modo de lutar pelos direitos dos povos indígenas e pela vida, sem que a dança esteja presente. Santos (2021) ao falar da luta Guarani de São Paulo, menciona o fato de o *xondaro jeroky*⁴⁸ ser “um poderoso dispositivo de luta”, ou seja, a dança é uma forma de lutar, é dançar a política e resistir ao fascismo a partir do movimento, mas, “que antes de tudo, é aproximar-se do mundo

⁴⁷ Braulina Baniwa é uma Indígena mulher do povo Baniwa, antropóloga e co-fundadora da ANMIGA.

⁴⁸ Palavras que significam “Dança do *Xondaro*”. É uma dança Guarani de luta. *Xondaro* significa “guerreiro”.

das divindades” (p.21). Neste aspecto, em complementação, Marinete Almeida, do Povo Tukano, em entrevista para a pesquisa de campo, fala:

A dança pra mim é como uma conexão com a minha ancestralidade, com as minhas avós, avôs, que já se partiram. Para nós povo Ye'pa Mashõ que conhece outro mundo, que já se partiram para outro mundo, voltaram para nossas origens né. Como a gente é filho de cobras, de cobra grande mãe, cobra mãe grande, a gente voltou para ela né, para o ninho dela. Então é uma dança pra nós, é... Eu posso estar falando como um pouco do povo do Uaupés, é uma conexão que a gente refere voltada para a nossa ancestralidade. Eu particularmente como mulher, ativista, gosto muito porque são coisas que traz uma força e ao mesmo tempo traz a resistência também, por a gente estar em determinado espaço e lugar, então a dança pra mim é tudo, significa tudo⁴⁹.

Figura 4 - Falsa Cobra Coral em espiral, nas mãos da autora



Fonte: Acervo pessoal.

⁴⁹ Marinete Almeida. Entrevista concedida a Jéssica Alana Lopes Mendes, Brasília, 10/04/2022.

A fala de Marinete Almeida ainda ressoa em mim... “Como a gente é filho de cobras, de cobra grande mãe, cobra mãe grande, a gente voltou para ela né, para o ninho dela”⁵⁰. De modo que não tenho como não fazer uma relação com a foto acima. Afinal, a vida que nos anima, pode habitar em qualquer espécie. O que abre para pensar que a vida existe em compartilhamento e continuidade, não apenas pela materialidade dos corpos que a circunscreve. Pois como escreve Emanuele Coccia, “somos essa vida que compartilha o corpo de um outro, prolongada e levada para outro lugar” (2020, p. 13).

Considerando as nossas existências, eu e a cobra, ela espiralando em minhas mãos, sincronizadas em um momento fortuito, penso que é mais uma evidência para entender que somos parte de um todo, e naquilo que somos feitos, comungamos de uma natureza que se move de forma espiralar e sensorial. Haja visto que as serpentes com sua forma de vida, também acionam as fibras musculares em suas movências e fazem do mover um acionamento perceptivo. Ou seja, existir pela capacidade de estabelecer relações entre percepção e ação, utilizando experiências sensório-motoras a seu favor, a exemplo economia de alguns milésimos de segundos na captura das presas e antecipação de suas ações (Berthoz, 2000).

Logo, serpentes e humanos, seres viventes, não existem de forma separada e autônoma, se encontram na trama evolutiva da vida. Ambos os corpos existem e se conectam com suas com seus traços evolutivos em prolongamento, a exemplo da maneira com as serpentes também acionam suas cadeias musculares nas movências espiraladas. Corpos-humanos e corpos-serpentes dançando em constante transformação com o ambiente. “Aqui, numa coreografia de retornos, dançar é inscrever no tempo e como tempo as temporalidades curvilíneas” (Martins, 2021, n/p).

Palavras, devaneios ou talvez outra perspectiva para explicar os encontros que o viver proporciona. E avanço dilatando o que a mim é possível infletir dessa relação entre corpos-ambiente-coisa-acontecimento, em estratégias para o bem viver. Neste sentido, a dança é entendida como um recurso para viver. Dançar e espiralar para afirmar a potência da vida e continuar em resistência e luta.

⁵⁰ Marinete Almeida. Entrevista concedida a Jéssica Alana Lopes Mendes, Brasília, 10/04/2022.

Espiralar e lutar a partir da dança. Com McNeill (1995) um “assinalamento” precioso não pode passar indiferente: “manter-se juntas no tempo”, como uma condição de sobrevivência e pré-requisito para emergência da humanidade. E nesse sentido, a dança funcionaria como um rito de acionamento deste traço evolutivo e transmissão genética desta capacidade. Baniwa (2018, p.13) nos lembra da importância da mulher indígena para a comunidade e a invisibilidade da luta dessas mulheres, e considerando as comunidades indígenas, aqui destaca-se o papel das mulheres, que juntas com a ancestralidade resistem e espiralam contra as políticas de morte.

2.2 Terra chamada Brasyl

[...] Brasil, o que faço com a minha cara de índia?
Não sou violência
Ou estupro

Eu sou história
Eu sou cunhã
Barriga brasileira
Ventre sagrado
Povo brasileiro.

Ventre que gerou
O povo brasileiro
Hoje está só...
A barriga da mãe fecunda
E os cânticos que outrora cantavam
Hoje são gritos de guerra
Contra o massacre imundo.
Eliane Potiguara (2018)

Não há possibilidade de discorrer sobre danças indígenas, pensar os estudos do movimento no Brasyl, sem debater a história. Justamente porque, se pensarmos historicamente, as danças no Brasyl se transformam também em um ato político a partir da invasão. Os povos indígenas já realizavam suas danças, porém, quando se inicia o processo de colonização, a dança parece constituir um recurso corporal para continuar re-existindo e legitimar as existências.

A história do Brasyl existe antes de 1500. Nessas terras já existiam populações, povos, cada qual com seus costumes, pois cada povo tem seus cantos, danças, ritos. Jecupé (2020, p.36) fala sobre a importância da Arqueologia para saber sobre a história dos povos originários no Brasyl. Com essa ciência, é possível

identificar os rastros desses povos, a partir dos objetos encontrados e suas tecnologias. Há registros de povos habitantes há 11 mil anos, e uma grande civilização na região amazônica, cerca de 4 mil anos atrás.

Neste sentido, a “descoberta do Brasil” é algo distorcido. Não tem como ser descoberto um país onde já haviam pessoas habitantes, com seus modos de construção de sociedade nas diversas estruturas de cada povo, mas sim apropriação a partir do poder. Amanayara Tupinambá e Débora Tupinikim (2021) discorrem que a ideia de descoberta é uma visão romantizada, pois era “uma terra já habitada por uma enorme diversidade de povos” (p.79). Em 1500 há uma invasão, o início de um atentado contra várias populações e culturas, onde o “processo de invasão e colonização do Brasil foi extremamente violento, baseado na tortura e exploração da força de trabalho” (p.79).

Com a chegada dos europeus, um mundo totalmente novo foi introduzido, que apesar de um grupo pequeno, “era super agressivo e capaz de atuar destrutivamente de múltiplas formas” (Ribeiro, 2006, p.26). Com o tempo, os conflitos foram estendendo-se para uma “guerra bacteriológica” pelas doenças trazidas, no ecológico através da disputa de território com a exploração da terra, e no econômico e social através da escravização dos povos indígenas (Ribeiro, 2014, p.27). Ou seja, as mortes causadas pela chegada dos europeus não se resumiram apenas a guerra armada, mas uma série de fatores: econômico, sociais e biológicos:

Desde os primeiros contatos com os colonizadores que a saúde indígena veio a ser prejudicada, pois junto com os portugueses vieram diversas doenças que serviram como estratégia de invasão e posse do território originário dos povos indígenas. Doenças essas desconhecidas por nós, indígenas, e que foram a causa de um grande processo de extermínio e genocídio dos povos (Tupinambá, Tupinikim, 2021, p.80).

Os indígenas eram vulneráveis a essas doenças desconhecidas que foram trazidas estrategicamente, com o sistema imunológico enfraquecido, não havia muita força para lutar, muitas vidas foram dizimadas, tendo assim suas terras arrancadas com maior facilidade.

Para Eliane Potiguara (2010, p.23), esses processos de invasão vêm do passado, estão no presente e no futuro. No passado, as frentes econômicas e

missionárias transformaram as populações indígenas com escravização e doença provinda dos brancos. Muitas famílias indígenas foram separadas pelas invasões estrangeiras, isso resultou em diversos casos de suicídio, desamparo e a solidão da mulher indígena. Esses processos também culminaram na migração de famílias e o afastamento de sua cultura, espalhando-se em lugares urbanizados. Mas a memória ancestral permanece viva, na dança, nas histórias, e principalmente no corpo, que está no momento presente. Para o momento futuro, ainda é muita luta a ser enfrentada.

Entretanto, a história do Brasil que é contada, principalmente nas escolas, em sua grande maioria é sobre uma outra realidade, de um ponto de vista eurocêntrico sobre o que aconteceu realmente no país e com os povos indígenas, ao qual romantiza a história do “descobrimento”, omite alguns fatos, ao colocar pessoas que mataram uma nação como heróis. Tuxá (2021) afirma sobre a história:

[...] estou cada vez mais convencido de que, em se tratando da história indígena no Brasil, a negação não é a exceção e sim, a norma, o fato que institui todas as relações. Nas nações construídas a partir do imperialismo europeu, os povos indígenas passam a existir a partir de sua negação, de modo que só entendemos plenamente as suas realidades e histórias no presente ao dimensionarmos o ato de negar, como parte central do regime de alteridade no qual foram inseridos (Tuxá, 2021, p.26).

Muito do que se aprende sobre a história do Brasil é uma deturpação e negação de verdadeiros fatos; pouco se fala sobre os povos originários e suas lutas que são constantes. Quantas pessoas realmente sabem a história do Brasil por uma perspectiva decolonial e indígena?

Segue alguns fatos, de marco histórico, do Brasil após a invasão em 1500:

1500 - Pedro Álvares Cabral chega à Bahia e encontra os habitantes desta terra: indígenas que viviam no extremo sul da Bahia, na região de Porto Seguro. Não há descoberta de um território já habitado, mas inicia-se ali o processo de invasão de territórios: de terras e terras.

Fatos segundo Jecupé⁵¹ (2020), entre 1501 a 1531:

- Instalação das primeiras feitorias portuguesas no Brasil (Cabo Frio, Bahia, Pernambuco) para o tráfico do pau-de-tinta, ou pau-brasil, e escravos;
- Em Cabo Frio, são embarcados 35 indígenas escravizados para a metrópole. Invasão de corsários franceses com interesses no pau-brasil;
- Endurecimento nas regras de escambo dos produtos nativos do Brasil por produtos europeus. Contenção de despesas em relação do trabalho de mão de obra indígena, ainda por meio de escambo. Mais pessoas escravizadas são embarcadas a Portugal.

Fatos segundo livro didático intitulado⁵² História, Sociedade e Cidadania: 7º ano: ensino fundamental: anos finais, organizado por Boulos Júnior (2018):

- Não foi encontrado nem ouro nem prata, mas uma árvore que tinha valor comercial, o pau-brasil, tronco cor de brasa, utilizado para tingir tecidos e feitura de móveis;
- O rei de Portugal autorizou a construção de feitorias para o armazenamento e comercialização da madeira. Os indígenas eram quem cortavam e transportavam o pau-brasil até as feitorias no litoral. Em troca, recebiam espelhos, facas, colares, machado, produtos portugueses.

Fatos segundo Jecupé (2020):

1534 - Aumento do número de colonos, da violência contra a mulher indígena, a posse da terra e da anulação da liberdade indígena;

1549 - Tomé de Souza reimplanta o escambo para obter mão de obra indígena, continua a escravização;

⁵¹ JECUPÉ, Kaka Werá. **A Terra dos Mil Povos: História Indígena do Brasil contada por um Índio**. 2. ed. São Paulo: Peirópolis, 2020. 130 p.

⁵² BOULOS, Alfredo Junior. **História, Sociedade & Cidadania: 7º ano: ensino fundamental: anos finais**. 4. ed - São Paulo: FTD, 2018.

1651 - Após 300 mil Guaranis serem aniquilados e escravizados, bandeirantes paulistas cessam a “caça ao índio”, por conta das reduções jesuítas do sul;

1808 - Reeditam a escravização indígena por “guerra justa”, em três cartas de Dom João VI. Em Minas Gerais, os Botocudo são dizimados;

Fatos segundo livro didático intitulado História, Sociedade e Cidadania: 7º ano: ensino fundamental: anos finais, organizado por Boulos Júnior (2018):

1822 - Nas margens do riacho do Ipiranga em São Paulo, no dia 07 de setembro, D. Pedro recebeu duas cartas, ao qual era obrigado a voltar para Portugal, com o objetivo do Brasil voltar a ser colônia, ou proclamar independência do Brasil. Eis então, com seu ato heroico, D. Pedro escolheu romper com Portugal, e com o “grito do Ipiranga, independência ou morte”, conseguiu emancipação política.

Fatos segundo Jecupé (2020):

1831 - Revogação das leis de 1808 e 1809 que permitiam “guerra justa” contra os indígenas.

Nota-se uma certa diferença entre os fatos contados pelo escritor indígena e pelos livros didáticos de história, essa distinção se dá em como a história é contada. Por um lado, ao falar sobre a escravização da mão de obra indígena a partir do escambo, por outro lado a romantização do escambo. Se de um lado o “ato heroico” do grito de “independência ou morte”, do outro “guerra justa”⁵³ contra os indígenas. Independência para quem? Morte para quem?

Durante todo esse tempo até os dias atuais, não existe essa independência dos povos indígenas, contada nos livros didáticos de história. Mas sim roubo de territórios, escravização, aumento de garimpeiros nas terras indígenas, invasão das terras, como do povo Xokleng de Santa Catarina, onde suas terras foram entregues aos alemães em 1914 (Jecupé, 2020, p.83). Até os dias atuais o povo Xokleng vem lutando, ao sofrer ataques de empresários e agricultores, como o caso da T.I Ibirama

⁵³ Guerra Justa no Brasil Colônia era uma lei, permitida pelo rei, a matar indígenas que fossem contra tornar-se vassallos de Portugal, permissão para escravizá-los, para melhorias e boas condições de vida aos brancos.

Laklãnõ, em Santa Catarina, na luta pela regularização de seus territórios, e contra o Marco Tempora⁵⁴.

Ao refletir sobre como a história é contada, Geni Nuñez (2019, p.6) traz a atenção sobre o país não ter sido “descoberto”, mas sim saqueado, explorado. Conta que em sua experiência escolar, era trazido uma reflexão como se já houvesse acabado esse período do colonialismo, em um passado distante. Porém, a autora afirma que a colonização tem se transformado, atualizado, sendo nomeado contemporaneamente de colonialidade. Para Restrepo & Rojas (2010), o colonialismo seria os processos de dominação política e militar, no qual invadem as terras de outro povo, escravizam, dominam suas terras em benefício do colonizador, já a colonialidade:

Colonialidade é um fenômeno histórico muito mais complexo que se estende ao nosso presente e refere-se a um padrão de poder que opera através da naturalização de hierarquias territoriais, raciais, culturais e epistêmicas, permitindo a reprodução de relações de dominação; esse padrão de poder não apenas garante a exploração pelo capital dos seres humanos para outros à escala global, mas também a subalternização e a obliteração dos conhecimentos, experiências e modos de vida de quem é assim dominado e explorado (Restrepo, Rojas, 2010, p.13, *tradução nossa*).⁵⁵

Diante do exposto, o colonialismo traz marcas profundas, uma ferida aberta que está constantemente em processo, nomeado hoje de colonialidade, que se reflete na desigualdade social e econômica de determinados grupos. Ao pensar na relação dos povos indígenas, as políticas atuais de genocídio são parte da colonialidade, assim como as políticas de desmatamento das matas, das águas e da natureza como um todo.

Ailton Krenak⁵⁶ (2022) menciona que a colonialidade seria como um “modo de operar amplo”⁵⁷, que não está restrita a um espaço físico, “mas tem uma

⁵⁴ Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57656687>> Acesso em setembro de 2023.

⁵⁵ Texto original: “La colonialidad es un fenómeno histórico mucho más complejo que se extiende hasta nuestro presente y se refiere a un patrón de poder que opera a través de la naturalización de jerarquías territoriales, raciales, culturales y epistémicas, posibilitando la re-producción de relaciones de dominación; este patrón de poder no sólo garantiza la explotación por el capital de unos seres humanos por otros a escala mundial, sino también la subalternización y obliteración de los conocimientos, experiencias y formas de vida de quienes son así dominados y explotados.”

⁵⁶ Ailton Krenak é escritor, ambientalista e liderança indígena da etnia Krenak.

⁵⁷ Em uma palestra para o Clacso TV. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=x99QIBzd9Qc>> Acesso em setembro de 2023.

potência viral”⁵⁸, pois está em tudo e não atinge apenas a vida humana, mas todos os seres do planeta, como o caso do Rio Doce em Minas Gerais, e todo o ecossistema. Reflito essa potência viral com a guerra biológica mencionada acima, porém, onde transpassa o sistema imunológico e o humano torna-se o vírus.

O vírus humano prolifera-se a cada ato de ataque contra os povos e contra a natureza. A hegemonia branca prefere viver suas heranças coloniais a reparar historicamente uma realidade de atos racistas e genocidas. Para Geni Nuñez (2019) há um apagamento e etnocídio sobre os povos indígenas, que junto com as pessoas negras “vivem sem direito à própria história, pelo apagamento sanguíneo de seus ancestrais” (p.8). Esse apagamento se dá por diversos fatores, além do agronegócio, a entrada da igreja nas comunidades indígenas é um ponto muito forte na tentativa de obliteração das culturas.

Braulina Baniwa e Tapü'ücü (2021) trazem a reflexão sobre como tem ocorrido a colonialidade nos tempos atuais, onde as igrejas neopentecostais (principalmente) proliferaram nas aldeias, e propagam que suas danças e ritos são incorretos, com discursos através do medo como um meio de persuasão:

Por sermos diferentes, fomos forçados a agir de modo totalmente divergente da nossa cultura para nos tornarmos bons cristãos, então, buscamos nos “integrar” à sociedade colonial, o que por sua vez, causou modificações em nossos costumes e a destruição de nossa identidade étnica. Assim, é imprescindível refletir sobre a problemática do processo de evangelização dos povos indígenas (Baniwa, Tapü'ücü, 2021, p.102).

Reflexão necessária para se pensar o avanço das igrejas neopentecostais e o cristianismo como um dispositivo colonial que opera em prol do “apagamento da história” (Baniwa, Tapü'ücü, 2021, p.102). Uma vez que a evangelização é uma violenta tentativa de etnocídio indígena, haja visto a destruição da identidade étnica e com isso segue “promovendo desorganização social, descaracterizando as práticas tradicionais e fazendo com que as línguas sofressem modificações, assim como os costumes” (Baniwa, Tapü'ücü, 2021, p.105). Um exemplo é o ocorrido no mês de setembro de 2023, no Território de Guasuty no Mato Grosso do Sul, terras Kaiowá e Guarani onde a rezadora Nhandesy Sebastiana e seu companheiro

⁵⁸ Em uma palestra para o Clacso TV. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=x99QIBzd9Qc>> Acesso em setembro de 2023.

rezador Nhanderu Rufino foram queimados vivos dentro do *Opy* (casa de reza) em consequência de intolerância religiosa. Ou seja, “apagamento histórico” (Baniwa, Tapü'ücü, 2021, p.102) pela religião⁵⁹.

Na contramão da violenta tentativa do etnocídio indígena, ousou apontar a dança como um recurso legitimador de existências, estar coletivamente COM o outro, em ritos dançados e cantados, configura-se um ato sustentativo. Ao refletir em um Brasyll colônia, mesmo que suas culturas fossem vistas como atos pagãos e primitivos, as corpas indígenas continuavam resistindo e realizando seus ritos às escondidas, ainda que houvesse tentativas da proibição das suas origens, por conta do processo opressor de escravização e catequização dos padres jesuítas. Atualmente, mesmo com o avanço das igrejas nas aldeias, com um “genocídio silencioso” (Baniwa, Tapü'ücü, 2021, p.102), a dança é algo que não se pode arrancar de toda uma comunidade, ainda que haja as tentativas de um etnocídio.

Não tem como tirar a colonialidade do corpo, mas se a sabedoria é corporal e vem da ancestralidade (Benites, 2018, p.5), o canto e a dança são os que dão a força para enfrentar qualquer adversidade, em qualquer situação, pois eles vêm da base, da “raíz” (Benites, 2018, p.15), que são as memórias ancestrais. Greiner (2010, p.75) menciona sobre como “a percepção é um conhecimento prático” e como os moveres acionam mudanças no sentir-perceber o mundo. Dialoga com o pensamento de Sandra Benites (2018, p.5), onde “a construção dos corpos físicos e simbólicos se faz de acordo com as necessidades e os ambientes”, sendo corpa a sabedoria primordial, pois ela corpa as vivências e o modo de ser e estar no mundo - sempre de forma contínua, espiralada. Dançar é um ato de existência e preservação dos traços identitários.

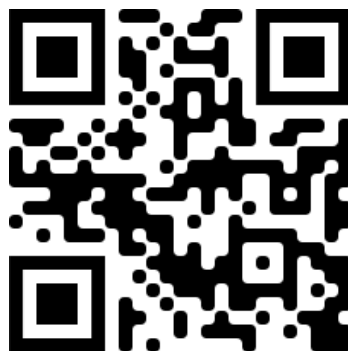
ES PI RA

⁵⁹ Disponível em

<<https://contrapoder.net/artigo/sebastiana-e-rufino-liderancas-espirituais-guarani-kaiowa-foram-assassinadas-por-defender-seu-territorio/>> Acesso em setembro de 2023.

L A R

Qual sua dança interna de luta?



Vídeo com fragmentos do Acampamento Terra Livre (2022), áudios das entrevistas feitas para essa pesquisa. As vozes são de: Ana Liz Rocha, Marinete Almeida, Valdineia Pereira⁶⁰.

2.3 Terra é corpo, corpo é terra

Por isso, quando o céu criar a pressão sobre a terra, digo a você que dance, que suspenda o céu! Os filhos da terra precisam cantar e dançar para que o céu possa dar uma atmosfera vital, necessária para o retorno das flores, dos pássaros, das borboletas, das matas, enfim, para a celebração da vida, para o Bem Viver.
Ailton Krenak (2020)

Terra. A mãe é terra, o corpo é terra, carne é terra. Se não fosse a terra não existiria vida, respiração, comida para saciar as *corpasterritórios*. Terra essa que precisa ser demarcada, que não deveria ter veneno em seu solo, nem ser desmatada. Tudo que acontece na terra o corpo sente, seja pelos agrotóxicos, pelos problemas ambientais que ocorrem em decorrência da ganância em busca de poder, dinheiro. O biopoder tenta impor nos corpos uma realidade ilusória sobre a vida, onde a natureza é colocada como algo distinto e longe da vida humana. Assim como não existe corpo sem terra, Angatu (2021, p.63) menciona que os povos originários

⁶⁰ Entrevistas e áudios concedidos a Jéssica Alana Lopes Mendes, Brasília, abril de 2022.

são a própria natureza, não querem a terra para exploração e mercadoria, pois são a própria terra e ali estão os seus ancestrais.

Nesta perspectiva, a Deputada Federal de Minas Gerais Célia Xakriabá, no *Ato pela Terra*, evento ocorrido no dia 09/03/2022 em Brasília, fala: “Não existe democracia sem demarcação de terras indígenas”. Colocação que segue em sintonia com as 305⁶¹ etnias indígenas no Brasil. Ainda que não se possa universalizar as existências indígenas e sim respeitar as especificidades de cada etnia, cabe registrar que dentro da diversidade étnica e as falas das pessoas indígenas entrevistadas para esta pesquisa - Guarani Mbya, Terena, Pataxó, Tukano, Kambeba, Kayapó, Tupinambá, Tupiniquim, Guajajara, Fulni-ô - todas mencionam sobre a importância da demarcação dos seus territórios. Justificada pela garantia de suas vidas e cultura, como também a preservação e o cuidado com a natureza e seus biomas, como continuidade de suas existências. Sem terra não há vida. Sem terra não há conexão com os ancestrais. Dançar é um modo de se conectar com os seus ancestrais e lutar em defesa da terra.

Os povos indígenas aprenderam a dançar com o curso dos rios, das matas, e assim como fala Ailton Krenak (2021) “é pisar devagar na terra, como do-in”⁶², ou seja, massagear a terra com seus cantos e danças para trazer a cura. A natureza dança em seu ciclo natural e ensina como viver a partir das suas movências. A dança não deixa o céu desabar sob as cabeças, mas ela dá uma energia inesgotável para lutar pela existência na/da terra. Pisar na terra, dançar e caminhar não se trata apenas de uma questão de direito, mas é, mais do que nunca, um modo de acionar ajustamentos corporais instauradores de resistência e existência, e seguem em continuidade.

⁶¹ Segundo dados do último Censo Demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010, o Brasil registrou à época a existência de 274 línguas indígenas no país, onde vivem 817.963 mil indígenas de 305 diferentes etnias. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2022-02/brasil-registra-274-linguas-indigenas-diferentes-faladas-por-305-etnias#:~:text=Segundo%20dados%20do%20C3%BAltimo%20Censo,ind%C3%ADgenas%20de%20305%20diferentes%20etnias>. Acesso em novembro de 2023.

⁶² Fala de Ailton Krenak para a Palestra no III Seminário do Grupo de Pesquisa Ágora: modos de ser em dança#, intitulado “Avivamentos Poéticos no Aqui Agora.

Figura 5 - Mulheres do Povo Patashoop na II Marcha das Mulheres Indígenas. Werymehe Braz e Cris Braz



Fonte: Acervo Pessoal.

Na imagem acima, Werymehe Braz, da etnia patashoop, da Aldeia Muã Mimatxi de Minas Gerais e Cris Braz, pataxó da Aldeia Mãe Barra Velha, na II Marcha das Mulheres Indígenas (2021), em Brasília-DF. Essa imagem traz a força da mulher indígena e seus espiralares de luta. Sem elas, não seria possível sustentar uma aldeia, pois são elas a força dos conhecimentos do cuidado com a terra e com todas as pessoas ao seu entorno. Elas são as protetoras dos ritos, das medicinas, das danças. Antes mesmo da terra ser criada, já existia o canto sagrado e a fala sagrada. Junto do canto sagrado, tem a dança. *JEROKY*. *Jeroky* são corpos brotando rumo ao sol, fincando suas raízes no solo, e as indígenas mulheres são guardiãs desse conhecimento sagrado.

Ao mencionar sobre conhecimento sagrado, reflito sobre os ciclos da vida, os elementos, as direções, que são dançadas por *Nhandecy*⁶³, esta que é a Mãe Terra, criadora e geradora de vida. Não existe movimento sem *Nhandecy*. Assim

⁶³ Nhandecy é a grande mãe para as tradições Guarani.

como toda mãe, *Nhandecy* precisa ser respeitada, é o princípio sagrado. É no seu acolhimento que ocorre a vida. Uma das maiores agressões a existência é quando se agride a terra. Nota-se um aumento dessas agressões a partir dos processos da monocultura⁶⁴. Geni Nuñez (2021) aponta a monocultura como um dos principais processos da colonização atualmente da seguinte maneira: “Monocultura da fé (no monoteísmo cristão), a monocultura dos afetos (na monogamia), a monocultura da sexualidade (no monossexismo) e a monocultura da terra” (Nuñez, 2021, p.2).

As monoculturas existentes são a supremacia da colonização. A monocultura da terra tem trazido fortes impactos negativos ao meio ambiente, como por exemplo a devastação das florestas e as mortes dos rios, como o Rio Doce⁶⁵. Graças a mineração um crime ocorreu: uma barragem⁶⁶ rompe-se e inunda de lama com minérios tóxicos um rio, montanhas e uma cidade. Um rio foi morto, todo um ecossistema foi morto, vidas foram mortas.

O Watu, esse rio que sustentou a nossa vida às margens do rio Doce, entre Minas 21 Gerais e o Espírito Santo, numa extensão de seiscentos quilômetros, está todo coberto por um material tóxico que desceu de uma barragem de contenção de resíduos, o que nos deixou órfãos e acompanhando o rio em coma. Faz um ano e meio que esse crime — que não pode ser chamado de acidente — atingiu as nossas vidas de maneira radical, nos colocando na real condição de um mundo que acabou (Krenak, 2019, p.21).

Figura 6 - Rio Doce morto



Fonte: Acervo pessoal.

⁶⁴ Meio de produção agrícola onde apenas o plantio de uma única cultura é realizado.

⁶⁵ O Rio Doce localiza-se na região sudeste do Brasil, entre Minas Gerais e Espírito Santo.

⁶⁶ Conhecida como Barragem do Fundão, em Mariana-MG, a barragem de rejeitos de mineração da empresa Samarco, com materiais altamente tóxicos foi rompida em novembro de 2015, atingindo de lama a cidade de Mariana, principalmente a cidade metropolitana Bento Rodrigues, matando diversas pessoas e também o Rio Doce, no qual a lama se espalhou por 600km do rio.

A resistência das corpas que dançam nas mobilizações indígenas é em defesa da grande mãe terra, dos rios. É pelo direito da existência, da sua morada. Morada casa, mas também morada corpo. Quantas e quantos indígenas tiveram e/ou tem seus corpos ameaçados, mutilados, mortos? Corpas dissidentes que enfrentam todos os dias o peso da colonialidade. Com a invasão do homem branco processos de desterritorialização e genocídio ocorrem até os dias atuais. Mas ainda assim, as corpas resistem firmes, fortes, na luta. E as danças são um recurso das para seguir em continuidade com a vida, ancestralidade e a natureza, nos enfrentamentos das investidas do Estado assassino e suas políticas de morte, que abarca também o suicídio.

Relaciono aqui com McNeill (1995, p.40), quando o historiador se refere a noção do mover-se juntas e juntos no espaço/tempo, e traz o entendimento da dança como um meio de sobrevivência por séculos desde os tempos ancestrais. O autor também exemplifica com a caça. Pois na história da evolução humana, e ao pensar nos povos originários, o respeito que se dá aos ciclos e seres da natureza foi o que possibilitou a existência, “A fartura na mesa, para nosso povo, é sinônimo de estar bem na sua terra.” (Baniwa, 2018, p.35). A dança é como um meio de preparação e respeito aos seres da natureza.

Pode-se supor que após a evolução biológica ter introduzido o *Homo erectus* na savana africana, alguns deles aprenderam a se manter juntos no tempo pela coordenação de seu comportamento, e persistiram se movimentando juntos ritmicamente ao longo de tempo suficiente para suscitar um excitamento eufórico emocional similar ao que eu verifiquei no campo de treinamento no Texas em 1941[...] (McNeill, 1995, p.27, tradução nossa).⁶⁷

O autor, ao falar sobre o *Homo erectus*⁶⁸, explica que a dança é consequência da melhoria nas práticas de caça, por moverem-se juntas e juntos, se fortalecendo para a sobrevivência em conjunto, tanto emocionalmente, quanto para a busca de alimento. Foi a partir de “aprenderem a consolidar sentimentos de solidariedade social através da dança junta, sua caça teria se tornado mais eficiente”

⁶⁷ Texto original: “If one supposes that, after biological evolution had introduced *Homo erectus* to the African savanna, some of them learned to keep together in time by coordinating their display behavior, and persisted in moving together rhythmically for along enough time to arouse euphoric emotional excitement similar to what I experienced on a Texas drill field in 1941[...].”

⁶⁸ Espécie extinta de hominídeo que evoluiu na África e viveu 1,8 milhões de anos.

(McNeill, 1995, p.30, *tradução nossa*)⁶⁹. Dança essa que ocorria antes e após a caça de animais selvagens e perigosos.

McNeill (1995) traz que seres humanos talvez não teriam evoluído e sobrevivido se não fosse a partir da dança e conecto com o que Baniwa fala sobre a disciplina e respeito com as forças da natureza, pois são moveres que não estão separados. A autora traz a percepção do quanto a natureza ensina sobre a vida terrestre, sendo necessário equilibrar e respeitar os ecossistemas. Existem seres visíveis e invisíveis e todos dividem a mesma casa *Terra*.

A dança traz uma ligação muscular entre as pessoas e a natureza, que desperta sentimentos, emoções e fortalece o coletivo. Segundo McNeill (1995, n/p), a resposta corporal ao movimento rítmico provocado em coletivo está situada nos sistemas parassimpático e simpático. A partir de hormônios que são excretados há uma excitação muscular que é agradável. Esse processo bioquímico leva ao estado de êxtase, que ocorre principalmente em coletivo. Assim, considero que o mover junto em comunidade é a ligação combativa que une elos espirituais, políticos e cognitivos, no qual a dança é um dos muitos recursos postos em combate pela vida.

Avançando na discussão, o ato de dançar e mover juntos, como propõe hipoteticamente McNeill (1995, p.2), funcionaria como um estimulador de um “elo muscular”, que aqui proponho considerar também como um elo que se abre para conexões ancestrais e com os elementares. Uma vez que tudo acontece nas e pelas corpos indígenas, que ao dançar conectam elos em uma continuidade que não se finda. Ou seja, haveria possibilidade das corpos indígenas estarem fora de uma relação de continuidade entre outras corpos, ancestrais, elementares e a natureza?

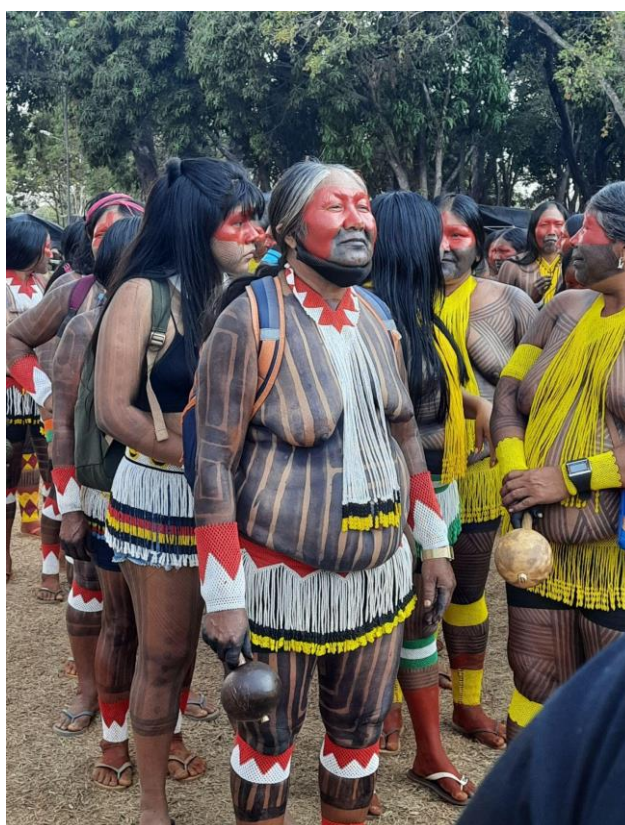
Entendimentos e proposições que encontram ressonância com o que propõe a professora e pesquisadora Montardo (2009) em sua pesquisa. Ela menciona sobre ter ouvido de vários indígenas da etnia Guarani falar que “Não há possibilidade de vida na terra se os Guarani não estiverem cantando e dançando” (Montardo, 2009, p.13). *Nhanderu* trouxe a fortaleza, a partir do mover e é passado de geração a geração. Dançar é a existência, tanto dos povos originários, como para qualquer pessoa. A dança se faz presente no caminhar, nos moveres dos órgãos, do sangue,

⁶⁹ Texto original: “learned to consolidate sentiments of social solidarity by dancing together, their hunting would have become more efficient.”

todo movimento interno. Moveres que são passados de suas mães, avós, bisavós e estão em coexistência com a natureza.

(r) E S P I R A L A R

Figura 7 - III MMI



Fonte: Acervo Pessoal.

A dança é importante pra comunidade, e as danças importantes pros meus povos, Menire Biôk, Memy Biôk, Krajagriábitôp e as festas das mulheres. A festa Krajagriábitôp, não lembro o nome em português, mas tem várias festas importantes pro povo Mebêngôkre. Tem festa do milho, do jabuti, tem várias festas importantes, por ano, não é por mês, é por ano. Esse ano vai ter festa da mandioca, ou festa dos homens, ou

festa das mulheres. Aí vai esperar o próximo ano pra ter outra festa, isso é importante pra todos Mebêngôkre, Kayapó.

Axuapé Kayapó⁷⁰

E
S *P*
 I
R *A*
 L
A *R*

Enquanto essa dissertação é escrita, terras Kaiwoá e Guarani são invadidas, terras Pataxó são invadidas, retomadas são invadidas, e o que você acha que a dança tem a ver com tudo isso?

⁷⁰ Axuapé Kayapó, do sul do Pará. Nascido na Aldeia Moikarakô e atualmente na aldeia de sua sogra e sogro Aldeia Ngrôjamroti. Segue sua foto na página 14. Entrevista concedida a Jéssica Alana Lopes Mendes. Brasília, 10/04/2022.

Figura 8 - Mateus Karai Mirim, da Etnia Guarani Mbya. Aldeia Tenondé Porã, São Paulo-SP



Fonte: Acervo pessoal.

“A dança que nós povos indígenas fazemos é pra se fortalecer, pra nossa energia ser mais forte, para que possa conseguir algo, tipo de verdade né? Pra que ninguém possa estragar nosso momento bom.”

Mateus dos Santos Karai Mirim⁷¹

⁷¹ Mateus dos Santos Karai Mirim, da etnia Guarani Mbya. Vive no Território Indígena Tenondé Porã, no extremo sul de São Paulo-SP. Entrevista concedida a Jéssica Alana Lopes Mendes. Brasília, 11/04/2022.

3 MATA ATLÂNTICA

3.1 Corpas que suspendem o céu: dança e corpas memória

O céu desabou num momento em que a floresta era recentíssima e o caos era fácil de ocorrer. Davi Kopenawa⁷² (2015, p.81) conta que, quando o céu desabou pela primeira vez, das suas costas surgiram as nossas florestas. Depois, um outro céu substituiu o que havia caído: ele foi reforçado, com varas de metal e ligações para a terra, dificultando que caísse novamente. Os grandes xamãs são quem mantêm o céu, e também os *xapiris*⁷³ que tentam manter a floresta sem retornar ao caos.

Esse caos é o que destrói as florestas, é o que traz o desequilíbrio para a vida na terra. Para que o céu não caia na humanidade mais uma vez, é necessário criar movimentos de existência, como dançar. Ailton Krenak (2020) menciona sobre a tradição de suspender o céu, que seria:

Cantar, dançar e viver a experiência mágica de suspender o céu é comum em muitas tradições. Suspender o céu é ampliar os horizontes de todos, não só dos humanos. Trata-se de uma memória, uma herança cultural do tempo em que nossos ancestrais estavam tão harmonizados com o ritmo da natureza que só precisavam trabalhar algumas horas do dia para proverem tudo que era preciso para viver (Krenak, 2020, p.15).

Dançar e seguir em continuidade com as tradições é suspender o céu. Afinal, quando se fala de uma corpa, não se trata de uma unidade e sim de um coletivo. Cada corpa representa as existências indígenas e outras corpas – como os seus parentes, a dimensão ancestral, a dimensão imaterial e uma imensidão de seres da natureza. Não à toa, o tema da I Marcha das Mulheres Indígenas (2019) foi “Território nosso corpo, nosso espírito”, uma luta pelo corpo-território e sua dimensão transcendental da vida. Pois,

⁷²Davi Kopenawa é escritor, xamã e liderança indígena Yanomami.

⁷³Espíritos da floresta na tradição Yanomami.

A vida atravessa tudo, atravessa uma pedra, a camada de ozônio, geleiras. A vida vai dos oceanos para a terra firme, atravessa de norte a sul, como uma brisa, em todas as direções. A vida é esse atravessamento do organismo vivo do planeta numa dimensão imaterial. Em vez de ficarmos pensando no organismo Terra respirando, o que é muito difícil, pensemos a vida atravessando montanhas, galerias, rios, florestas. A vida que a gente banalizou, que as pessoas nem sabem o que é e pensam que é só uma palavra. Assim como existem as palavras “vento”, “fogo”, “água”, as pessoas acham que pode haver a palavra “vida”, mas não. Vida é transcendência, está para além do dicionário, não tem uma definição”(Krenak, p.28-29, 2020).

Aqui importa chamar a atenção para a escolha temática “Território nosso corpo, nosso espírito” da I Marcha das Mulheres Indígenas (2019), que é um entendimento ontológico profundo, afirmação de existência em compartilhamento transcendental. O que, talvez, para as pessoas não indígenas, seja de difícil compreensão. Afinal, o que se considera como existência? Quais são as nossas lutas? Quando uma corpa indígena evoca o território, o corpo e espírito como objetos de luta, o exercício posto é de inseparabilidade. Isto é, não se luta fatiando a existência. E assim marcham, dançam, cantam para que “o céu não desabe” na terra e a vida continue prosperando com a mata em pé.

Assim, proponho que deixemos de lado o entendimento antropocêntrico que temos a respeito da espécie *Homo Sapiens*, como essa sendo a existência central do universo, para, então, pensarmos em relações contínuas e não excludentes. Afinal, segundo Ailton Krenak (2020), os humanos – o que o autor se refere como “clube exclusivo da humanidade” – elegeram um entendimento de humanidade como uma casta, e “[...] que todos aqueles que estão fora dela são a sub-humanidade” (Krenak, 2020, p. 10).

A ideia seria considerar a “imensidão de seres que nós excluímos desde sempre” (Krenak, 2020, p. 9), como os outros seres que coexistem com os ditos “humanos”, que partilham e codependem, de uma certa forma, da mesma vida. Uma vez que “[...] não existe fronteira entre o corpo humano e outros organismos que estão ao seu redor” (Krenak, 2022, p. 39).

Tem um poeta do povo Kuna, do Panamá, que se chama Cebaldo Inawinapi. Atualmente, ele é professor numa universidade do Porto, em Portugal, mas não cessa de fazer visitas à ilha de Kunayala, onde vive seu povo. Ele conta que o nascimento de uma criança Kuna implica em identificar aquele corpo que chega com uma árvore – assim como os

Krenak, eles relacionam o umbigo da criança a uma planta. Ele diz que todos os bosques de Kunayalaa são formados por pessoas, têm nome, porque cada planta coincide com alguém que nasceu ali. Esse trânsito entre um corpo humano e uma planta pode ocorrer com uma bananeira ou com uma árvore que vive duzentos anos, não importa, o importante é o cordão umbilical ser enterrado no ato de plantar, então a criança e planta partilham o mesmo espírito (Krenak, 2022, p.38-39).

A inseparabilidade entre corpos e ambiente apontada acima, o “corpoambiente”, enquanto constitutivos mútuos – ainda que assentada na diversidade dos modos de ser indígena –, abre diálogo com a Teoria Corpomídia (2005) das pesquisadoras Helena Katz e Christine Greiner. Principalmente, quando se propõe pensar o corpo como “aquilo que se apronta nesse processo coevolutivo de trocas com o ambiente” (2005, p.130).

A partir disso, pretendo afirmar que Davi Kopenawa, Ailton Krenak, Helena Katz e Christine Greiner partilham de um pensamento onde há pontos em que se encostam, e, ao mesmo tempo, mapeiam entendimentos próprios, como, por exemplo, a dimensão transcendental da vida que compreende a partilha do mesmo espírito entre uma criança e uma árvore, como é o caso do povo Kuna.

O que interessa aqui é ressaltar que existe algo comum na noção de corpo, isto é, que o corpo é o resultado das trocas com o ambiente. Assim, o corpo pode nos contar sobre sua coleção de informações corpadas e negociações com o ambiente. E “isso ocorre porque quando o corpo e a informação se encontram, ela se torna corpo e, nesse encontro, tanto a informação quanto o corpo se modificam” (Katz, p. 22, 2021). Sobre isto Katz escreve:

[...]todo corpo é corpomídia porque troca informação com o ambiente, modificando-se e modificando o ambiente e, nesse fluxo constante, vai contando (sendo mídia) o que está acontecendo com ele. O corpo não é um recipiente no qual as informações são depositadas e, depois, quando e como desejar, as expressa. O corpo é mídia do que está acontecendo nessas trocas com o ambiente, isto é, o corpo é mídia dele mesmo (Katz, 2021, p.21).

E nesse sentido a coleção de informações que constituem as corpos indígenas vão nos contar o que está ocorrendo com o/a corpo/corpa. Assim como o meu e o seu corpo também contam. A corpa é um território de memórias, um conjunto de experiências, natureza e ancestralidade, que comunicam, afetam e são

afetadas pelas questões sociopolíticas e culturais. Ao pensar em povos indígenas, Angatu (2019) colabora:

São expressões que aparecem em nossos cantos, olhares, gestos, moradia, maneiras de alimentar, corpo, anga (alma), pinturas, colares, cocares, formas de se relacionar com a natureza, plantar, colher, pescar, rituais, curas, sonhos e nos silêncios indígenas (Angatu, 2019, p.62).

Assim, avanço na proposição de que a corpa-território é também corpomídia dos seus enfrentamentos e lutas contra o Estado genocida, assassino e suicidário. As mobilizações sociais, que são objeto de análise desta dissertação, são estratégias de resistência e “esperançar”, isso porque os povos indígenas seguem implicados nas tentativas de mudar o sistema opressor. As corpas indígenas seguem marchando, dançando e cantando contra o Marco Temporal e afirmando o direito originário à terra, à morada das corpas, aos ancestrais e espíritos das florestas.

Corpa-território são todos os processos culturais de um povo. A dança se faz enquanto lugar de pertencimento e memória. Arlete Pinheiro⁷⁴ (2018), ao trazer sobre o povo Tupiniquim do Espírito Santo, menciona depoimentos de como a luta pela terra desperta a dança e o corpo, que é fragmento de memória, combate, e ato de “(auto)demarcação”: “O corpo, lugar privilegiado das sensações e das vivências, é reinventado no ato da luta.” (Pinheiro, 2018, p. 163). Corpa é o espaço combativo e sagrado que vem desde a ancestralidade. Para Ana Liz Rocha, em entrevista para pesquisa de campo:

A dança pra mim tá presente em todo momento e é muito sagrado. Principalmente no ritual, porque ali é o nosso contato com a ancestralidade, então é isso, é meu contato, a energia, a energia com a natureza. É onde toco o meu pé no chão e eu sinto sabe, a energia da terra.⁷⁵

A troca entre corpo-ambiente-dança emerge do contato com a terra, com o chão. Se observarmos a natureza, tudo dança: desde as árvores movendo seus galhos, as folhas, o mover das águas, das raízes, dos bichos, dança que traz potência de vida. *Jeroky* reside no corpo-alma-espírito.

⁷⁴Arlete Pinheiro é doutora e mestra em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo, professora e pesquisa as lutas territoriais indígenas.

⁷⁵ Ana Liz Rocha. Entrevista concedida a Jéssica Alana Lopes Mendes, Brasília, 08/04/2022.

É mover-se para não desabar o céu, encontrar outras possibilidades de existência a partir do movimento, como as árvores do cerrado, por exemplo. No cerrado, as árvores são tortuosas e pequenas pois há um fenômeno chamado Escleromorfismo Oligotrófico, que é quando a seiva das árvores puxa minérios causados por queimadas, esses minérios podem levá-las à morte. Para que isso não ocorra, elas vão retorcendo, encontrando outros movimentos para permanecerem vivas.

Sobre a relação humana, trago também o que McNeill (1995, p.2) discorre sobre a ligação muscular, aonde a dança em coletivo provoca o sentimento de êxtase graças à excitação do sistema parassimpático. Quando isso ocorre, há o fortalecimento dos elos no coletivo, que levam ao encontro das possibilidades de potências geradoras de vida. Corpos que, assim como as árvores, são flexíveis, porém com raízes profundas e fortes.

Os elementos da natureza também são nossas ancestrais. Para Tamikuã Faustino (2022), em entrevista para a pesquisa de campo⁷⁶, a dança é a continuidade da ancestralidade que se aprende com os anciões, fazendo parte da cultura. Em diálogo com a Teoria Corpomídia, o corpo está sempre em mudança e “coleção de informações” constantes (Katz, 2021, p.22), assim, somos constituídas também de ancestralidade, formando parte do que somos, e também modificando isso a cada segundo a partir do nosso vivido.

Não tem como dissociar a ideia de que a humanidade é distinta dos outros seres, “o cosmos é natureza” (Krenak, 2019, p.10). Uma árvore, um animal, a chuva, nada disso é menos importante do que a humanidade; antes, não existe humanidade se a natureza for devastada, pois tudo é um só, somos a natureza. Não há oxigênio se não existir as árvores, não há vida se não existir a água, não há humanidade se o céu desaba. E a dança se mantém presente para o céu não cair sobre as nossas cabeças. Dançar como um broto flexível mesmo em meio a tantas intempéries e genocídios. Dançar para não desabar o céu.

e s p

⁷⁶ Tamikuã Faustino. Entrevista concedida a Jéssica Alana Lopes Mendes, Brasília, 07/04/2022.

i r
l a r

Figura 9 - Ana Liz Rocha Tupinambá, Aldeia Tetama - Olivença



Fonte: Acervo Pessoal.

“Pra mim a dança é o movimento, movimento do meu corpo, é o que eu sinto sabe? A dança pra mim tá presente em todo momento e é muito sagrado. “

Ana Liz Rocha⁷⁷

3.2 Corpa-Território em movimento - Movimento Indígena

Corpa é a primeira morada e também a última. A casa é as memórias, os músculos, os ossos, a ancestralidade, que são corpadas em cada pessoa. Ao pensar na relação casa-corpo, trago como exemplo o ninho (Bachelard, 2008,

⁷⁷ Ana Liz Rocha, da Etnia Tupinambá, vive em Olivença-BA. Entrevista concedida a Jéssica Alana Lopes Mendes, Brasília, 08/04/2022.

p.256). O passarinho faz o ninho com o corpo inteiro, ele não tem mãos que o auxiliam, sendo necessário mexer a caixa torácica e o coração para a construção de sua casa: a construção do ninho faz-se com o corpo. A forma como o pássaro pulsa o seu corpo modifica a respiração, o estado, as batidas do coração. Seu corpo é sua casa.

Assim como o pássaro, cada pessoa indígena preserva sua corpa-território e a constrói com a preservação da sua cultura. O pulso do maracá junto com os pés no chão, o jenipapo que grafa no corpo a sua identidade, o urucum que protege, e, principalmente, todo o conhecimento ancestral que está no corpo. A luta indígena não se resume apenas pelos territórios como terra, mas por toda a sua cultura, pela sua ancestralidade, pelo entendimento do corpo enquanto território.

Essa luta é contínua desde a invasão no país. Tuxá (2021, p.24) menciona que “a violência contra esses povos é parte fundante do projeto societário brasileiro”, em vários períodos históricos do Brasil, desde a sua invasão, a opressão indígena é um *modus operandi* dos poderes políticos que foram instaurados no país.

Durante o governo do ex-presidente da república Jair Bolsonaro⁷⁸, houve um aumento do genocídio da população indígena e das políticas contra os povos originários, como, por exemplo, a intensificação do Marco Temporal. Esse que é, resumidamente, uma tese jurídica que permite a demarcação de terras indígenas somente a povos que já estivessem em um território reconhecido até o dia 05 de outubro de 1988, quando a Constituição Federal foi promulgada. O aceite desta tese é um atentado contra as vidas indígenas.

O julgamento não ocorreu nem em 2021, nem em 2022. O julgamento aconteceu em setembro de 2023, o qual será tratado mais à frente. No ano de 2021 houveram algumas mobilizações, como o Acampamento Terra Livre (ATL), a maior mobilização indígena do país, que foi criada há 19 anos e ocorre anualmente desde então. Também houveram os acampamentos Levante pela Terra (2021) e Luta pela Vida (2021), ambos em Brasília-DF. Essas mobilizações foram fortíssimas, com diversos povos acampados contra o Marco Temporal.

⁷⁸ Governo que durou de 2019 a 2022.

Em 2005 foi criada a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB)⁷⁹, uma organização que visa manter a adesão dos povos dentro do movimento indígena, além de “tornar visível a situação dos direitos indígenas e reivindicar do Estado Brasileiro o atendimento das suas demandas e reivindicações”⁸⁰. A APIB tem como pautas a legislação, a saúde e a educação indígenas, a gestão ambiental e territorial, e a participação em instâncias governamentais para a articulação de políticas públicas.

A Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), atualmente, é o maior órgão de representação dos povos indígenas. Além dela, também existe a Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade (ANMIGA)⁸¹, organização que nasceu no dia 08 de março de 2021, voltada para a mobilização de mulheres indígenas de todo Brasil, soma com os seus saberes na luta pelos direitos de seus povos, contra a violência de gênero, e também traz o protagonismo para a mulher indígena.

Os outros órgãos regionais existentes são: Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB), Articulação dos Povos Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo (APOINME), Conselho do Povo Terena, Grande Assembléia do povo Guarani (Aty Guasu), Comissão Guarani Yvyrupa (CGY), Articulação dos Povos Indígenas do Sudeste (ARPINSUDESTE), Articulação dos Povos Indígenas da Região Sul (Arpin Sul).

Todos esses órgãos estão presentes para criar políticas públicas que defendam os direitos de terras-território, Tuxá (2021) complementa:

O Movimento Indígena tem enfatizado nos últimos anos estratégias de combate à violência que pautam o seu caráter estrutural através de denúncias que dimensionam esse fenômeno no plano político e jurídico como um caso de genocídio. O que significa dizer que não estamos diante de eventos contingenciais onde a violência emerge eventualmente, em casos isolados de massacres e chacinas, e sim de um plano arquitetado contínuo de obliteração da existência indígena. Para os povos indígenas, a

⁷⁹ A Apib é uma instância de referência nacional do movimento indígena no Brasil, criada de baixo pra cima. Ela aglutina nossas organizações regionais indígenas e nasceu com o propósito de fortalecer a união de nossos povos, a articulação entre as diferentes regiões e organizações indígenas do país, além de mobilizar os povos e organizações indígenas contra as ameaças e agressões aos direitos indígenas. <https://apiboficial.org/>

⁸⁰ APIB, 2023. Sobre como surgiu a organização. Disponível em: <<https://apiboficial.org/sobre/>>. Acesso em novembro de 2023.

⁸¹ Para saber mais, acesse: <https://anmiga.org/>.

existência desse plano se evidencia a partir de diferentes estratégias que atacam não apenas a sua vida individual e coletiva, mas também seu modo de ser, culturas e planos de futuro (Tuxá, 2021, p.25).

O papel das organizações indígenas é preservar a vida de corpos-território, e visibilizar a luta indígena contra a naturalização da violência sofrida pelas corpos e corpos indígenas. A cada ano aumenta o número de pessoas em defesa da vida, das memórias e dos conhecimentos ancestrais. Cuidar da corpa-território é preservar a cultura, os costumes e as rezas. Assim como o pássaro que tem seu pequeno coração acelerado e constrói com o pulsar do seu corpo a sua casa, os povos indígenas tem construído suas organizações em prol dos direitos. A cada passo ritmado na terra, a respiração também é modificada, é pulso para lutar.

Figura 10 - II Marcha das Mulheres Indígenas



Fonte: Acervo pessoal.

3.2.1 Marcha das Mulheres Indígenas (MMI) - 2021/2023

A Marcha das Mulheres Indígenas nasce em agosto de 2019, em conjunto com a Marcha das Margaridas⁸², e ocorre em formato bienal. Em 2019 o movimento foi um pouco menor em comparação a II Marcha das Mulheres Indígenas, ocorrida em setembro de 2021, já em 2023 pode-se ver o crescimento da MMI. Mulheres indígenas do Brasil inteiro foram a Brasília, na Esplanada dos Ministérios, para lutar pelos seus direitos. Na mesma época, ocorria o movimento contra o Marco Temporal. Foram meses de acampamento em Brasília pela luta dos direitos dos povos originários.

No dia 06 de setembro de 2021, véspera do 07 de setembro, dia da “independência”, houve uma manifestação pró-Bolsonaro em Brasília-DF. Financiadas pelo ex-presidente Jair Bolsonaro, pessoas de várias partes do país foram à Esplanada dos Ministérios no Plano Piloto⁸³ tentar quebrar as grades do Supremo Tribunal Federal (STF). A manifestação iniciou por volta das 19-20:00 e terminou entre as 4:00 da manhã.

No mesmo dia, povos indígenas de diversas etnias e partes do Brasil acampavam na FUNARTE⁸⁴. Algumas pessoas estavam acampadas desde abril de 2021 com o ATL, reivindicando seus direitos contra a PL 490/2007⁸⁵. Logo após, algumas pessoas permaneceram acampadas, e em junho chegaram novas delegações, nas mobilizações sociais *Levante pela Terra*, e em agosto no *Luta pela Vida*. E, dessa vez, estavam unidas também para a *Segunda Marcha das Mulheres Indígenas*, em setembro, que uniu pessoas acampadas desde abril. A noite do dia 06 foi aterrorizante com quatro tentativas de ataques bolsonaristas contra os povos indígenas.

Aterrorizante, talvez, para uma pessoa como eu, não indígena. Maria Flor Guerreira⁸⁶ me disse “*você está vivendo um pouco do que passamos todos os dias*”.

⁸² Movimento que ocorre desde 2000, mulheres do campo, das florestas, marcham nas ruas de Brasília reivindicando seus direitos. Ocorre sempre no mês de agosto, mês que Margarida Alves foi assassinada. Margarida era trabalhadora do campo e sindicalista, nordestina, sendo uma das primeiras mulheres a exercer o cargo de direção sindical no Brasil. Teve sua vida brutalmente interrompida a tiros aos 50 anos. Quem mandou matar Margarida?

⁸³ Região central e administrativa de Brasília, onde fica a capital.

⁸⁴ Fundação Nacional das Artes, instituição responsável pelas políticas públicas voltadas às artes.

⁸⁵ PL sobre o Marco Temporal, que inviabiliza a demarcação de terras indígenas que não comprovem ocupação até 05 de outubro de 1988.

⁸⁶ Educadora e ativista política, de Minas Gerais, indígena pertencente do povo Pataxó.

Durante o show de horror que ocorria na Esplanada com as tentativas de ataque, as comunidades indígenas unidas cantavam e dançavam como forma de ataque-defesa e proteção. Muita dança de proteção a noite toda.

Nhanderu estava presente dando força às *xondarias*⁸⁷ e aos *xondaros*⁸⁸ que estavam no acampamento. Os pés batendo forte no chão junto ao maracá⁸⁹ marcavam a força de um povo que resiste a partir dos seus movimentos corporais. As bordunas⁹⁰, o arco e flecha, tecem junto ao corpo uma coreografia. A dança amanheceu neste dia e nenhum mal ocorreu.

Figura 11 - Maria Flor Guerreira (MG) no acampamento da Segunda Marcha das Mulheres Indígenas, em Brasília, ocorrido no mês de setembro de 2021



Fonte: Acervo Pessoal.

A MMI é um movimento de extrema importância para as mulheres indígenas. É o momento de as mulheres raízes reivindicarem seus direitos e os direitos da terra. O movimento é um fortalecimento de pautas das mulheres indígenas e o momento de plantar a semente para “reflorestar mentes”. Grande parte da

⁸⁷ Significa guerreiras para o povo Guarani.

⁸⁸ Significa guerreiros para o povo Guarani.

⁸⁹ Instrumento musical indígena sagrado, parecido com o som de um chocalho.

⁹⁰ Arma indígena feita de madeira.

territorialização indígena é feita pelas mulheres, como os cuidados relacionados à saúde, à alimentação, às danças e à transmissão do conhecimento ancestral aos filhos e filhas. Para Larissa Tukano, Jaime Waiwai e Myrian Barboza (2019):

A territorialização indígena é corporal porque estes territórios são elaborados e organizados a partir do complexo de conhecimento e ações atreladas aos corpos, por isso denominamo-la de corpoterritorialização, que ocorre principalmente conforme as singularidades dos corpos femininos (Tukano *et al*, 2019, p.512).

Assim como “sem a dança não existe vida na terra”, também não existiria vida na terra se não houvesse a *corpoterritorialização* dessas mulheres, não haveria o cerrado, a floresta amazônica, a mata atlântica. Elas cantam e rezam para que o céu não caia. Seus conhecimentos fazem parte do corpo, que, para Eliane Potiguara (2010, p.27), é também lugar de sofrimento por causa da colonialidade.

A segunda marcha ocorreu em 2021, com 7,2 milhões de pessoas, 5.000 pessoas acampadas, 172 povos, sete biomas representados e cinco dias de acampamento. No período da tarde, haviam as assembleias, que discorriam sobre as pautas políticas importantes para o movimento indígena e, principalmente, sobre as questões de gênero.

As redes sociais se tornaram aliadas da luta indígena, já que os meios de comunicação têm sido utilizados para mostrar suas realidades, reivindicar seus direitos, denunciar as violências sofridas e garantir pessoas aliadas à luta.

A MMI de 2021 contou com o suporte dos meios de comunicação, a exemplo, das mídias sociais. Junto havia a Mídia Indígena⁹¹, Mídia Guarani Mbya⁹², a equipe de comunicação da APIB e ANMIGA, entre outras mídias indígenas ou de apoiadores da causa. Quem não conseguiu ir até Brasília, poderia acompanhar todo o movimento por lives e/ou vídeos postados na internet. Foram registrados momentos marcantes e pautas necessárias, como as violências que as mulheres indígenas e os povos originários têm sofrido, e também as violências contra o meio ambiente.

⁹¹ Canal de comunicação no instagram, feito por jovens comunicadores indígenas para transmitir as notícias da realidade indígena no Brasil.

⁹² Canal de comunicação no instagram, mediado pelo jovem comunicador indígena Guarani Mbya Richard Werá Mirim, da Terra Indígena do Jaraguá em São Paulo, para transmitir e fortalecer sobre as notícias do que ocorre com os povos indígenas no Brasil.

Figura 12 - Mulheres do povo Guarani em rezo durante a II MMI



Fonte: Acervo pessoal.

O tema da II marcha “*Mulheres Originárias: Reflorestando mentes para a cura da Terra*”, aponta questões úteis para este texto. A primeira é a inseparabilidade das corpas e da natureza, pois, como já foi mencionado anteriormente, não existe a separação entre os humanos e outros seres vivos. Isso faz da mulher originária uma guardiã da terra, morada de todas as existências. Assim, as mulheres, corpas-território, com a sua sabedoria ancestral, têm o papel de reflorestar mentes – principalmente, não indígenas – para a cura da terra. Por outro lado, quando se refere à categoria mulher, é preciso ampliar para outras experiências de ser mulher que não se fixam na hetero-cis-normatividade, uma vez que a força da mulher indígena não é circunscrita a esse padrão. Outras possibilidades de ser mulher, como a mulher trans, estavam presentes na II MMI. Havia corpas diversas na manifestação da força da mulher indígena.

Foram cinco dias de muita programação, todos os dias com assembleia, onde eram discutidos assuntos importantes para o movimento indígena e para as questões relacionadas às mulheres indígenas. Entre os temas pautados, estavam: as invasões dos territórios indígenas, as questões LGBTQIA+, as questões de

violência de gênero, além de deliberações políticas em relação às terras indígenas. Nessa mesma época, no dia 09 de setembro, ocorreu o julgamento sobre o Marco Temporal, que também foi tema das plenárias daquela tarde.

O grande dia foi 10 de setembro, quando ocorreu de fato a II Marcha. Mulheres de diversas etnias com as pinturas de seu povo e seus trajes, mostravam sua força em movimento por Brasília, caminhando rumo ao congresso. Foi um movimento que reuniu mulheres jovens, anciãs e crianças, todas unidas, lutando pela sua corpa-território.

A luta das mulheres indígenas pelo território é a luta das suas próprias continuidades, e mais:

Quando o movimento das mulheres indígenas articula de forma mais sistemática os diálogos, fica evidente que nosso corpo também é território de conhecimento, carregado de ancestralidade, carregado de uma educação indígena que traz essa diversidade e essa especificidade das ciências indígenas.[...]Trazer o protagonismo da voz das mulheres indígenas não é só algo individual daquela que está falando, é também diálogo com vários corpos políticos e vários territórios de vários biomas (Baniwa, Mandulão, Kaingang, 2023, p.8).

Essas mulheres bioma são o que sustentam uma comunidade com as suas sabedorias e crenças. Elas trazem o conhecimento da terra, da medicina e do cuidado. Sandra Benites (2018, p.64) comenta que “na ordem social Guarani, o corpo é a relação com o outro e é fundamental para a construção da sabedoria”. Isso é um legado ancestral entre as corpas-territórios, pois elas são grandes transmissoras do saber, e esse conhecimento não se constrói individualmente: vem da natureza, da ancestralidade e da vida em comunidade. E mesmo com as violências contra suas corpas, mesmo com dificuldades, elas continuam sendo a fortaleza em continuidade.

A verdade está chegando à tona, mesmo que nos arranquem os dentes! O importante é prosseguir. É comer caranguejo com farinha, peixe seco com beiju e mandioca. É olhar o mar e o céu. E reverenciar os mortos, os ancestrais. É sonhar os sonhos deles e vê-los. É conviver com as “manias de caboco”, mesmo sufocados pela confusão urbana ou as ameaças agrestes, porque, na realidade, são as relações mais sagradas de nosso povo, porque são relações com a terra e com o Criador, nosso Deus Tupã. Bonito é vestir os trajes do Toré e honrar-se como se vestisse os trajes dos reis, e senti-los como a expressão máxima das relações entre o homem, a

terra e Deus. É sentir o sagrado e o universo. O importante é crer e confiar, mesmo que, na noite anterior, tenham violado nossa casa ou nosso corpo. É preciso ouvir os velhos, o som do mar e dos ventos. É preciso a unidade entre as famílias, por isso pedimos a Tupã que nos proteja e dê um basta ao sofrimento secular de nosso povo comedor de mandioca (Eliane Potiguara, 2018, p.87).

Suas fortalezas trazem ensinamentos sobre a vida, mesmo com toda a violência da colonialidade, são guerreiras que cuidam dos seus e levantam-se dia após dia com a sabedoria de ouvir a natureza, agradecer e confiar. Reflorestam mentes e a si próprias. Na II MMI, houve uma ação no local onde ocorria o acampamento: algumas sementes foram plantadas para germinar e curar a terra. A ideia era “reflorestar mentes” e plantar a semente da luta indígena naquele espaço, em Brasília-DF, para trazer frutos que são uma parte da esperança no futuro do planeta.

Figura 13 - Evelin Cristina Tupinambá com sua filha



Fonte: Acervo Pessoal.

Em setembro de 2023 aconteceu a III Marcha das Mulheres Indígenas, um pouco mais curta que a anterior (2021), com três dias de acampamento na Funarte em Brasília-DF (do dia 11 ao 13), com o tema “Mulheres Biomas em Defesa da Biodiversidade pelas Raízes Ancestrais”. Os debates foram organizados a partir dos

seis biomas do Brasil: Cerrado, Amazônia, Mata Atlântica, Caatinga, Pantanal e Pampas, onde haviam mulheres representando cada um deles. Estavam presentes, em média, 8.000 mulheres indígenas de todo o Brasil. O tema do Marco Temporal estava forte, já que a votação ocorreria nos dias 20 e 21 de setembro.

O movimento estava extremamente organizado e amadurecido em relação às edições anteriores. Segundo o site da ANMIGA⁹³, a mensagem dessa marcha foi: “é hora de encerrar o ciclo de discriminação e reivindicar nosso lugar de direito na sociedade”. E, com essa missão, a dança exerce um papel importante. Valdineia Pereira⁹⁴, em entrevista para a pesquisa de campo, menciona que “A importância da dança é de resgatar, não deixar a cultura morrer”⁹⁵. Podemos pensar no poder da dança enquanto reivindicação dos direitos dentro dos movimentos indígenas, sendo uma forma de luta para as mulheres, desde a defesa dos seus territórios até a autonomia para ter seus próprios espaços de fala e decisão.

Foi um movimento político, onde mais do que nunca a voz dessas mulheres foi entoada com toda a força em prol dos seus direitos. Em ambos os anos, existem algumas etnias que despertam na madrugada para iniciar seus cantos, rezas e danças. Com o intercâmbio cultural nas aberturas das assembleias, mulheres de diversos povos também se unem para os rituais. Era o momento de honrar as ancestrais e fortalecer o movimento, onde as mulheres indígenas têm desempenhado um trabalho fundamental na preservação das tradições dentro das suas culturas – sem esquecer que cada povo tem seus costumes específicos.

Braulina Baniwa (2019) comenta sobre a invisibilidade da luta da mulher indígena: “A colonização sempre trabalhou na perspectiva de força física de homens e deixou de lado, força social, cultural e espiritual de mulheres” (Baniwa, 2019, p.167). A indígena antropóloga menciona o espaço sagrado e sábio da mulher, que vai desde os cuidados espirituais e físicos até aos políticos:

A luta pelo território, é além de ter roça, um igarapé limpo para tomar chibé com meus filhos, é poder compartilhar minhas plantações com as minhas primas, tias e sogras, a luta pelo território, é uma forma de equilibrar o cuidado com corpo e saúde, na medida que perdemos espaços

⁹³ Disponível em: < <https://anmiga.org/>>. Acesso em outubro de 2023.

⁹⁴ Valdineia Pereira é Tupiniquim, vive na Aldeia Caieira Velha em Aracruz-ES e trabalha em uma creche na sua aldeia.

⁹⁵ Valdineia Pereira. Entrevista concedida a Jéssica Alana Lopes Mendes. Brasília, 08/04/2022.

territoriais, perdemos o poder de transmissão de conhecimento milenar de mulheres, que envolve desde nascimento até a morte (Baniwa, 2019, p.167).

Todos esses cuidados relacionados ao corpo são passados de geração em geração, fundamentados pela oralidade, sendo parte da natureza das mulheres (Baniwa, 2019, p.167). Dentro desses conhecimentos está a dança, e todas essas sabenças são partes importantes para a continuidade de um povo. Como na MMI, aonde haviam muitas mães com suas crianças, avós, gerações unidas pelo comum de preservar a sua tradição.

Também foi debatido sobre a violência de gênero que acontece fora e dentro das aldeias, com o foco na conscientização de como agir diante de uma violência. Houveram relatos tristes e emocionantes, mas todas juntas, em uníssonos, ensinando o que é sororidade na prática.

E
S
P I
R
A
L A R

“A primeira vez que eu dancei. Que eu danço também jogando a lança, eu danço a dança guerreira. E a primeira vez que eu dancei foi com meu filho. Nós dois lutamos, e a gente lutava como se a gente não fosse mãe e filho, a gente lutava como se tivesse uma guerra mesmo, de verdade mesmo, e a gente tivesse defendendo os nossos direitos. E aí foi a vez mais marcante, me marcou. Hoje ele tá com 39 anos, na época acho que ele tava com uns 20, 21 anos, e hoje já tem 39 anos, esse ano ele faz 40 anos.

E essa foi a vez que mais me marcou mais, minha mãe, meu irmão, até chorou quando viu nós dois ali, e aí a gente dança assim lutando, a gente luta

mesmo, com garra mesmo. A gente quando entra assim, numa dança assim, é aquela energia, e quanto mais você dança, mais dá vontade, dá vontade...
(chorando) Desculpa, tá?!”

Valdineia Pereira Matos⁹⁶



Vídeo da III Marcha das Mulheres Indígenas

3.2.2 Acampamento Terra Livre (ATL) - 2022/2023

O Acampamento Terra Livre (ATL) existe desde 2004, foi criado para discorrer sobre a situação dos povos indígenas do Brasil e reivindicar seus direitos. Ocorre sempre em Brasília-DF no mês de abril, e segundo o site da APIB, só há exceção a essa regra se houver alguma “deliberação a partir da análise da conjuntura nacional e da situação dos direitos indígenas”⁹⁷.

O movimento de 2022 durou dez dias, de 4 a 14 de abril, com quatro marchas no total. O tema foi “Retomando o Brasil: Demarcar Territórios e Aldear a Política”, já que era ano de eleições presidenciais – incluindo governo federal, senado e deputadas (es/os) –, e havia um grande número de candidaturas de indígenas (o maior da história do Brasil), incluindo de mulheres indígenas, que visavam entrar na política para representar e trazer pautas que contemplem as questões originárias, agir em defesa do meio ambiente e, claro, demarcar territórios.

⁹⁶ Valdineia Matos, da etnia Tupiniquim. Vive na Aldeia Caieira Velha no Espírito Santo. Entrevista concedida a Jéssica Alana Lopes Mendes. Brasília, 08/04/2022.

⁹⁷ Disponível em: < <https://apiboficial.org/historicoatl/>>. Acesso em outubro de 2023.

Os dias foram intensos, com atividades que trouxeram temas como: as mulheres indígenas na política, questões de gênero, pautas LGBTQIAP+, educação escolar indígena, entre outros assuntos relacionados às políticas públicas e de vida. A partir do movimento de aldear a política, foi escrito um documento final, manifesto em prol da democracia:

Precisamos interromper esses processos de destruição e morte. Nossa luta é por nossos Povos, sim, mas também pelo futuro de todos e todas as brasileiras e pela humanidade inteira! Lutamos por um projeto civilizatório de país e de mundo. Um projeto baseado nos princípios do respeito à democracia, aos direitos humanos, à justiça, ao cuidado com o meio ambiente e com a Mãe Natureza; um projeto que respeite a diversidade étnica e cultural do país do qual fazemos parte, com mais de 305 povos diferentes e 284 línguas indígenas, sem racismo, preconceitos e discriminações de nenhum tipo (APIB *et al*, pg, 71).⁹⁸

E mais:

Por um país realmente democrático, justo, multicultural, que respeite e proteja as nossas vidas e da Mãe Natureza, seguimos em aliança com os trabalhadores do campo e da cidade, em luta permanente (APIB *et al*, 2022, pg. 73).⁹⁹

Aldear a política tem sido um movimento para lutar pela democracia e pela vida: dos povos indígenas, das pessoas não indígenas e do meio ambiente. Retomar o Brasil é retomar os espaços onde há tentativas de apagamento. É necessário perceber e identificar as violências coloniais, e saber que elas existem desde 1500, e se renovam a cada ano que passa. É preciso combater as dores fincadas do colonialismo e decolonizar os modos de vida e a política (Nuñez, 2019).

Brasil é terra indígena e o Congresso Nacional precisa de mais pessoas indígenas para que possam ocupar esse espaço em prol de suas pautas. São os povos originários que conseguem reconstituir toda a fauna e flora que o agronegócio está destruindo (Krenak, 2022). O planeta está em colapso, as mudanças climáticas são apenas um indicativo de que a ganância da branquitude está colocando a

⁹⁸ Disponível em: <https://apiboficial.org/files/2022/06/ATL2022_REVISTA_v3.2.pdf> . Acesso em outubro de 2023.

⁹⁹ Disponível em: <https://apiboficial.org/files/2022/06/ATL2022_REVISTA_v3.2.pdf> . Acesso em outubro de 2023

própria espécie em extinção. Se esse processo desenfreado de destruição da natureza continuar, nada mais poderá ser feito para reverter.

Ao longo dos dez dias, os povos originários trouxeram tradições, cantos e palavras de ordem para denunciar a política anti-indígena do atual governo, que atenta, desde o começo do mandato – em 2019 –, contra as vidas e os territórios dos indígenas de todo o país (APIB *et al*, 2022, p. 38).¹⁰⁰

Mesmo com o apoio da APIB e do MST, que estava à frente da cozinha alimentando as pessoas que estavam no acampamento, há muitas dificuldades: dormir numa grande praça no meio da cidade no frio, contar apenas com banheiros químicos, duchas frias coletivas – e, às vezes, falta de água –, delegações sem dinheiro para voltar para a casa ou comprar comida, estar longe de seus lares, de suas famílias; tudo para lutar pelo seu território e pelo coletivo.

São 24 horas de rezo e dança – sejam as danças tradicionais de cada comunidade, sejam o piseiro, o funk, ou o forró quando cai a noite. A dança é uma forma de se conectar com a ancestralidade e com a terra, o que traz força para continuar a luta, e isso é de extrema importância para cada povo ali presente. Sobre isso, Marinete Almeida fala da dança no ATL:

Em ATL, e não só em ATL, mas nos acampamentos que são feitos e não só em Brasília, mas em outras cidades também, a dança, a espiritualidade, a invocação do espírito, o que o povo Pataxó tem feito muito, as senhoras anciãs de outro povo aqui que acordam 3, 4 horas da manhã e começam a cantar, é uma evocação do espírito, pro espírito poder vir em nós, então eu vejo assim que a dança em meio a luta né, para quem não entende pensa que é uma exposição de dança, que estão dançando por dançar, e não! Na realidade é um embate que estão fazendo na dança, através da dança, através desse ritual eles estão mostrando que estão ali para lutar...¹⁰¹

Como diz Marinete, a invocação do espírito é conjunta à dança, é um chamado à ancestralidade para permanecerem fortes no movimento. São 523 anos de luta pela vida, pelo bem viver; de resistência a partir do corpo-território e da dança. A dança e o canto são o enfrentamento contra o Estado; Krenak, em uma

¹⁰⁰ Disponível em: <https://apiboficial.org/files/2022/06/ATL2022_REVISTA_v3.2.pdf> . Acesso em outubro de 2023

¹⁰¹ Marinete Almeida. Entrevista concedida a Jéssica Alana Lopes Mendes. Brasília, 10/04/2022.

conversa no III Seminário do Grupo de Pesquisa Ágora: modos de ser em dança¹⁰² – intitulado “Avivamentos Poéticos no Aqui Agora”¹⁰³, diz que: “o fascismo será derrubado sobre nossos pés a partir do canto e da dança, pois além da potência de suspender o céu, também tem a potência de enterrar o fascismo.”¹⁰⁴

Ainda, para encontrar as forças para lutar, é importante o intercâmbio cultural de cada povo. Para que as pessoas pudessem conhecer um pouco mais sobre as culturas, haviam as apresentações culturais, vários povos se preparavam durante o dia para apresentar as suas danças durante a noite, que são suas formas de existência. Era um dos momentos mais importantes do movimento, de troca de conhecimentos e saberes.

No dia a dia, a dança estava sempre presente, e acontecia com mais intensidade nos momentos aonde precisavam intensificar a luta, sejam nas manifestações ocorridas na Esplanada dos Ministérios, seja quando acontecia alguma intempérie. Nas tardes também haviam algumas apresentações culturais, e a dança muitas vezes aparecia em um momento de reza.

Figura 14 - Mulheres em marcha, ATL 2022, em Brasília-DF



Fonte: Acervo pessoal.

¹⁰²Grupo de Pesquisa vinculado ao Programa de Pós-graduação em Dança (PPGDANÇA-CNPq) coordenado pela Prof. Dra. Gilsamara Moura e Prof. Dra. Márcia Mignac, no qual discute assuntos relacionados, a dança, cognição e biopolítica.

¹⁰³ Seminário ocorrido no dia 29/10/2021, em formato online, realizado pelo Grupo de Pesquisa Ágora, do PPGDANÇA UFBA.

¹⁰⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KOfa08akz6M&t=588s>>. Acesso em outubro de 2023.

Marchar na capital do Brasyl não é apenas caminhar pela Esplanada dos Ministérios, para os povos originários, é mais, é dançar e conectar o pé direito batendo firme no chão, nessa terra que pertence a eles, e como já mencionado várias vezes nesta escrita: a dança não se dissocia da luta pela vida e pelos territórios. Tauan Terena, em entrevista para a dissertação, comenta sobre o Kohixoti-Kipaé:

A dança, em relação ao povo Terena, ela é um ato de existência, porque diferentemente de outros povos a gente não tem canções pra expressar o nosso espiritual, a gente tem a dança. A dança que a gente chama de Kohixoti-Kipaé, que é a Dança da Ema. E a emá é o nosso animal sagrado.¹⁰⁵

Tauan fala sobre a importância que a dança tem para o seu povo, durante a conversa, ele contou que tudo o que ele sabe sobre a sua tradição foi por oralidade do seu bisavô. O sonho do seu bisavô era que pudesse ser escrito um livro sobre as danças e as tradições do povo Terena.

Então a gente traz esse conhecimento desde nossos tempos ancestrais, como um ato de resistência e mostrar que a gente tá vivo, e mostrar que não estamos presentes só nos livros de história, como contam como se a gente fosse personagem do passado, mas a gente tá no presente, a gente tá mostrando o nosso lado espiritual presente independente de qualquer situação que atente a nossa comunidade, o nosso ser, o nosso espiritual, o nosso corpo, a gente continua mantendo viva essa tradição, que também é uma vontade de nossos ancestrais, de nossos anciões, que sempre nos aconselham a manter essa dança, como um lado de resistência.¹⁰⁶

McNeill (1995, p.37) colabora com esse pensamento quando diz a respeito da presença da dança nas comunidades tradicionais e no mundo. Para o autor, o esforço rítmico do movimento auxiliou no trabalho com a terra, assim como a dança, enquanto ritual, é um meio de se auto afirmar o coletivo e fortalecer as identidades. Quando Tauan Terena fala sobre a expressão do Kohixoti-Kipaé, ele menciona sobre “manter essa tradição porque ela aviva a nossa cultura e a gente tem o porquê lutar.”¹⁰⁷ A Dança da Ema é uma expressão física e espiritual, de luta e de

¹⁰⁵ Tauan Terena. Entrevista concedida a Jéssica Alana Lopes Mendes. Brasília, 07/04/2022.

¹⁰⁶ Tauan Terena. Entrevista concedida a Jéssica Alana Lopes Mendes. Brasília, 07/04/2022.

¹⁰⁷ Tauan Terena. Entrevista concedida a Jéssica Alana Lopes Mendes. Brasília, 07/04/2022

fortalecimento da identidade do povo Terena. No *qr*code abaixo, você poderá contemplar a fala e a música de Tauan Terena, explicando e tocando as músicas tocadas nas danças Kohixoti-Kipaé¹⁰⁸ e Siputerenó¹⁰⁹:



Agora, retomamos um pouco da luta em 2023, onde ocorreu a 19ª Edição do Acampamento Terra Livre, nos dias 24 ao 28 de abril, com duas marchas e ato em frente ao Congresso Nacional, nos dias 26 e 27 de abril. Foram cinco dias de luta e reivindicações pelos direitos e com o Marco Temporal em pauta.

Como no ano anterior, uma parte muito importante do ATL, além das assembleias, é a noite cultural. É o momento em que cada povo compartilha suas danças e cantos. Para Rosa Kambeba, em entrevista para a pesquisa de campo, as danças no ATL é o momento de troca de saberes e de conhecer as culturas dos outros povos¹¹⁰. Tamikuã Faustino também menciona sobre o protagonismo indígena e a importância que as danças têm:

Muito importante, porque quando mostramos a nossa cultura, além da diversidade de culturas diferentes, mostramos a visibilidade de que o Brasil não tem só um povo, nós temos 305 povos, então é importante quando fazemos esse encontro multiétnico, onde podemos falar por nós, onde somos protagonistas da nossa própria história.¹¹¹

A dança é considerada essencial para o movimento, a coletividade e “dançar juntas no tempo” (McNeill, 1995) é tão forte quanto sair para as ruas em Marcha. Para Ana Liz Tupinambá:

¹⁰⁸ Dança da Ema, tradicional do povo Terena.

¹⁰⁹ Dança das Mulheres, tradicional do povo Terena.

¹¹⁰ Rosa Kambeba. Entrevista concedida a Jéssica Alana Lopes Mendes. Brasília, 09/04/2022.

¹¹¹ Tamikuã Faustino. Entrevista concedida a Jéssica Alana Lopes Mendes. Brasília, 07/04/2022.

Eu acho que é como falei né, a dança que a gente traz pega nossa força né, então é resistência, é o nosso momento de estar fazendo resistência, da gente estar pedindo a Tupã e a força da natureza, forças sabe? E a gente é isso, é a nossa comunicação até entre a gente mesmo, através de corpos, através dos nossos corpos, a gente é um corpo político né?¹¹²

É a partir da relação com os encantados, com as divindades e com o coletivo que se pode ter forças para a luta. Um povo nunca está só, pois antes deles houveram muitos outros e outras. Ana Liz também fala sobre sentir-se arrepiada quando iniciam as danças, pois “tudo estremece”, é muito forte. Existem povos que dançam e cantam durante quase todo o dia e a noite toda, por exemplo, o povo Guarani, que sempre estão unidas e unidos dançando por horas, para Santos (2021):

Guaranizar a política, dançar a política, pode ser uma via para resistir ao fascismo que se apoderou do Brasil depois de 2016; pode ser uma via para resistir ao baque da pandemia de covid 19 - também indissociável desse e outros fascismos (Santos, 2021, p.23).

As danças são narrativas de resistência de um povo, quando Santos (2021, p.23) fala em “guaranizar a política, dançar a política” é encontrar outros meios de se fazer política, driblar as tentativas de extermínio contra os povos a partir da cultura, do movimento, algo que o povo Guarani faz. Resistência que se faz pelo corpo e pela arte.

No penúltimo dia de acampamento, caiu uma chuva que devastou boa parte do acampamento: barracas inundadas, roupas molhadas, artesanatos molhados. As águas lavaram e preencheram o espaço de lama. Mas, o céu não desabou sob as cabeças. Ainda houve plenária e ainda houve dança. Como um broto em busca do sol, de forma maleável, como uma *esquiva do xondaro*, é resiliência ao encontrar outras potências de vida, junto ao coletivo, assim como os rios em sua potência maravilhosa de vida e transmutação.

E S

P

¹¹² Ana Liz Rocha, da Etnia Tupinambá, vive em Olivença-BA. Entrevista concedida a Jéssica Alana Lopes Mendes, Brasília, 08/04/2022.

I R

A L

A R



Vídeo da Marcha do ATL indo ao Congresso Nacional no dia 27/04/2023

r e s i s t ê n c i a

e s q u i v a

p o l í t i c a

v i d a

t r a n s m u t a ç ã o

n a r r a t i v a s

c o l e t i v o

d r i b l a r

Figura 15 - Valdineia Pereira Matos Tupiniquim, Aldeia Caieira Velha - Espírito Santo



Fonte: Acervo Pessoal.

“Eu acho assim que a dança aqui também é importante, porque a gente tá defendendo os nossos direitos, né? Igual hoje mesmo na placa, “direitos sobre a mulher”. A mulher hoje tem que ter autonomia, tem que ter o seu espaço, não é só deixar o homem tomar conta, entendeu?”

Valdineia Pereira Matos¹¹³

¹¹³ Valdineia Matos, da etnia Tupiniquim. Vive na Aldeia Caieira Velha no Espírito Santo. Entrevista concedida a Jéssica Alana Lopes Mendes. Brasília, 08/04/2022.

4 CAATINGA

4.1 Corpa-ambiente: memória ancestral

Bonito é florir no meio dos ensinamentos impostos pelo poder.

(Eliane Potiguara, 2018)

Aprende-se aqui que corpa-ambiente são as potências desse *corpar* o mundo, que se inicia antes mesmo de estarmos dentro da nossa primeira casa – o útero de nossa mãe. Iniciou com nossas e nossos ancestrais, com as rochas, com o existir da natureza. *Corpar* as experiências, a ancestralidade, é existir enquanto potência no mundo, é se autoafirmar enquanto existência.

Como já mencionado, o corpo é nosso território e é nele que está toda a sabedoria principal (Benites, 2018, p.5). O corpo é construído de memórias, experiências, trocas e ancestralidade que fortalecem o ser e reverberam em movimento. Essas memórias são construídas a partir de uma série de vivências e da troca entre corpa-ambiente.

Pensamos aqui a ancestralidade enquanto ambiente porque as experiências são somadas. Uma corpa dança e se move porque outra antes dela dançou. As sabedorias são repassadas e estão corpadas em cada mulher indígena. Esse processo está na territorialização das corpas em movimento que, para Larissa Tukano, Jaime Waiwai e Myrian Barboza, chama-se *corpoterritorialização*:

[...] propomos o conceito de “corpoterritorialização”, fundamentado nas perspectivas femininas indígenas, porque acreditamos que a territorialização se constitui como um processo corporal onde corpos e fluidos femininos contagiam, direcionam e regulam a coexistência indígena com e entre o território, e seus constituintes (Tukano; Waiwai; Barboza, 2019, p.504).

Os pesquisadores trazem este conceito ao refletir sobre território-corpo de indígenas mulheres, onde os processos de territorialização se fazem por gênero e corporalidade e onde as mulheres têm um papel significativo na formação de uma comunidade.

Nas entrevistas para esta dissertação, nota-se que a maioria das entrevistadas mencionam sua ancestralidade enquanto elemento que reverbera nas corpas e na herança cultural (dança, rezo e música). A corpa é compreendida também como natureza. O ambiente e essa corpa, que podemos interpretar como coletivos, compartilham entre si memórias, afeto e força.

As experiências vividas individualmente se refletem no coletivo, são arremessadas para o coletivo, independentemente delas serem ruins ou boas. A experiência de cada um(a) irá organizar o coletivo maior, porque para os Guarani, de modo geral, o tape porã (caminho boa) se constrói a partir dos aspectos do outro também (Benites, 2018, p.6).

No trecho acima, a autora discorre sobre o modo de vida Guarani: que é construído no coletivo, a partir da sabedoria de seus corpos territórios. Essa sabedoria vem da escuta e de uma experiência ancestral – é de onde vem a força para permanecer mesmo diante das adversidades e das consequências da colonialidade. É neste fluxo de experiências compartilhadas coletivamente e em dimensão transcendental que a dança se configura como uma ignição que conecta tudo. Daí, surge o movimento, a dança, a partir de uma soma de vivências. De acordo com a pesquisadora Helena Katz (2010, p. 121) “o movimento, a ação do corpo, vai corporificando as trocas incessantes com os ambientes”.

O protagonismo da corpa que dança nas mobilizações indígenas foi um dado observado, por diversas vezes, durante as entrevistas realizadas para a pesquisa. O que favorece pensar na potência da dança como uma ação capaz de modificar o ambiente na qual está sendo gestada, justificando a presença das movências nas mobilizações que se tornaram tão fortes e resistentes.

Segundo Katz e Greiner (2010, p.20), as informações produzidas em um ambiente nunca são estáticas. São como uma “espécie de contexto-sensitivo”, onde as trocas entre corpo e ambiente são possíveis e se modificam um ao outro. Quando se está numa mobilização indígena a dança torna-se também um embate: as corpas moventes causam impacto no ambiente e nas pessoas do entorno. A terra estremece.

Ao falar sobre o ATL e MMI as informações trocadas entre corpa-ambiente nas ruas de Brasília são de uma grande potência. As danças realizadas nas

marchas e nos espaços dos acampamentos são a conexão com o mundo espiritual – foram feitas pelas avós, bisavós, tataravós... repassadas por séculos como uma forma de existência. São séculos de trocas sensíveis que metamorfoseiam o tempo.

Tauan Terena nos fala sobre a dança do seu povo:

Então a gente traz esse conhecimento desde nossos tempos ancestrais, como um ato de resistência e mostrar que a gente tá vivo, e mostrar que não estamos presentes só nos livros de história, como contam como se a gente fosse personagem do passado, mas a gente tá no presente, a gente tá mostrando o nosso lado espiritual presente independente de qualquer situação que atente a nossa comunidade, o nosso ser, o nosso espiritual, o nosso corpo, a gente continua mantendo viva essa tradição, que também é uma vontade de nossos ancestrais, de nossos anciões, que sempre nos aconselham a manter essa dança, como um lado de resistência, como um lado de mostrar a verdade do povo Terena, porque essa dança o Kohixoti-Kipaé ela faz parte do dia-a-dia do povo Terena, ela não é um ato específico, ela conta diversas histórias, em diversos momentos, não só em um ato comemorativo, mas podemos expressar em um lado de tristeza, como um ato de força mediante aquela certa situação¹¹⁴.

A dança é a expressão da alma. Como fala Tauan Terena, ela não é apenas realizada nos momentos festivos. Está presente em momentos tristes, em momentos de passagem, em conexão com o sagrado. É também um meio de legitimar as existências e mostrar que o futuro é ancestral¹¹⁵. Ancestral, pois, a natureza e as danças já existiam muito antes de estarmos aqui. E só é possível existir um futuro quando se escuta a sabedoria dos rios, das rochas e das matas.

As danças ocorridas no ambiente das mobilizações estudadas são parte do futuro ancestral. São sementes que germinarão nesse território Brasyl em luta pelos direitos dos povos originários. Tem uma grande potência de transformação e resistência, porque são feitas em conjunto, através da conexão da ancestralidade. “A dança coletiva produz o aligeiramento não apenas dos corpos, mas de uma casa inteira” (Santos, 2021, p.22).

Corpa é a casa inteira, é onde encontram-se os elementos: a água que vem dos fluídos; o vento que vem da palavra; a terra que é do aterramento de experiências; e o fogo que é interno e resplandece na luta. Correlaciono esta ideia com o conceito *corpoterritorialização*, trabalhado por Tukano, Waiwai e Barboza. Os

¹¹⁴ Tauan Terena. Entrevista concedida a Jéssica Alana Lopes Mendes. Brasília, 07/04/2022.

¹¹⁵ Trago como referência Ailton Krenak com o título do seu mais novo livro *O Futuro é Ancestral* (2022).

autores, em seus estudos sobre mulheres Katukina, descrevem que o processo de territorialização tem relação com seus fluídos. São as mulheres que desenvolvem papéis importantíssimos na transmissão do conhecimento indígena, pois “seus corpos imprimem marcas importantes no território, reforçando a singularidade dos seus corpos” (Tukano; Waiwai; Barboza, 2019, p. 538). Essas mesmas marcas são impressas em Brasília com as corpos indígenas em dança, em marcha e em luta por suas *corpasTerritórios*.

**E S
P I
R A L A R**

“Gosto de dançar, é algo que vem dos nossos ancestrais, nossos ancestrais já dançavam. Eles usam a dança pra cuidar da alma, é como uma cura. O canto e a dança pra nós é sagrada, o povo Fulni-ô vive dessa forma, cantando, dançando. Então quando você canta e dança você se sente renovada, é digamos que uma festa né...”

Salma Nudya¹¹⁶

Figura 16 - Retrato de Salma Nudya Fulni-ô



Fonte: Acervo de Salma, concedido à autora.

¹¹⁶ Salma Nudya, da etnia fulni-ô. Vive em Pernambuco. Entrevista concedida a Jéssica Alana Lopes Mendes. Brasília, 11/04/2022.

A luta pelo(s) território(s) é ancestral. Apesar das mudanças constantes, lutar pela terra ainda é algo de extrema emergência. Significativo também é lutar pelas corpas e corpos que sofrem diversos impactos. Como, por exemplo, do garimpo, resultado da ganância do não indígena. Rememora-se aqui o caso dos Yanomamis, que mesmo após anos de denúncias dos impactos do garimpo ilegal em suas terras (intensificado nos últimos quatro anos) passaram por uma tragédia humanitária (malária, desnutrição e morte por fome). A situação de precariedade chegou ao extremo e, só então, receberam algum amparo. Não ocorre dança se há fome, mas os povos continuam resistindo.

Pensar em ancestralidade é pensar em corpo político. Quando falo sobre corpa/corpo me refiro a uma percepção que não pode ser igual ao pensamento ocidental. Santos (2021, p.177), ao falar sobre os Guaranis, traz a noção de corpo como um conjunto de afetos que formam essas corpas – desde a alimentação, ao uso do *moã*, entre outros procedimentos corporais utilizados. Cada povo tem sua cultura e suas práticas e isso reverbera em suas formas de existência no mundo.

As indígenas, que carregam os saberes ancestrais, são as responsáveis por nos alimentar e cuidar de toda a família. E, nesta ação de alimentar o corpo e espírito, estão muitos cuidados, desde fazer a roça e plantar as sementes até o momento de colher e cozinhar o alimento. Estas mulheres são responsáveis pelos cuidados de nossos corpos, preparando o corpo-território com chás, banhos de ervas, emplastos, benzimentos (Baniwa; Mandulão; Kaingang, 2023, p.23).

Corpa-ambiente precisa ser nutrida para que esteja saudável e possa garantir a vida. A nutrição vem dos alimentos, banhos, medicina natural, ervas, rezos, cantos e da dança. Essa corpa-ambiente são os afetos. “A espiritualidade dos povos indígenas perpassa todo entendimento sobre a vida, comunidade e território” (Baniwa; Mandulão; Kaingang, 2023, p.19). Está presente no cotidiano e nas práticas de cantos e danças.

Eliane Potiguara (2018, p. 89) fala sobre reavivar a herança ancestral para trazer forças e “dar uma rasteira” no biopoder neocolonizador e opressor. A partir dessa força interior – que vem da ancestralidade – a sabedoria floresce como uma arma contra os malefícios da opressão e violência. O contato com a sua cultura é um

meio de combater o colonialismo imposto àquelas corpos. Colonialismo este que tenta, opressivamente, matar as culturas originárias e suas raízes.

Geni Nuñez e Cáceres (2022, p. 4) trazem a questão das cicatrizes coloniais existentes em corpos dissidentes indígenas, bem como a necessidade de entender essas dores e transformá-las. As autoras discorrem sobre “dançar essas dores”, transformá-las a partir da arte e do contexto cultural ao qual seu corpo descende. Não é possível separar corpo-mente, assim como não se separa a natureza: água, ar e alimento.

Nós somos a natureza. Corpo-ambiente é natureza. Nossas ancestrais também são as rochas, as águas e as árvores. O pensamento hegemônico branco de que natureza é algo separado dos humanos é uma falácia. Nuñez e Cáceres (2022, p.6) nos lembram que não somos donas dessa terra, que os povos indígenas se relacionam com a natureza a partir dos seus encantamentos e não para deter o poder e explorar as matas para tirar lucro. Eles a tratam com respeito, como no título da música de Djuena Tikuna¹¹⁷ “Nós somos a floresta”.



Vídeo-arte da autora com a música “Nós Somos a Floresta”, de Djuena Tikuna.

A dança é uma expressão que pode combater o etnocídio, quando resgatada e realizada a partir das práticas ancestrais e culturais de cada povo. O colonialismo tenta, dia após dia, homogeneizar as culturas e impor suas práticas como melhores e únicas. Como trazem Nuñez e Cáceres (2022, p.8): “A invasão não se deu nem se perpetua apenas com a invasão do território-terra, mas também precisou contar com uma invasão emocional, psíquica e ideológica”.

¹¹⁷ Cantora indígena, compositora, ativista, jornalista e produtora cultural da etnia Tikuna, do Amazonas. Vive em São Luiz-MA.

Há uma tentativa da colonialidade de acabar com as práticas ancestrais não hegemônicas por meio do embranquecimento, da exploração das matas, da violência contra a mulher indígena, etc. A cada parente¹¹⁸ assassinado, um filho morre para uma mãe indígena. Portanto, as tentativas contra as práticas ancestrais interferem nas vidas, culturas, matas e territórios.

A ancestralidade não segue uma linha tênue. Para Leda Maria Martins:

A ancestralidade é clivada por um tempo curvo, recorrente, anelado; um tempo espiralar, que retorna, restabelece e também transforma, e que em tudo incide. Um tempo ontologicamente experimentado como movimentos contíguos e simultâneos de retroação, prospecção e reversibilidades, dilatação, expansão e contenção, contração e descontração, sincronia de instâncias compostas de presente, passado e futuro. É através da ancestralidade que se alastra a força vital, dinamismo do universo, uma de suas dádivas (Martins, 2021, n/p).

Ancestralidade é tempo espiralar nas veias, é terra fértil, território. Quando falo sobre território falo sobre as matas, as águas, os bichos, sobre o corpo e suas potências. Segundo Eliane Potiguara (2018, p. 119), o “território é cosmologia que passa inclusive pela ancestralidade”. A autora sublinha o território enquanto um espaço de afeto, com elementos que compõem a identidade indígena: costumes, rezos, vestes, cantos e danças. Suas cosmologias e ancestralidades também são corpo-território, ou seja, são memória ancestral.

4.2 Resistência/Resiliência: recursos de continuidade das corpas em luta

Resiliência: palavra que vem do latim *Resilio*, *resilire*, e quer dizer saltar, impulsionar (Brandão, 2011, p.265). Segundo Brandão, a etimologia da palavra tem significados diferentes para três correntes, quais sejam: a anglo-saxônica (norte americana), a europeia, e a latino-americana:

A corrente norte-americana seria mais pragmática, mais centrada no indivíduo, tomando como avaliação da resiliência dados observáveis e quantificáveis, comumente com enfoque behaviorista ou ecológico transacional. A resiliência, aqui, surge como produto da interação entre o

¹¹⁸ Forma como os indígenas se chamam, de *parente*, pois mesmo que muitos não tenham laços consanguíneos, compartilham da mesma luta desde a invasão.

sujeito e o meio em que está inserido. A europeia teria uma perspectiva ética, mais relativista, com enfoque comumente psicanalítico, tomando a visão do sujeito como relevante para a avaliação da resiliência. De acordo com Fantova, para esta corrente, a resposta do sujeito às adversidades transcende os fatores do meio, é “tecida” a partir da dinâmica psicológica da pessoa, o que possibilita uma narrativa íntima e uma narrativa externa sobre a própria vida. Já a corrente latino-americana é mais comunitária, enfocando o social como resposta aos problemas do sujeito em meio às adversidades (Brandão, 2009, p. 263).

A autora destaca que essa palavra começou a fazer parte do vocabulário coloquial brasileiro depois dos anos 1990, diferente dos falantes da língua inglesa, onde se encontram registros mais antigos nos dicionários. Por essa razão, o vocabulário brasileiro se assemelha ao conceito de física que, segundo o dicionário *Michaelis*¹¹⁹, seria: “1.fis. Elasticidade que faz com que certos corpos deformados voltem à sua forma original”. Na língua inglesa o significado se relaciona a fenômenos humanos e não à física.

Outro ponto salientado por Brandão (2009, p. 121) diz respeito a uma “falta” de consenso do significado da palavra: “se é uma capacidade, um processo ou o resultado dele, se é avaliada por critérios de competência, de ajustamento social, de saúde emocional, ou apenas pela sobrevivência do sujeito às adversidades”.

A partir dessa abordagem, trago *resiliência* com um significado diferente do que o neoliberalismo propõe. Não se trata de corpos que se adaptam ao meio, a partir de uma noção simplória de ajustamento, muitas vezes romantizada. Nem de um resultado imediato, entendido como a superação de adversidades para serem mais autorrealizadas. Proponho considerar *resiliência* enquanto movimento, um recurso para existir em ressignificação com toda a herança da colonialidade. Assim, para existir em continuidade, a resiliência enquanto habilidade corporal não promove apagamentos ou “resultados mágicos”, mas sim o avivamento de estratégias para continuar resistindo. A dança pode ser um recurso *resiliativo* na medida em que aciona uma rede conectiva entre os elos ancestrais, a natureza, seus encantados e outras corpos.

Considero aqui a importância da resistência para a resiliência, um binômio, cuja conjugação já está dada e disponível desde sempre para as corpos indígenas.

¹¹⁹ Disponível em:

<<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/resiliencia>> Acesso em setembro de 2023.

Para existirem, as corpas não estão aparadas dos fenômenos da natureza que ensinam todos os dias os seus processos resiliativos e de maleabilidade, assim como a capacidade inesgotável de insistir na vida e resistir – a exemplo do escleromorfismo oligotrófico.

Krenak traz essa relação de seres vivos com a resiliência. O filósofo indígena, em uma conversa no III Seminário do Grupo de Pesquisa Ágora (2021), fala que “resiliência não é acomodação, resiliência é potência, capacidade de resistência”¹²⁰. A experimentação da dança em celebração, afeto e colaboração constitui também resiliência.

Outro ponto tratado pelo autor é sobre a força da natureza ser vista enquanto inspiração para as danças resistentes e resilientes, a exemplo da resiliência do rio. Ser rio que corre em meio às matas é resiliência em sua maior potência das águas: as forças de um rio na tromba d’água ninguém pode segurar. “Sejamos água, em matéria e espírito, em nossa movência e capacidade de mudar o mundo, ou estamos perdidos” (Krenak, 2022, pg. 27). Não se pode esquecer que corpas e pessoas também são natureza.

Seguindo o fluxo de ideias de Ailton Krenak retratadas acima, destaca-se que, durante a pesquisa, foi possível ter contato com relatos de vários outros indígenas. Nas conversas corriqueiras e nos movimentos sociais a resiliência foi, comumente, vista como uma tática contra a colonialidade. Mover resistente-resiliente é o que reflito sobre as *dançagrafias* que precisam espiralar as políticas de morte, enquanto estratégia política.

Ao pensar nesses processos espiralares de resistência, mudanças e atualizações, recordo sobre os grafismos, que também fazem parte dessas corpas. A pintura corporal grafa a identidade de um povo e, como menciona Márcia Kambeba (2020, p. 36), “o grafismo é nossa voz”. Ainda, lembro de um amigo me falar no ATL que “um novo grafismo” foi inserido para alguns povos: marcas de mãos em vermelho que representam o genocídio dos povos, a violação pelos direitos, os abusos contra as indígenas mulheres e a devastação da terra.

O grafismo também é um ato de resiliência, pois está corpado em cada povo. Com todo o contexto do julgamento do Marco Temporal e das adversidades

¹²⁰ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KOfa08akz6M>>. Acesso em novembro de 2023.

coloniais existentes as corpas indígenas se movem, todos os dias, em luta pelos seus territórios nas ruas, nas universidades, nos trabalhos, no contexto urbano, etc. Os povos indígenas vivem com os seus direitos sob ataque permanente e resistem diariamente às investidas violentas sobre seus corpos, direitos e territórios (Zelic, 2021, p.154).

Figura 17 - Não ao genocídio



Fonte: Acervo pessoal.

Resiliente é esta corpa que sempre está em processo de mutação e luta. Com a dança, a conexão ancestral se fortalece, “é o aldeamento a partir do movimento” – como menciona Kelly Guajajara¹²¹ em entrevista para a pesquisa de campo.

Corpa resiliente é o que, através da dança, “faz errar” o adversário (Santos, 2021, p.13). É ter o impulso, a sabedoria de como reagir de encontro às políticas de morte e, portanto, acessar recursos para continuar nos enfrentamentos. Assim como Manoel de Barros¹²² que inventava palavras e mundos, reinvento também essa palavra: baseada nas ideias de Krenak, talvez resiliência seja “adiar o fim do mundo”.

¹²¹ Kelly Guajajara. Entrevista concedida a Jéssica Alana Lopes Mendes. Brasília, 13/04/2022.

¹²² Grande poeta brasileiro do século XX, do estado do Mato Grosso. Faleceu em 2014, aos 97 anos.

Figura 18 - Fora



Fonte: Acervo Pessoal.

E P

S I R A

L A R

“O povo foi marchando 6 km, mais de 6km até o Congresso Nacional. Aí teve um povo que foi o Pataxó e o povo Kayapó. Eles foram dançando, e voltaram dançando em grupo, porque isso é uma forma de resistência, é na batida do chão que você sente, em quilômetros em um lugar que é dominado por políticos, e você mostrar que você é resistente, 12 km, 14 km, 6 de ida e 6 de volta, ou 7, é muita coisa, então é uma resistência, uma resiliência através de dança, como eu tenho falado, isso é muito importante. É muito importante falar disso porque às vezes não é só dançar, eles estão ali como falei, cada pisada, cada grito, cada canto, cada entoação de música até né, é uma ecoação de uma voz ancestral milenar, então é uma forma de resiliência e tem

que ser preservada, tem que ser repassada para nossa juventude, para nossas crianças.”

Marinete Almeida

Figura 19 - III Marcha das Mulheres Indígenas



Fonte: Acervo pessoal.

4.3 Dançagrafias

Trago aqui a nomenclatura *dançagrafias*: termo cunhado por mim para designar as grafias que ocorrem a partir da dança. Ou seja, o movimento em relação ao ambiente de corpos que grafam suas histórias, vivências e ancestralidade a partir da movência.

O termo teve como inspiração a *corpografia*. Cabral, ao explicar o conceito, afirma que:

O corpo grafa experiência ao identificar sugestões na organização corporal para o olhar do outro. Roupas, acessórios, cheiros, gestos, comportamentos, espaço, tempo, são alguns dos exemplos de aspectos que podem ser identificados e analisados em um determinado fenômeno. São compartilhamentos das experiências de si (afetos e desafetos) corporais vivenciados pelo pesquisador no trabalho de campo-vida (Cabral, 2017, p.20).

O autor traz esse termo a partir da sua pesquisa com a etnia Mëbêngôkré, do qual descende. Para ele, “os modos de grafia corporal são parte da compreensão cosmológica do cotidiano, da pessoa e do lugar”. São formas de coexistir e estar no mundo, pois “todos coexistimos grafando em nossos corpos nossas experiências da vida em processo continuum” (Cabral, 2017, p.22).

Dança grafia pode ser interpretado como a dança que emerge das corpografias, que grafam suas vivências no ambiente ao qual se movem para não sucumbir. São suas experiências e suas memórias ancestrais. São os aspectos culturais e as cosmologias de um povo. Portanto, *dança grafias* são memórias ancestrais que dançam junto com as novas gerações. Assim como as pinturas grafam informações importantes sobre um povo, a movência dessas mulheres grafam no espaço a importância do sopro-som da alma, da ancestralidade, do coletivo e do respeito com a vida e com a natureza. Para Leda Maria Martins (2021, n/p): “a memória grafa-se no corpo, que a registra, transmite e modifica dinamicamente”. Essas memórias grafadas são geradas e movidas pelas corpos de modo que não “se repete o hábito”, mas cria-se novas potências a partir do ancestral.

McNeill (1995, p.49) discorre sobre o surgimento do trabalho exaustivo na agricultura com mão de obra explorada/escravizada. Nas atividades no campo as pessoas moviam-se em uníssono, seus músculos moviam-se ritmados com alguma canção e isso tornava o trabalho menos exaustivo. A dança trazia um meio de suportar a exaustão. O movimento grafava naquele espaço memórias de resistência e resiliência.

A dança em coletividade tem o poder de transformação. A alegria de um povo tem a potência de mudar o seu entorno. *Dança grafias* espiralares no espaço/tempo tem o poder de acabar com o totalitarismo. São grafias e grafismos que pintam moveres de resistência.

Leda Maria Martins contribui com este pensamento:

Em última instância, proponho como possibilidade epistemológica a ideia de que o tempo, em determinadas culturas, é local de inscrição de um conhecimento que se grafa no gesto, no movimento, na coreografia, na superfície da pele, assim como nos ritmos e timbres da vocalidade, conhecimentos esses emoldurados por uma certa cosmo percepção e filosofia (Martins, 2021, n/p).

O corpo grafa o tempo espiralar. Não existe um passado, presente ou futuro. Mas sim memórias vivas em cada corpa. Falarei abaixo sobre algumas *dançagrafias* no Acampamento Terra Livre e Marcha das Mulheres Indígenas, sobre corpas que preenchem o espaço afetivo por meio da resistência. É possível acessar os vídeos dessas corpas em movimento a partir da imagem espiralar da serpente, que contém *qr codes*. A ilustração foi criada por Larissa Ferreira¹²³. Uma certa cartografia dessas corpas espiralando os ambientes.

- **Corpa política:** Vídeo de Ju Kerexu, indígena mulher guerreira. Sua corpa por si só é política, nela vemos a força de todas as suas ancestrais;
- **Força ancestral contra as políticas de morte:** Povo Pataxó em rezo e canto pelo ancestral Galdino Pataxó, morto cruelmente em Brasília;
- **Mulheres sementes, mulheres árvores:** Vídeo de indígenas mulheres de diversas etnias, semeando a terra em Brasília, plantando ideias e cultura. Mulheres árvores, de raízes fortes, que foram semeadas pelas suas ancestrais;
- **Joelma Guarani:** Vídeo de Tatá, Guarani Mbya de São Paulo, que faz cover da cantora Joelma¹²⁴;
- **Corpas-território em resistência:** Vídeo no ATL (2022) de danças e rezos de indígenas mulheres em resistência em Brasília.

¹²³ Designer e artista residente em Alto Paraíso de Goiás, na Chapada dos Veadeiros.

¹²⁴ Cantora Paraense do estilo musical Brega.

Figura 20 - Cartografia Espiral



Fonte: Desenho de Larissa Ferreira.

4.3.1 Corpa política - II Marcha das Mulheres Indígenas (2021, Brasília-DF)

A primeira *dançagrafia* que trago é de Ju Kerexu: indígena mulher Guarani Mbya, cacica da Aldeia Takuaty, localizada em Paranaguá-PR. É uma liderança Guarani importante no sul do Brasy. A ação que Ju Kerexu faz é ir até em frente a uma fila de policiais militares com seu *mbaraká* tocá-lo. A liderança está vestida com a bandeira do Brasy, customizada com diversas marcas de mãos em vermelho (assim como em sua corpa) e um cocar rosa.

Ju Kerexu grafa no espaço público a força da indígena mulher e da ancestralidade em luta pela reivindicação de seus direitos, contra o marco temporal e em favor da vida. Ela esquiva-se com o *mbaraká* em frente à polícia militar.

Santos (2021, pg.13) menciona que os Guaranis “precisaram aprender a se esquivar para seguir existindo”. Ainda, fala sobre a esquiva do *Xondaro* – dança do guerreiro. Nela, é necessário se esquivar do adversário como modo de fazer política e permanecer em continuidade. O *mbaraká* (maracá), um instrumento sagrado para o povo Guarani, é um artefato político, assim como a dança. *Jeroky* é um modo de aproximar-se com o divino e também um meio de fazer política com o corpo.

Ao nascer em determinada cultura, preexiste uma ancestralidade, um contexto onde esse corpo está e é. Ele vai *corpando* o ambiente com suas histórias, com a soma da interação com o meio. O corpo é “um estado transitório das trocas que se faz com o ambiente” (Greiner, 2010, p.132). Corpo é história, não tem como apartar isso. A modificação entre corpo-ambiente é contínua. Porém, não é apenas o meio que transforma um corpo. As informações chegam e vão se transformando em um fluxo contínuo entre o que ocorre fora e dentro do corpo. Não existe um corpo fora da cultura, mas corpo e ambiente se “codeterminam”.

Na ação de Ju Kerexu podemos ver que ela convoca todas as suas ancestrais com a sua corpa. Com o balanço do *mbaraká* transforma o ambiente por onde passa a partir das experiências que a compõem. O movimento que é um meio de comunicação, ele ocorre a partir do que foi corpado e o *sopro-som da alma* transforma palavra em ação, em movimento. Kerexu não precisou dizer uma palavra sobre o genocídio e as opressões que o seu povo passa, mas corporalmente suas ideias estão ali, dadas e traduzidas em forma de movimento. Vejo o espiralar em sua ação grafando o espaço.

Para Leda Maria Martins:

Dançar é performar, inscrever. A performance ritual é, pois, um ato de inscrição, uma grafia. Nas culturas predominantemente orais e gestuais, como as africanas e as indígenas, por exemplo, o corpo é, por excelência, o local da memória, o corpo em performance, o corpo que é performance (Martins, 2021, n/p).

Quando Kerexu toca o *mbaraká* sua ação honra todas as suas ancestrais, como se estivessem ali dançando e tocando juntas no tempo. Esta corpa – que é um espaço de performance – grafa a história, sua luta e de todas as suas parentes no espaço. Espiralando, assim, o tempo.

4.3.2 Força ancestral contra as políticas de morte - II Marcha das Mulheres Indígenas (2021, Brasília-DF)

Na madrugada do dia 20 de abril de 1997, Galdino Pataxó (Galdino Jesus dos Santos), foi queimado vivo em um ponto de ônibus no qual repousava após ter sido impedido de entrar na pensão em que estava hospedado. A liderança indígena, que havia ido a Brasília para reivindicar os direitos do seu povo e participar de reuniões, foi QUEIMADO VIVO por jovens ricos, brancos, filhos de pessoas com grandes cargos e atualmente vivem livres com grandes cargos públicos¹²⁵.

Na II Marcha das Mulheres Indígenas o trajeto passou pela Praça do Compromisso onde houve o assassinato da liderança Pataxó Hã-Hã-Hãe, Galdino. Na praça existe uma “homenagem” ao indígena onde se lê: “*em nome de todos os injustiçados*”. A estátua colocada ali se contrapõe à realidade: os criminosos continuam livres, recebem muito bem do Governo Federal e seguem a vida normal¹²⁶. Galdino tinha 44 anos, família e território para cuidar. Estive com sua filha na II MMI. A dor da sua perda será eterna.

¹²⁵ Disponível em:

<<https://blogs.oglobo.globo.com/blog-do-acervo/post/foi-so-uma-brincadeira-o-assassinato-de-galdino-pataxo-queimado-vivo-enquanto-dormia-na-rua.html>> Acesso em novembro de 2023.

¹²⁶ Disponível em:

<<https://www.brasildefato.com.br/2022/04/20/25-anos-da-morte-de-galdino-assassinados-estao-na-elite-do-funcionalismo>> Acesso em novembro de 2023.

No vídeo podemos ver o Povo Pataxó e Pataxó Hã-Hã-Hae em rezo por Galdino na praça onde foi ateadado fogo em seu corpo. Foram feitos cantos em sua memória. A força do maracá dança junto ao canto. É como a extensão dos corpos que estão tocando: seu toque e movimento invoca os ancestrais. É um instrumento sagrado onde é necessária “uma entrega de espírito para que tudo entre em harmonia” (Vieira, 2016, p.36). Para Tauá Pataxó “cada semente é como se fosse um espírito”¹²⁷.

Segundo Vieira (2016, p.8), o canto para o Povo Pataxó é muito presente. Desde momentos alegres (pela visita de outros parentes) ou momentos tristes (pela passagem de alguém), ou até mesmo pela retomada de terras em momentos de coragem e resistência. Os cantos fortalecem a cultura e o povo. Não tem como dissociar a música da dança nas culturas indígenas. Os instrumentos são de extrema importância para o compasso da dança e para a espiritualidade.

McNeill (1995, p. 38) colabora com este pensamento ao discorrer sobre as danças nas comunidades. Para ele, a dança, o canto e a música tornam uma comunidade mais unida na luta diária contra as adversidades. A dança trouxe a possibilidade de sobrevivência. Portanto, a dança é um meio de luta para a existência. Segundo o autor, ela traz uma conexão primordial para a coletividade. Graças a ela foi possibilitada a *habilidade de execução e adaptabilidade* às circunstâncias da vida, que é uma arte ancestral herdada desde o tempo dos *Homo erectus*¹²⁸.

Quando o Povo Pataxó se uniu na praça, cantando e tocando em memória de Galdino, moveram-se juntos os seus músculos coordenados pela música, em uma dança feita em cada *semente espírito* do maracá. O poder do coletivo traz a força do rito e da ancestralidade. Um povo triste é facilmente dominado pelo sistema capitalista. Mas, quando se dança e canta em coletivo, a alma, corpo e mente são fortalecidas.

Quando juntas e juntos honram pelo seu ancestral é como uma retomada dos seus lugares de pertencimento e existência. Valdelice Veron (2018, p. 6)¹²⁹ fala

¹²⁷ Retirado do vídeo “O Maracá do Povo Pataxó - Instrumento de poder dos povos nativos pataxós” Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XvyVRuCYESM>> Acesso em: 22/08/2023.

¹²⁸ Espécie de hominídeo que viveu na África entre 1,8 milhões de anos e 110 mil anos atrás. Foi extinto há aproximadamente 300 mil anos atrás.

¹²⁹ Valdelice Veron é indígena mulher da etnia Kaiowa Guarani, ativista dos direitos humanos e pela vida, doutora em Antropologia.

sobre a vida de pessoas indígenas sempre ser “marcada por retomadas”. É um retornar aos seus lugares de pertencimento que foi “roubado violentamente” com a colonização e genocídio.

Essas *dançagrafias* estão ali combatendo cicatrizes coloniais, que deixam marcas profundas do racismo e do genocídio, onde muitos morreram e morrem. O rezo feito em praça pública pelo Povo Pataxó retoma os territórios-corpo do seu lugar de direito à vida. Galdino nunca será esquecido pois vive em cada gota de sangue Pataxó Hã-hã-hãe existente, em corpos indígenas que jamais silenciarão essa e outras injustiças desde a invasão.

4.3.3 Mulheres sementes, mulheres árvores - II Marcha das Mulheres Indígenas (2021, Brasília-DF)

A terceira *dançografia* traz mulheres de diversos povos como Kayapó, Guarani Kaiowá, Tupiniquim, entre outros. Elas aparecem juntas dançando simultaneamente na II MMI.

Dentro dos acampamentos que ocorreram em Brasília, normalmente de dia, aconteciam as assembleias e reuniões. Quando o clima estava mais tenso vários povos faziam seus cantos e danças. A dança não parava. Nessa *dançografia* do vídeo é possível ver a força da mulher indígena, originária da terra, desde sempre cuidando desse país.

A Mãe, a Mulher Originária, o Povo Originário ainda passa por violência de todas as categorias conhecidas e traz em si aquela dor, que fica impregnada por gerações. E, apesar dessa trajetória triste e difícil de ser expressa em palavras, ainda cantamos, dançamos, contamos contos, trabalhamos, modelamos a argila, cuidamos da terra, da alimentação dos nossos, estudamos, guardamos saberes, crenças e o universo (Pachamama, 2019, p.138).

Apesar de cada grupo ser de uma etnia diferente, a força dessas mulheres cantando e dançando juntas reverbera profundamente na luta. Ali estão também as suas ancestrais e toda a espiritualidade que dá suporte para essas corpos. A dor da indígena mulher é muito profunda. As mulheres originárias passaram por diversos tipos de violência que fazem parte de um racismo estrutural, iniciado com o processo

de embranquecimento da população brasileira, construído por um sistema de escravização com a exploração de mão de obra barata do povo mais oprimido (Potiguara, 2018, p.23).

No vídeo, podemos ver vários grupos de mulheres indígenas, cada qual com suas parentas, em cantos e danças do seu povo. Como uma invocação às ancestrais que, a partir dos moveres, traz força espiritual e política para a luta. Os passos ritmados trazem a conexão com a terra, como sementes germinando e “reflorestando mentes”¹³⁰.

O poder da mulher indígena não é condicionado à competitividade, mas sim ao bem estar do seu povo. A indígena mulher carrega o planeta terra consigo, ela “busca forças nos antepassados e nos espíritos da natureza para a sobrevivência da família” (Potiguara, 2018, p. 46). Suas *dançagrafias* são também o cuidado e proteção da mulher com a família e a natureza. A dança torna-se um ato político quando realizada por essas corpas consideradas dissidentes.

Com a invasão do BrasyI, as indígenas mulheres viram suas corpas sendo abusadas e mutiladas; os homens de sua aldeia morrendo; e todo o processo colonial de embranquecimento, genocídio e etnocídio. Mas elas permaneceram e permanecem fortes em seus rezos e em suas lutas. São as sementes que brotam na terra – nada seria sem elas.

No vídeo é possível ver as antigas e novas gerações: a avó, a mãe e a filha. As tradições são repassadas para continuar esse “reflorestamento” necessário na sociedade. Desde sempre a herança ancestral é regada com os saberes tradicionais e a espiritualidade.

Nos construímos nesse corpo-território desde que somos crianças, desde o nosso nascimento. Então, quando pensamos o corpo-território da mulher indígena, é com tudo que a compõe e, principalmente, a partir dessa coletividade, nossas experiências conjuntas que vão dando suporte uma para a outra (Baniwa; Mandulão; Kaingang, 2023, pg. 7).

Essas corpas-território formam uma trincheira de luta para a existência. Os rios estão secando, as mudanças climáticas são uma demonstração de como o homem branco está devastando a natureza. No BrasyI o agronegócio e o garimpo se

¹³⁰ *Reflorestar Mentas para a Cura da Terra* foi o tema da II Marcha das Mulheres Indígenas.

empenham em acabar com as matas. Neste contexto, muitos biomas só estão resistindo graças aos povos indígenas. A conexão com a terra e suas tecnologias ancestrais alimentam o coletivo, trazem forças para guerreiras continuarem (r)existindo. São elas que *reflorestam as mentes para a cura da terra* e que cuidam com todo o carinho do coletivo. Quando se vê essas *dançagrafias*, vê-se ali muito mais de 523 anos de existência¹³¹, mas toda uma ancestralidade que também vem das rochas, dos rios, das montanhas e das florestas.

4.3.4 Joelma Guarani - Acampamento Terra Livre (2022, Brasília-DF)

As danças que ocorrem nas mobilizações não são apenas danças tradicionais. Existem àquelas ligadas ao entretenimento como, por exemplo, nas noites culturais onde existe o forró e outros estilos musicais (como o som eletrônico de Eric Terena, o rap e o piseiro).

A quarta *dançagrafia* que trago é de um ícone das mobilizações indígenas: Joelma Guarani. Tatá é um/uma artista que faz cover da Joelma (cantora paraense). Ele está em quase todas mobilizações com seu show. O artista é Guarani Mbya, de São Paulo. Vive atualmente na Aldeia Nhanderekoa, no litoral sul do estado, em Itanhaém.

Sua *dançagrafia* é um respiro para as mobilizações. Ela traz alegria e diversão para as pessoas. É uma *dançagrafia* de luta e de resistência/resiliência, já que quebra os paradigmas: uma corpa indígena, lgbtqiap+, com todo talento e alegria no palco. Saidel, em sua pesquisa sobre cover, menciona que:

Uma imitação, uma cópia levada às últimas consequências e que acaba por causar um curto-circuito (de identidade, de autenticidade, de originalidade) tanto em quem faz quanto em quem testemunha (Saidel, 2019, p.15).

O cover brinca com uma identidade que desafia o público, pois pode ser quem quiser ser (Saidel, 2019, p. 87). Desta forma, a imitação de Joelma se apresenta como uma cópia inteligente. Tatá é uma autenticidade que, ao mesmo tempo que está ali representando uma mulher branca (cantando e dançando

¹³¹ O intuito não é corroborar com a linha de tempo proposta pela colonialidade. Mas reivindicar que a história dos povos originários é anterior e ancestral.

Joelma) é, antes de tudo, indígena Guarani Mbya. Mesmo na representação a artista mostra e honra suas raízes.

A alegria também é uma flecha contra o colonialismo. Normalmente nas mobilizações os assuntos pautados de dia são questões sérias: violência, genocídio, etnocídio e como agir em relação a essas questões. À noite acontecem as apresentações artísticas que trazem o alívio necessário para dar forças à luta. É necessário perceber as feridas, transformar em luta e também em alegria (Nuñez e Cáceres, 2022, p.9).

Para viver é necessário criar cartografias de afeto, sensíveis, onde seja possível imaginar outros mundos e narrativas plurais (Ailton Krenak, 2022, p.42). A dança, esse lugar potente que cria outros mundos e narrativas, têm uma grande importância para a sociedade. McNeill (1995) menciona os processos históricos e evolutivos da dança: que provavelmente se inicia de forma ritualística e vai se desdobrando em outros lugares como um meio de continuar a vida e como arte. Mover-se junto no tempo foi essencial para a existência e continuidade humana.

Tatá, quando performa Joelma, tem o potente dom de criar outros mundos e cartografias de afeto. Com sua presença de palco algo mágico acontece e cativa as pessoas que assistem seu show. Os mundos dos povos presentes ali unem-se em um momento de leveza e diversão. Todas as pessoas movem-se juntas no tempo, unidas pelo afeto e a alegria envolvente. No movimento, quando se fala de Joelma Guarani, quase todas as pessoas sabem quem é ela e sempre é acompanhado de um sorriso ao falar da sua presença.

Esses momentos de descontração são necessários. A luta não é apenas por território, mas também pelo bem viver. Juntas, pulsamos juntas no tempo, na luta, criando outras movências e potências de vida.

Abaixo, você pode ver a imagem da Joelma Guarani. Nesta foto, que foi concedida para a dissertação, com a força do seu cocar de penas amarelas e azuis, brincos de pena, a artista está com seus trajes tradicionais antes de uma apresentação como Joelma.

Figura 21 - Joelma Guarani (Tatá)



Fonte: Acervo de Tatá concedido à autora.

4.3.5 Corpas-Territórios em resistência - Acampamento Terra Livre (2022, Brasília-DF)

A última *dançagrafia* que apresento, na verdade, são diversas *dançagrafias*. É o registro de uma das assembleias ocorridas no Acampamento Terra Livre, em 2022, onde a pauta do dia era sobre Indígenas Mulheres.

São apresentados diversos povos, entre eles: Kayapó Xikrin, Krahô, Xavante, mulheres do Vale do Javari e mulheres do Xingu. A entrada desse dia importante de assembleia, sobre questões das indígenas mulheres, se deu com as corpas apresentando suas danças e ritos.

A primeira invasão contra essas corpas-territórios foi em 1500 por meio de um ataque violento a essas existências, sem respeito aos seus conhecimentos e vivências.

Ao refletir sobre essas *dançagrafias* é importante salientar que não há como separar corpa de território, de ancestralidade. A herança ancestral está ali na herança espiritual e na sabedoria coletiva dos seus povos (Baniwa; Mandulão;

Kaingang, 2023, p.7). Através dessa herança a sabedoria de um povo existe e perpetua anos e anos de resistência.

Eliane Potiguara menciona que a herança ancestral traz uma missão a cumprir e questiona quais estratégias e rasteiras devem ser dadas no neocolonizador para despertar a força interior e transformá-la em sabedoria (Potiguara, 2018, p.89). Reflito sobre a dança enquanto um dispositivo para aumentar a qualidade de vida e enquanto luta contra o etnocídio. Essa expressão – a dança – traz a identidade de um povo, é a comunicação gestual e muscular que une seres humanos, e “dão propósito a experiência humana” (McNeill, 1995, p.157, *tradução nossa*).¹³²

No vídeo pode-se ver esse grande ritual de abertura que se faz no corpo. Antes de qualquer palavra a movência é a primeira comunicação. São séculos de violência contra essas corpas-territórios que seguem em passos firmes dançando.

Foi discorrido na Assembleia sobre a violência contra as mulheres indígenas, os estupros e assassinatos de invasores de seus territórios. Essas invasões são relacionadas ao agronegócio e ao garimpo, que aumentam a violência contra a indígena mulher e contra a mãe terra. As notícias de feminicídio e estupro nos territórios indígenas sempre são relacionadas a invasão das terras por garimpeiros e madeireiros¹³³. Até quando?

Grande parte da pauta desse ritual de abertura, além da violência de gênero, foi também sobre o Marco Temporal, a destruição das matas e todas as catástrofes que ocorrem a partir disso. Ailton Krenak (2022, p. 54) discorre sobre a humanidade querer ser eterna, ao passo que está devastando a natureza – “o mundo começou sem os humanos e vai acabar sem a gente”.

Marinete Almeida comenta que para o seu povo, Ye’pa Mashõ, quando alguém faz sua passagem retorna para o colo de sua mãe, que é a Cobra Grande. Mesmo que o planeta seja devastado lá está ela: a grande mãe Cobra esperando seus filhos. A relação que faço aqui com as *dançagrafias* é a potência da dança enquanto força para transmutar-se. Essas corpas estão movendo-se juntas no

¹³² Texto original: “give meaning and purpose to human experience.”

¹³³ Disponível em:

<<https://www.brasildefato.com.br/2022/04/26/garimpeiros-estupram-e-matam-indigena-yanomami-de-12-anos-denuncia-lideranca>> Acesso em novembro de 2023.

tempo ritmicamente. Suas musculaturas estão em uníssono junto a um único propósito: a luta pela terra, a luta pelas suas vidas, pelas vidas de sua comunidade e do planeta.

Por isso a necessidade dessas *dançagrafias* em aldear a política. O Congresso Nacional Brasileiro é majoritariamente branco, dominado pelo agronegócio. Com o julgamento do Marco Temporal abre-se espaço para a destruição dos territórios indígenas, das matas e dos rios, permitindo a invasão contra corpos-territórios. Célia Xakriabá está sendo resistência dentro do Congresso Brasileiro, assim como foi Joênia Wapichana. A força do rezo, junto com o maracá e os passos dados em coletividade, reforça a potência criadora de vida dessas mulheres. A dança é o futuro ancestral contra o genocídio dos povos no Brasil.

Figura 22 - Mulheres Indígenas na Política



Fonte: acervo pessoal.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: AMAZÔNIA

5.1 Considerações: Vermelho Como Brasa

A faísca desta pesquisa ainda vai durar muitos anos, pois o tempo é espiralar assim como os acontecimentos.

Muitas coisas revelaram-se a mim nesse estudo, muita luta que faz parte da minha vida. A luta indígena é contínua, realizada todos os dias e é de todes. Chego nas considerações finais em um formato de carta-desabafo, em uma tentativa espiralar de escrita, a temporalidade se dá conforme os fatos vão ocorrendo.

Nota-se que a dança, para os povos indígenas, é parte das suas vidas. É como se fosse um membro que não está separado: uma tríade entre dança - música - espiritualidade. Junto da espiritualidade e da arte existe a luta contra as violências coloniais, que, para Geni Nuñez:

[...] tem atingido múltiplas esferas da vida, desde a exploração das terras, matança dos rios, extinção de múltiplas espécies até à exploração do território-corpo que somos (Nuñez, 2021, p.1).

Assim sendo, as consequências da colonização podem ser vistas na exploração das florestas e na devastação dos rios que acaba por ocasionar violências contra a vida humana.

As mobilizações indígenas são um meio de combater as violências que são causadas aos povos originários, a devastação do meio ambiente e dos seus territórios. Esses processos contribuem para a tentativa de etnocídio dos povos e para a exploração de corpos-territórios. Os seres humanos – em especial os homens brancos – só perceberão que estão acabando com a humanidade e consigo próprios quando notarem que “não se come dinheiro” (Krenak, 2020, p.8). Graças aos povos originários e aos seus cuidados com a mata ainda existem boa parte de florestas no Brasyl. Se não fosse a preservação dos seus territórios as florestas teriam virado gado e soja.

Nas mobilizações ATL e MMI essas pautas são importantíssimas e a dança e o canto são imprescindíveis para essa luta. Seus ritos são a resistência dos povos,

são eles que preparam e que dão forças junto aos ancestrais para poder lutar contra a colonialidade.

A jovem Tainara Kambeba, em entrevista para a pesquisa de campo, trouxe a seguinte reflexão:

Porque aonde tem aldeia, aonde tem território, aonde tem comunidade tem dança, tem cultura, tem movimentos, então a dança em si é muito importante para todos os povos originários. [...] A dança pro meu povo é muito importante porque a gente tá reafirmando nossa cultura, e a dança ela já vem lá dos nossos antepassados, então a gente carrega a dança como se fosse uma luta.¹³⁴

Se há um povo, há dança e essa dança é a herança da ancestralidade e reafirmação da sua identidade. A dança é inerente às comunidades indígenas, pois ela é parte das suas corpos. Kopenawa (2010, pg.195) conta que a primeira vez que o céu desabou, ele virou o chão e a terra em que se pisa. Então o céu ancestralizou em formato de floresta e a dança deu força aos pés na terra, concedendo a firmeza para lutar.

Para Kelly Guajajara¹³⁵ “a dança também representa luta, fortalecimento e outras demais coisas que a gente precisa na nossa vida”. Para ela, o movimento é um meio de lutar pela demarcação de terras e também um espaço de afeto, diversão e uma expressão que ela “não se imagina sem”. É um espiralar que ativa outros modos de existência.

Tanto no ATL, quanto na MMI, sente-se uma energia muito forte quando os povos começam a dançar. A terra sobe a cada pisada, pintando todas as pessoas presentes da cor da onde viemos - vermelho como brasa. Lembro de cada arrepio sentido, quase que o tempo inteiro, nos dias de mobilização. Sente-se cada espírito presente, cada ancestral, sente-se a alma de todas as pessoas presentes. A expressão do movimento é o pulso do coração, é o pulso da vida. Conecta a todas as pessoas com uma força que não cabe em palavras. Veron, ao falar sobre a organização social e o modo de viver das mulheres do seu povo (Kaiowá Guarani), menciona a dança como um dos meios onde “aprimoramos nosso corpo, ficamos

¹³⁴ Tainara Kambeba. Entrevista concedida a Jéssica Alana Lopes Mendes. Brasília, 12/04/2022.

¹³⁵ Kelly Guajajara. Entrevista concedida a Jéssica Alana Lopes Mendes. Brasília, 13/04/2022.

leves e brilhantes – *JEROKY*” (Veron, 2018, p.32). “O coração é colocado no ritmo da terra” (Krenak, 2022, pg.118) a cada batida de música.

DANÇA É ACURADA TERRA

Figura 23 - III Marcha das Mulheres Indígenas, 2023



Fonte: Acervo pessoal.

5.2 Carta-desabafo

A escrita desta dissertação foi iniciada em 2021. Finalizo agora, em 2023. Muitas mudanças políticas ocorreram: Luiz Inácio Lula da Silva foi eleito presidente; o Ministério dos Povos Indígenas foi criado; Joênia Wapichana tornou-se presidenta da FUNAI.

Também ocorreram novas edições do Acampamento Terra Livre e da Marcha das Mulheres Indígenas. Participei dos dois eventos e vi algumas mudanças significativas, resultantes do contexto político. Ainda há muita luta a ser feita, mas foram demarcados no ATL, pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, seis territórios indígenas: Terra Indígena Arara do Rio Amazônia (AC); Terra Indígena Kariri-Xocó

(AL); Terra Indígena Rio dos Índios (RS); Terra Indígena Tremembé da Barra do Mundaú (CE); Terra Indígena Uneiuxi (AM); e Terra Indígena Avá-Canoeiro (GO).

Figura 24 - Presidente Luiz Inácio Lula da Silva demarcando os seis territórios no ATL



Fonte: Acervo pessoal.

Muitos territórios indígenas ainda precisam de demarcação. No dia 24 de maio de 2023 vários desmontes foram ocorrendo, várias promessas do novo governo não foram cumpridas. Foi aprovado pelo Congresso Nacional uma MP (medida provisória) que esvazia o Ministério do Meio Ambiente e dos Povos Indígenas, ou seja, foi retirado do MPI a competência de tratar questões sobre demarcação de territórios indígenas e do MMA a administração do Cadastro Ambiental Rural (CAR).

Nessa mesma noite de maio foi votado, com 324 votos a favor contra 132, a urgência da votação da PL 490, sobre o Marco Temporal, mais um desmonte. O futuro do meio ambiente e dos povos originários corre perigo.

Lideranças e delegações se preparam para ir no dia 5 de junho a Brasília, para permanecer até o dia 8 de junho para a votação do Marco Temporal. A antecipação da votação coloca diversos povos, como o povo Xokleng e Guarani

Mbya, em risco. A amazônia está em risco, a mata atlântica está em risco, o cerrado está em risco, os biomas estão em risco.

No Acampamento Terra Livre de 2023, que ocorreu em abril, o clima parecia mais ameno. Era como se tudo estivesse caminhando para um futuro em um Brasil sendo construído em respeito e com os povos originários. Mas como pode o governo tirar do MPI o direito de demarcar terras?! A última frase do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em sua visita ao ATL foi: “Até o fim do meu governo, TODOS os territórios indígenas serão demarcados”. Ao ouvir essa promessa, pensei o quanto era grandiosa essa fala. Em menos de um mês o Congresso Nacional abre alas novamente para o retrocesso. Mesmo em um governo mais favorável ao povo, grande parte que compõe o Congresso Nacional é da oposição.

A luta é pela demarcação de território, pelo direito à vida (humana, vegetal e animal). A natureza está sendo destruída pela ganância.

Figura 25 - Em Luta Pelo Território



Fonte: Acervo pessoal.

ATUALIZAÇÃO DA ESCRITA

Novamente escrevo sobre o Marco Temporal. Minhas considerações finais ainda estão sendo redigidas. No dia 30 de maio de 2023 foi aprovado no congresso a PL 490¹³⁶. Falta passar agora pelo senado e depois pelo presidente da república. Acredito que não irá passar.

Na madrugada do dia 29 de maio para o dia 30 de maio de 2023 houve um ato na T.I Jaraguá¹³⁷ contra a PL 490. A vigília iniciou à noite e o ato foi até a manhã seguinte, com fechamento da rodovia Bandeirantes¹³⁸. Ao iniciar a caminhada para a Marginal Tietê¹³⁹, a polícia militar iniciou ataques com bomba de gás e balas de borracha contra as pessoas que estavam no ato e também na Aldeia Pyau¹⁴⁰. Uma ação truculenta.

O ato de fechar a rodovia, feito pelo povo Guarani, deu-se com dança. A resistência se fez pela dança. Não tem como separar a dança e a música do rezo e da luta para os povos indígenas. Na movência encontram-se potências para estar vivas contra o colonialismo. A rodovia estava fechada, o dia foi amanhecendo com a dança do Xondaro. Guerreiros e guerreiras dançavam em frente aos carros parados por conta do protesto.

Nesses momentos vejo o poder da dança, sua transformação em vida e luta. O ambiente é transformado por conta das corpas moventes. Mulheres fazendo a linha de frente, segurando faixas ao mesmo tempo que dançavam, ao marcar com seus pés as suas existências, a existência da mata atlântica e a existência da natureza.

Minha escrita da dissertação iniciou falando sobre a movência de corpas indígenas nas mobilizações Acampamento Terra Livre e Marcha das Mulheres Indígenas (2021, 2022, 2023). Não é dissociado o Marco Temporal dessas manifestações, pois essa era uma das maiores pautas nesses últimos anos.

Com todos esses acontecimentos noto o quanto a dança é transformadora, o quanto a força ancestral dessas movências é um rezo para a vida e pela natureza.

¹³⁶ Veja quem votou a favor e quem votou contra:

<<https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/05/30/marco-temporal-veja-como-votou-cada-deputado.ghlml>>. Acesso em julho de 2023.

¹³⁷ Território Indígena que se localiza na cidade de São Paulo-SP.

¹³⁸ Rodovia que se localiza no estado de São Paulo.

¹³⁹ É uma via expressa da cidade de São Paulo, que interliga as regiões norte, oeste, central e leste. Fica margeado entre o Rio Tietê,

¹⁴⁰ Aldeia que se localiza no Território Indígena Jaraguá, em São Paulo-SP.

A luta ainda continua, a luta ainda continuará. Espero que as próximas notícias sejam que a PL 490 tenha sido derrotada.

Neste momento, ao refletir sobre todos esses acontecimentos e a relação da dança, levanto o seguinte questionamento: quais heranças ancestrais e cognitivas compõem as corpas?

Corpo é todo processo cognitivo e político, nossas corpas são atreladas politicamente de onde viemos e da nossa família. Uma corpa no mundo é um estado de presença, é a presentificação no mundo de forma sensível, que é construída a partir do entorno, seja das pessoas, espaço e também acontecimentos (Katz; Greiner, 2010, p.93).

Ao pensar nas corpas indígenas em luta nas mobilizações, suas danças e ritos vem da conexão ancestral e essa conexão tem uma história. A presença do corpo se dá pela aparição, ou seja, pela forma como é entendida pelo outro no mundo. McNeill (1995, p.30) nos traz a dança como primordial para estar e ser no mundo. Se não fosse a dança como preparação para a caça, provavelmente, seria muito mais difícil conseguir alimento para a sobrevivência. A dança talvez seja o primeiro meio de comunicação entre as corpas e com outros mundos através da movência.

M O B I L I Z A Ç Õ E S
P R E P A R A Ç Ã O
C O M U N I C A Ç Ã O
C O R P A S
A L I M E N T O
P R I M O R D I A L
M O V Ê N C I A
C O M U N I C A R

Figura 26 - Ato na T.I Jaraguá em São Paulo, maio de 2023



Fonte: Acervo pessoal.

ATUALIZAÇÃO DA ESCRITA- QUASE OUTUBRO DE 2023.

Mais uma Marcha das Mulheres Indígenas ocorreu, entre os dias 11 e 13 de setembro de 2023. Estive presente nesta terceira marcha e me sinto feliz por ter participado de todas. Vi as mudanças ocorrerem e o movimento das mulheres e da ANMIGA crescer.

A terceira marcha esteve focada nas questões que passam pelas corpos-território. Luta diária pela questão de ser indígena e pela questão de gênero. Luta por território, que cada dia é mais acirrado. Algumas delegações ficaram para o dia 20 de setembro, onde ocorreu a votação do Marco Temporal (que ao passar pelo senado virou PL 2903/2023).

A votação ocorreu nos dias 20 e 21 de setembro e o Marco Temporal foi derrubado, por hora. Com 9 votos contra e 2 votos a favor, foi favorável anular a tese. Felicidade dos povos. Porém, no mesmo dia, “o Senado protocolou a proposta

da Ementa Constitucional 48 (PEC 48/2023) que prevê a alteração do inciso 1º do artigo 231 da Constituição Federal de 1988” (APIB)¹⁴¹, na tentativa de retomar a votação pelo Marco Temporal. A luta ainda não acabou.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva teve até o dia 20 de outubro para vetar a tese e acabar com ela. Porém, o presidente vetou apenas parcialmente:

Foram vetados o artigo que fixava a tese do marco temporal em 05 de outubro de 1988; a flexibilização da política de não contato com povos isolados e de recente contato; da retomada de áreas indígenas reservadas em caso de “perdas de traços culturais” (perspectiva racista e assimilacionista); da previsão de instalação de postos, bases e equipamentos públicos sem consulta prévia, livre e informada à comunidade indígena afetada; a permissão de cultivo de transgênicos em terras indígenas; e a celebração de contratos entre indígenas e não indígenas para exploração de atividades agrossilvopastoris (APIB, 2023).¹⁴²

Apesar de ser um ato inconstitucional¹⁴³, o Presidente da República vetou apenas parcialmente a tese. Agora a luta é para que se mantenha o veto parcial pelos parlamentares.

A luta indígena é espiralar, ela será contínua, e a dança se faz enquanto um recurso da ancestralidade para continuar existindo.

Que mover-se juntas no tempo seja também para a (r)evolução da política, por mais pessoas indígenas ocupando o Congresso Nacional. Acredito que minha maior utopia é imaginar uma mulher indígena como Presidenta do Brasil e este não é apenas um sonho meu, mas uma reivindicação do movimento das mulheres indígenas, das lideranças indígenas que precisam estar presentes no sistema político, nas universidades, entre outros. Infelizmente, não é a realidade de todas poder estar nas aldeias, já que necessitam ocupar esses espaços brancos para o não genocídio, etnocídio e pelos direitos territoriais que são ameaçados diariamente.

Braulina Baniwa (2019, p.165) discorre sobre a importância de a indígena mulher ocupar a política e a universidade. “No cenário nacional ou local, a pauta de mulheres é pouco discutida, para tanto apresento uma reflexão da ausência ou

¹⁴¹ Saiba mais sobre o Marco Temporal: <<https://apiboficial.org/marco-temporal>>. Acesso em setembro de 2023.

¹⁴² Disponível em:

<<https://apiboficial.org/2023/10/24/entenda-como-ficou-o-pl-2903-apos-o-veto-parcial-do-presidente-lula/>>. Acesso em setembro de 2023.

¹⁴³ É um ato que fere os direitos básicos dos povos originários, indo contra a Constituição Brasileira.

invisibilização dessa luta”. A autora traz a percepção da luta das mulheres indígenas, onde é necessário preservar seus conhecimentos ancestrais e onde “o contato ou perdas de territórios, ataca diretamente o cuidado com o corpo de mulheres indígenas”. Por isso, faz-se necessário elas ocuparem esses lugares, a exemplo de Sônia Guajajara que concorreu a vice-presidência pelo PSOL¹⁴⁴ em 2018.

Que dancem nas universidades, que dancem na política e onde mais suas corpos possam e queiram habitar. Finalizo essa escrita espiralar onde a dança-vida-política se confluem. Uma certeza que fica é que a luta indígena continuará e será junto com a dança, pois só ela possibilita dar as forças necessárias para a existência. A conexão ancestral permanece em continuidade.

Que não seja esquecido também que a luta indígena é pela vida na Terra. A maior área de biodiversidade preservada está nos territórios indígenas¹⁴⁵. Que a dança permita não desabar o céu, e que sonhar seja contínuo. Essa carta-espiralar é um lembrete de que a movência é como uma planta em busca do sol, em busca da vida. Por isso te convoco: Espero você nas mobilizações indígenas, conhecendo, na escuta ativa do que ocorre com os povos e o planeta, construindo juntas, pois...

Figura 27 - Espiral



Fonte: Desenho da autora.

¹⁴⁴ Partido Socialismo e Liberdade é um partido político brasileiro, fundado em junho de 2004.

¹⁴⁵ Disponível

em:<<https://www.ecycle.com.br/territorios-indigenas-sao-os-maiores-responsaveis-pela-preservacao-d-e-florestas-no-brasil/>>. Acesso em outubro de 2023.

A

Figura 28 - Mulheres Munduruku em Luta



Fonte: Acervo pessoal.

LUTA

Figura 29 - Mobilização de 2022



Fonte: acervo pessoal.

INDÍGENA

Figura 30 - Mulheres em Luta na III MMI 2023



Fonte: Acervo pessoal.

É

Figura 31 - Werymehe Braz Patashoop



Fonte: acervo pessoal.

DE

Figura 32 - Mobilização, 2022



Fonte: Acervo pessoal.

TODES

Figura 33 - Luta pela Mãe Terra, 2021



Fonte: acervo pessoal

A
LUTA
INDÍGENA
É
DE
TODES

REFERÊNCIAS

- ANGATU, Casé. Carama suí ìe'emonguetás ìe'engaras: Carubas Moemas ìe'engas: (Re)Existências Indigenamente Decoloniais. In: DORRICO, Julie. **Literatura Indígena Brasileira Contemporânea: Autoria, Autonomia, Ativismo**. Porto Alegre: Editora Fi, p. 61-72, 2020.
- APIB; FLACSO BRASIL. **Revista Acampamento Terra Livre 2022**, v. 3. Disponível em: <https://apiboficial.org/files/2022/06/ATL2022_REVISTA_v3.2.pdf>. Acesso em janeiro de 2023.
- AYRES, A. D., *et al.* A Interpelação das Mulheres Indígenas sobre a Conservação de seus Territórios. **Revista Habitus - Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia**, Goiânia, Brasil, v. 21, n. 1, p. 34–51, 2023.
- BACHELARD, Gaston. **A Poética do espaço**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BANIWA, Braulina Aurora. "Mulheres e Território: Reflexão sobre o que Afeta a Vida das Mulheres Indígenas Quando os Direitos Territoriais são Ameaçados. **Vukápanavo: Revista Terena**, vol. 1, no. 1, 2019, pp. 165-170.
- BANIWA, Braulina; TIKUNA, Iury. Salvação e violação das “almas” no apagamento de nossas histórias: a religião e o genocídio silencioso entre os Tikuna e os Baniwa. In: Braulina *et al.* **Genocídio Indígena e Políticas Integracionistas: Demarcando a Escrita no Campo da Memória, Negacionismo Histórico e Genocídio Indígena no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Instituto de Políticas Relacionais, 2021. p. 100-120.
- BARBOZA, Myrian Sá Leitão; TUKANO, Larissa Duarte Ye'padiho; WAIWAI, Jaime Xamen. “Corpoterritorialização” Katukina: lampejos etnográficos sob as perspectivas femininas indígenas. **Amazônica-Revista de Antropologia**, v. 11, n. 2, 2019.
- BENITES, Sandra. **Viver na Língua Guarani Nhandewa (Mulher Falando)**. Dissertação de mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018, 93 páginas.
- BOULOS, Alfredo Junior. **História, Sociedade & Cidadania: 7º ano: ensino fundamental: anos finais**. 4. ed - São Paulo: FTD, 2018.
- BRANDÃO, Juliana. **Resiliência: de que se trata?: o conceito e suas imprecisões**. Dissertação de mestrado em Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, 2009, 137 páginas.

- BRANDÃO, Juliana, *et al.*. A construção do conceito de resiliência em psicologia: discutindo as origens. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 2011, vol. 21, p. 263-271.
- CABRAL, Rafael Ribeiro. **Teia de Pykatôti**: um estudo da corpografia mēbêngôkré do Rio Fresco na Amazônia Brasileira. Ano 2017. Dissertação - Mestrado em Artes, Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará. Belém do Pará, 2017.
- COCCIA, E. **Metamorfoses**. São Paulo: Dantes, 2020.
- GREINER, Christine. **O corpo**: pistas para estudos indisciplinados. São Paulo: Annablume, 2005.
- GREINER, Christine. **O corpo em crise**: novas pistas e o curto-circuito das representações. São Paulo: Annablume, 2010.
- HIPAMAALHE. **O desafio sociocultural de mulheres Baniwa na contemporaneidade**: análise e reflexão sobre as práticas de saberes indígenas, formação, educação e cuidado com o corpo. 2018. 82 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais)—Universidade de Brasília, Brasília, 2018.
- JECUPÉ, Kaka Werá. **A Terra dos Mil Povos**: História Indígena do Brasil contada por um Índio. 2. ed. São Paulo: Peirópolis, 2020. 130 p.
- KAINGANG, Joziléia, *et al.* **Mulheres: Corpos-Territórios Indígenas em Resistência**. – Porto Alegre: Fundação Luterana de Diaconia : Conselho de Missão entre Povos Indígenas, 2023.
- KARIRI, Rafael Xucuru; COSTA, Suzane Lima. **Cartas para o Bem Viver**. Salvador: Boto-cor-de-rosa livros arte e café / paraLeLo13S, 2020. 303 p.
- KATZ, Helena. Corpar. Porque corpo também é verbo. **Coisas Vivas. Fluxos que informam**, São Paulo, ano 2021, v. 4, p. 19-30, 2021.
- KOPENAWA, Davi e BRUCE, Albert. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Editora: Companhia das Letras, 2019.
- KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. 1º ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

- KRENAK, Ailton. De Ailton Krenak para quem quer cantar e dançar para o céu. In: KARIRI, Rafael Xucuru; COSTA, Suzane Lima. **Cartas para o Bem Viver**. Salvador: Boto-cor-de-rosa livros arte e café / paraLeLo13S, p.20-22, 2020.
- KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Editora: Companhia das Letras, 2022.
- LUNA, Sávio Jordan Azevedo de. **A narrativa corporificada na dança: Um caminho para a resiliência e a resignificação do indivíduo**. 2018. 200 p. Tese de Doutorado em Estudos da Linguagem - UFRN, Rio Grande do Norte, 2018.
- MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. 1. Edição. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- MENDES, M. S. R. **Xondaro** – uma etnografia do mito e da dança guarani como linguagens étnicas. Dissertação (Mestrado em comunicação social). Universidade do Sul de Santa Catarina, p. 163. 2006.
- MONTARDO, Deise Lucy Oliveira. **Através do Mbaraka: Música, Dança e Xamanismo Guarani**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. 304 p.
- NUÑEZ, Geni. "Descolonização do pensamento psicológico." **Revista Plural: Valorização profissional em tempo de 'novas' práticas em psicologia**, Ano II, nº 2, Criciúma-SC: Apex, 2019.
- NUÑEZ, Geni. "Monoculturas do pensamento e a importância do reflorestamento do imaginário." **Revista ClimaCom**, Diante dos Negacionismos, ano 8, no. 21, 2021.
- NÚÑEZ, Geni.; CÁCERES, N. Artesanato Narrativo e as Teias da Palavra: Perspectivas Guarani de Resistência. **Revista Feminismos**, [S. l.], v. 10, n. 2 e 3, 2022.
- NYN, João. O Teatro como Contracolonização Tupy-Guarany Nhanduruwa. In: TERENA, Naine *et al.* **Teatro e os Povos Indígenas: Janelas Abertas para a Possibilidade**. 1. ed. São Paulo: n-1 edições, 2022. p. 25-35.
- PACHAMAMA, Aline Rochedo. **Guerreiras: mulheres indígenas na cidade, mulheres indígenas da aldeia**. Pachamama Editora. Rio de Janeiro, 2018.
- PACHAMAMA, Aline Rochedo. Mbaima Metlon: Narrativas de mulheres indígenas em situação urbana. **Ekstasis: revista de hermenêutica e fenomenologia**, Rio de Janeiro, v. 8, n.2, p. 134-150, 2019.

- POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara**. Rio de Janeiro: Grumin, 2018. 160 p.
- QUIJANO, Aníbal, et al. **Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina**. Buenos Aires: Clacso, 2000.
- RESTREPO, E., & ROJAS A. **Inflexión decolonial: fuentes, conceptos y cuestionamientos**. Colombia: Ed. Universidad del Cauca, Popayán, 2012.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006.
- RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. 1. ed. São Paulo: Pólen, 2017.
- SAIDEL, Henrique. **As artes do cover: performance para além da cópia e do original**. Rio de Janeiro: POP LAB, 2019.
- SANTOS, Lucas Keese do. **A Esquiva do Xondaro: Movimento e Ação Política Guarani Mbya**. 1. ed. São Paulo: Elefante, 2021.
- SCHUBERT, Arlete Pinheiro. **Lutas Territoriais Tupinikim: Saberes e Lugares Conhecidos**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2018
- SOARES, Milena Dugcsek. **Do Nhamandu Mirim ao Nhe'e Amba: um reestudo etnomusicológico de um repertório Mbya Guarani**. 2016. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pelotas.
- SOUZA, Ismael. **NHAMANDU: Histórias e Narrativas Guarani**. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História, Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, Florianópolis, 2018, 61 páginas.
- TIQQUN. **Contribuição para a guerra em curso**. São Paulo: N-1 edições, 2019.
- TUPINAMBÁ, Juliana; TUPINIKIM. A história se repete: genocídio indígena por doenças do Karaíba. In: BRAULINA *et al.* **Genocídio Indígena e Políticas Integracionistas: Demarcando a Escrita no Campo da Memória, Negacionismo Histórico e Genocídio Indígena no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Instituto de Políticas Relacionais, 2021. p. 78-99.
- TUXÁ, Felipe; BANIWA. Negacionismo histórico e genocídio indígena no Brasil. In: BRAULINA *et al.* **Genocídio Indígena e Políticas Integracionistas: Demarcando a Escrita no Campo da Memória, Negacionismo Histórico e Genocídio Indígena no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Instituto de Políticas Relacionais, 2021. p. 22-33.

VIEIRA, Vislandes Bonfim. **Formação Intercultural para Educadores Indígenas: A importância do canto dentro do ritual Awê Pataxó**. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2016, 49 páginas.

Referências de vídeos

KRENAK, Ailton. ÁGORA Grupo de Pesquisa. **III Seminário de pesquisa - Avivamentos Poéticos no Aqui Agora - Palestra: Ailton Krenak (MG)**. Youtube, 29 de outubro de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KOfa08akz6M>>

KRENAK, Ailton. CLACSO TV. **“Las culturas hegemónicas tratan de imponer su monocultura sobre la tierra”**. Youtube, 22 de outubro de 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=x99QIBzd9Qc>>

MENDES, Alana. **II Marcha das Mulheres Indígenas**. Youtube, 03 de dezembro de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fzxFy8rl_Wg>

MENDES, Alana. **Corpa Escleromorfa**. Youtube, 28 de junho de 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=unKT5PWPayg>>

MENDES, Alana. **Corpa Política**. Youtube, 11 de março de 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JoGrsbAl2mU>>

MENDES, Alana. **Corpas-Territórios em resistência**. Youtube, 23 de agosto de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p0R75_zOD3c>

MENDES, Alana. **Força Ancestral Contra as Políticas de Morte**. Youtube, 11 de março de 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hOGVCPOFI90>>

MENDES, Alana. **Joelma Guarani**. Youtube, 23 de agosto de 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aMDQ8grRv-l>>

MENDES, Alana. **Marcha ATL 2023**. Youtube, 17 de maio de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-AYqTY_XK3M>

MENDES, Alana. **Marcha das Mulheres Indígenas 2023**. Youtube, 14 de outubro de 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GuU5OyBqwEQ>>

MENDES, Alana. **Moveres Resilientes**. Youtube, 08 de novembro de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DVI-Y_Jd9PE>

MENDES, Alana. **Mulheres Sementes, Mulheres Árvores**. Youtube, 11 de março de 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rcJl2b2l2ro>>

MENDES, Alana. **Tauan Terena explicando sobre a música nas danças Terena**. Youtube, 03 de dezembro de 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GmAbmoeG04I>>

PAPA, Carlos. SELVAGEM ciclo de estudos sobre a vida. **JEROKY**. Youtube, 29 de novembro de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mlipzvcQ9wM&t=35s>>

PEREIRA, Ari. Etnia Tambor. **O Maracá do Povo Pataxó**. Youtube, 28 de julho de 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XvyVRuCYESM>>

Referências de filmes

A Última Floresta. Direção: Luis Bolognesi. Gullane; Buriti Filmes. Brasil, 2021.

EX-Pajé. Direção: Luis Bolognesi. Gullane Entretenimento. Brasil, 2018.

SOMOS os Guardiões. Direção: Chelsea Greene, Edivan Guajajara, Rob Grobman. Appian Way. Brasil/Estados Unidos. 2023.

Whera Tupã e o Fogo Sagrado. Direção: Rafael Coelho. Produção Filmes do Fogo. Direção: Rafael Coelho. Brasil, 2021.

Pessoas Entrevistadas

FAUSTINO, Tamikuã. Entrevista sobre dança nas mobilizações indígenas. Mendes, Alana. Brasília, 2022.

FULNI-Ô, Salma Nudhya. Entrevista sobre dança nas mobilizações indígenas. Mendes, Alana. Brasília, 2022.

GUAJAJARA, Kelly. Entrevista sobre dança nas mobilizações indígenas. Mendes, Alana. Brasília, 2022.

GUAJAJARA, Noro. Entrevista sobre dança nas mobilizações indígenas. Mendes, Alana. Brasília, 2022.

KAMBEBA, Rosa. Entrevista sobre dança nas mobilizações indígenas. Mendes, Alana. Brasília, 2022.

KAMBEBA, Tainara. Entrevista sobre dança nas mobilizações indígenas. Mendes, Alana. Brasília, 2022.

KAYAPÓ, Axuapé. Entrevista sobre dança nas mobilizações indígenas. Mendes, Alana. Brasília, 2022.

MATOS, Valdineia. Entrevista sobre dança nas mobilizações indígenas. Mendes, Alana. Brasília, 2022.

ROCHA, Ana Liz. Entrevista sobre dança nas mobilizações indígenas. Mendes, Alana. Brasília, 2022.

SANTOS, Mateus dos. Entrevista sobre dança nas mobilizações indígenas. Mendes, Alana. Brasília, 2022.

TERENA, Gabrielle. Entrevista sobre dança nas mobilizações indígenas. Mendes, Alana. Brasília, 2022.

TERENA, Isabella. Entrevista sobre dança nas mobilizações indígenas. Mendes, Alana. Brasília, 2022.

TERENA, Tauan. Entrevista sobre dança nas mobilizações indígenas. Mendes, Alana. Brasília, 2022.

APÊNDICE

Roteiro de entrevista semiestruturada para as pessoas entrevistadas no Acampamento Terra Livre, em Brasília-DF, em 2022.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE DANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DANÇA**

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA: INDÍGENAS PRESENTES NO ACAMPAMENTO TERRA LIVRE, BRASÍLIA-DF, 2022.

Data: ___/___/___

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

Nome: _____

Nome como consta no RG: _____

Idade: _____

Escolaridade: _____

Ocupação: _____

Etnia: _____

Gênero: _____

Endereço/É aldeada (o)? Se sim, qual aldeia?: _____

Contato: _____

PERGUNTAS

1. Você gosta de Dançar? O que você entende por dança?
2. Qual a importância a dança tem para você?
3. Qual a importância a dança tem para a sua etnia?
4. Conte um momento marcante da dança para você.
5. Qual a importância da dança para o ATL e MMI?
6. Você considera a dança como ativadora de outras formas de existência e de estratégia política também?
7. Para você faz sentido associar a dança como resiliência? O que você entende sobre isso?
8. Qual a relação da dança nas mobilizações indígenas?
9. Gostaria de dizer algo a mais?

**ANEXO A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE):
Entrevistas com pessoas indígenas no Acampamento Terra Livre, Brasília,
2022.**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE DANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DANÇA**

Eu, _____, portadora (o) do
RG _____, CPF _____, autorizo a
pesquisadora Jéssica Alana Lopes Mendes a utilizar os dados coletados através
da entrevista realizada para a sua pesquisa de Mestrado do Programa de
Pós-Graduação em Dança da Universidade Federal da Bahia (UFBA), intitulada
CORPAS RESILIENTES DANÇAGRAFIAS NOS MOVIMENTOS SOCIAIS
INDÍGENAS, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Márcia Virgínia Mignac da Silva
(PPGDança - UFBA). Declaro ainda, que entendi os objetivos e benefícios desta
pesquisa e concordo em participar espontaneamente. A coleta de dados será
realizada através de entrevistas individuais, em ambiente reservado no qual seja
garantida a privacidade e o sigilo.

Para participar deste estudo você não receberá qualquer vantagem financeira,
nem terá nenhum custo. Desta forma, a pesquisa não acarretará custos ou
despesas para as participantes. Sua participação é voluntária, caso haja algum
constrangimento frente a algumas perguntas existentes, você terá total liberdade
para não responder, retirar seu consentimento ou interromper a entrevista em
qualquer momento.

As informações fornecidas poderão, mais tarde, ser utilizadas para trabalhos científico-acadêmicos e sua identificação será feita de acordo com sua anuência e aprovação prévia (constante nesse Termo), assegurando-lhe total confidencialidade e sigilo quanto à identidade (caso seja indicado).

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais de igual teor. Todas as vias deverão ser assinadas. Uma via será arquivada pela pesquisadora responsável, e a outra será fornecida a você. A pesquisadora tratará sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução N° 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Brasília, __/__/__

Assinatura da participante

Assinatura da pesquisadora

ANEXO B - FOTOGRAFIAS DAS PESSOAS ENTREVISTADAS E DO ATL E MMI DOS ANOS DE 2021, 2022 E 2023.

Figura 34 - Entrevistada Isabella Terena



Fonte: Acervo de Isabella Terena, concedido à autora.

Figura 35 - Entrevistada Kelly Guajajara



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 36 - Entrevistada Rosa Kambeba



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 37 - Entrevistada Tainara Kambeba



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 38 - Entrevistado Tauan Terena



Fonte: Acervo de Tauan, concedido à autora

Figura 39 - Entrevistada Gabi Terena



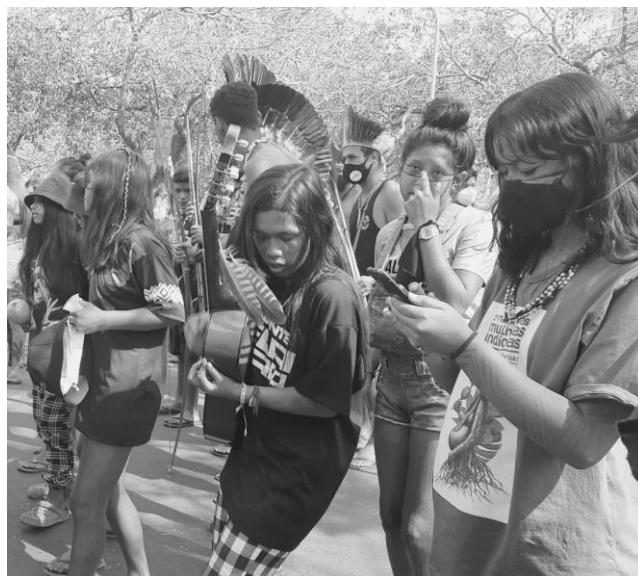
Fonte: Acervo de Gabi, concedido à autora

Figura 40 - Entrevistado Axuapé Kayapó



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 41 - Povo Guarani



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 42 - Lideranças Indígenas Mulheres do Povo Guarani: Ju Kerexu e Sônia Barbosa



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 43 - Foto da Autora



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 44 - Mãe



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 45 - Mães



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 46 - Rezo pela Cura da Terra



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 47 - Mulheres Sementes



Fonte: Acervo pessoal.